



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
CLÉDSON MENDONÇA JUNIOR

(IM)PERFECTIVIDADE EM MEBÊNGÔKRE (KAYAPÓ)

RIO DE JANEIRO

2024

CLÉDSON MENDONÇA JUNIOR

(IM)PERFECTIVIDADE EM MEBÊNGÔKRE (KAYAPÓ)

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do Título de Doutor em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula Quadros Gomes

RIO DE JANEIRO

2024

CIP - Catalogação na Publicação

M539(Mendonça Junior, Clédson
(Im)perfectividade em Mebêngôkre (Kayapó) /
Clédson Mendonça Junior. -- Rio de Janeiro, 2024.
109 f.

Orientadora: Ana Paula Quadros Gomes.
Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio
de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós
Graduação em Linguística, 2024.

1. Mebêngôkre (Kayapó). 2. Semântica formal. 3.
Línguas indígenas brasileiras. 4. Aspecto gramatical.
I. Quadros Gomes, Ana Paula, orient. II. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Clédson Mendonça Junior

(IM)PERFECTIVIDADE EM MEBÊNGÔKRE (KAYAPÓ)

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do Título de Doutor em Linguística.

Aprovada em: ____/____/____

Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula Quadros Gomes

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Prof. Dr. Gean Nunes Damulakis

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Profa. Dra. Jaqueline dos Santos Peixoto

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Profa. Dra. Luciana Sanchez-Mendes –

Universidade Federal Fluminense – UFF

Profa. Dra. Roberta Pires de Oliveira –

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Ao meu querido tio,
Alaor Mendonça Fonseca
(in memoriam).

AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa não teria sido possível sem a participação de diversas pessoas, às quais devo meus sinceros agradecimentos. Primeiramente, gostaria de agradecer à minha família pelo apoio incondicional em todos os momentos de estudo, pelos períodos em que estive ausente e aguardaram ansiosamente o meu retorno, pelo incentivo durante o doutorado e o concurso na Unifesspa, pelas horas de escrita da tese e pelas palavras de encorajamento e determinação.

Em segundo lugar, agradeço a todos que me apoiaram nos estudos: aos professores da Unifesspa, UFRJ e UFF, ao grupo GELI na USP, ao grupo (In)definitude em línguas sub-representadas, liderado por Roberta Pires de Oliveira, aos colegas da graduação, mestrado e doutorado, aos amigos do cotidiano e àqueles que, mesmo não estando presentes com frequência, sempre demonstraram felicidade pelo meu progresso.

Agradeço também aos parentes que me incentivaram a continuar. Em especial, agradeço ao meu tio Alaor (in memoriam), que, antes de partir, expressou seu orgulho em ver um sobrinho alcançar o doutorado, o primeiro da nossa família (Mendonça) a conquistar esse título. Com suas três graduações e autodidata em várias ciências, ele nunca hesitava em demonstrar satisfação. Agradeço à minha tia Tânia, sua esposa, por suas palavras de apoio e orgulho.

Um agradecimento especial à minha esposa, Claudiane, que sempre esteve ao meu lado, pronta para ajudar nos momentos em que precisei.

Agradeço também à minha orientadora, Ana Quadros, por toda a orientação, incentivo, fé e determinação, por acreditar em mim e ser um verdadeiro guia na universidade. À Alfredo D. Almeida pelos ensinamentos sobre o *word*, pela revisão e edição do texto, pelos detalhes que certamente qualificam e conferem melhorias significativas à tese. Eu não teria chegado até aqui sem essa ajuda. São pessoas assim que moldam nossa vida e nos dão forças para enfrentar os desafios diários.

Gostaria de expressar minha profunda gratidão aos professores da banca por gentilmente aceitarem o convite e por suas valiosas contribuições para o aprimoramento do texto em sua versão final. Também agradeço por apontarem lacunas importantes, que poderão servir como base para pesquisas futuras.

Por fim, agradeço aos Mebêngôkre, que sempre me ajudaram na pesquisa, compartilhando o conhecimento da língua e da cultura com um sorriso no rosto e palavras de alegria ao ver alguém dedicado a aprender os saberes de seu povo. Em nome de Bepmrãxti, Ngrwaràti, Irerwỳk, Bàydjêti, ‘Ykarỳr, Tàkàkrã, Tàkàkma e Betire, agradeço a todos os Mebêngôkre por me ensinarem sobre a língua Mebêngôkre e contribuírem com esta pesquisa.

RESUMO

MENDONÇA JUNIOR, Clédson. **(Im)perfectividade em Mebêngôkre (Kayapó)**. Rio de Janeiro, 2024. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2024

Esta pesquisa oferece uma visão sobre a semântica aspectual em Mebêngôkre (família Jê, tronco Macro-Jê), uma língua falada nos estados do Pará e Mato Grosso. Em São Félix do Xingu, no Pará, há cerca de 2.120 falantes, distribuídos em mais de 30 aldeias. Embora já existam estudos sobre a língua (Stout e Thomson, 1974; Silva, 2001; Salanova, 2007; Costa da Silva, 2015; Menezes, 2018; Mendonça Junior, 2021), o sistema aspectual ainda não está totalmente compreendido. Pesquisas anteriores descrevem que a língua distingue entre futuro e não-futuro, além de expressar o aspecto gramatical por meio de partículas que ocupam diferentes posições sintáticas. No entanto, ainda não está totalmente claro quais são essas partículas e como elas interagem com outros elementos na estrutura da sentença. O objetivo desta pesquisa é entender como a língua faz a distinção entre os aspectos perfectivo e imperfectivo, mapeando os operadores e as marcas gramaticais que expressam o aspecto de ponto de vista em Mebêngôkre. A descrição e a análise fundamentam-se nos pressupostos da Semântica Formal, conforme descritos por Gomes e Sanchez-Mendes (2018) para o português brasileiro, e nas concepções de tempo e aspecto propostas por Klein (1994). A metodologia adotada é a elicitación controlada, que envolve a coleta de dados por meio de entrevistas com falantes nativos da língua e a utilização de contextos definidos por meio de linguagem verbal ou não verbal (como imagens ou cenários). Esse método é amplamente consolidado no estudo de línguas indígenas, conforme demonstrado por Matthewson (2004) no Canadá, e no Brasil por Sanchez-Mendes (2014) e Mendonça Junior (2021). Os resultados indicam que a língua marca gramaticalmente o aspecto por meio de auxiliares na sentença, que interagem com as formas verbais (finita e não finita). No entanto, ainda é necessário compreender com maior precisão a natureza sintática e a distribuição desses auxiliares, sobretudo no imperfectivo. A relevância desta pesquisa reside em sua contribuição para o entendimento do sistema aspectual de línguas sub-representadas na literatura linguística e ainda pouco investigadas pela linguística formal. Além disso, os dados obtidos fornecerão subsídios para a elaboração de um livro didático sobre a semântica do Mebêngôkre, língua reconhecida como cooficial no município de São Félix do Xingu-PA.

Palavras-chaves: Mebêngôkre (Kayapó); Semântica Formal; Línguas Indígenas Brasileiras; Aspecto Gramatical.

ABSTRACT

MENDONÇA JUNIOR Clédson. **(Im)perfectividade em Mebêngôkre (Kayapó)**. Rio de Janeiro, 2024. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2024

This research provides an insight into the aspectual semantics of Mebêngôkre (Jê family, Macro-Jê stock), a language spoken in the states of Pará and Mato Grosso, Brazil. In São Félix do Xingu, Pará, there are approximately 2,120 speakers distributed across more than 30 villages. Although previous studies on the language exist (Stout & Thomson, 1974; Silva, 2001; Salanova, 2007; Costa da Silva, 2015; Menezes, 2018; Mendonça Junior, 2021), the aspectual system has not yet been fully understood. Previous research indicates that the language distinguishes between future and non-future and expresses grammatical aspect through particles that occupy different syntactic positions. However, it remains unclear which particles are involved and how they interact with other elements in sentence structure. The aim of this study is to understand how the language differentiates between perfective and imperfective aspects, mapping the operators and grammatical markers that express viewpoint aspect in Mebêngôkre. The description and analysis are grounded in the principles of Formal Semantics, as described by Gomes and Sanchez-Mendes (2018) for Brazilian Portuguese, and the notions of tense and aspect proposed by Klein (1994). The methodology adopted is controlled elicitation, which involves collecting data through interviews with native speakers and using contexts defined through verbal or non-verbal language (such as images or scenarios). This method is well-established in the study of Indigenous languages, as demonstrated by Matthewson (2004) in Canada and in Brazil by Sanchez-Mendes (2014) and Mendonça Junior (2021). The results indicate that the language grammatically marks aspect through auxiliaries in the sentence, which interact with verb forms (finite and non-finite). However, further research is needed to better understand the syntactic nature and distribution of these auxiliaries, particularly in the imperfective aspect. The relevance of this research lies in its contribution to understanding the aspectual system of underrepresented languages in linguistic literature and those still insufficiently explored by formal linguistics. Moreover, the findings will provide resources for the development of a didactic textbook on the semantics of Mebêngôkre, a language recognized as co-official in the municipality of São Félix do Xingu, Pará.

Keywords: Mebêngôkre (Kayapó); Formal Semantics; Brazilian Indigenous Languages; Grammatical Aspect.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Sistemas de caso mais comuns nas línguas naturais.	27
Figura 2: Sistemas de caso (cindido) nominativo-absolutivo.....	29
Figura 3 - Termos mínimos da oração em Kayapó.....	31
Figura 4 - Estrutura subjacente da língua.	32
Figura 5: Exemplo de oração transitiva com o objeto referenciado.	33
Figura 6 – Exemplo de oração com o advérbio <i>aròm</i> ‘já’ em posição de foco.	33
Figura 7 – Exemplo de oração com o advérbio <i>akati-bê</i> ‘amanhã-em’ em posição de foco....	33
Figura 9 – Exemplo de oração com o ‘continuativo presente’.	34
Figura 10 – Exemplo de oração com o ‘continuativo completivo’.	34
Figura 11 – Proposições com o mesmo sujeito ou mesmo referente em foco.....	35
Figura 12 - Proposições com sujeitos ou referentes diferentes em foco.	35
Figura 13 – Exemplo de proposição com acontecimentos em diferentes pontos da linha do tempo.	35
Figura 14 – Proposições com o sentido equivalente.....	36
Figura 15 – Exemplo de proposição com expressão de conveniência.	36
Figura 16 - Proposição com propósito não-evidente.....	36
Figura 17 – Exemplo de proposição com propósito evidente.	36
Figura 18 – Exemplo de proposição preventiva.	37
Figura 19 – Exemplo de proposição de iminência.	37
Figura 20 – Exemplos de prospectivo em Mebêngôkre.	44
Figura 21 – Cisão de caso entre sentenças subordinadas e principais.....	48
Figura 22 – Hierarquia do aspecto em Mebêngôkre.....	49
Figura 23 – Posições sintáticas na língua Mebêngôkre.....	49
Figura 24 – Momentos demarcados na linha do tempo.....	57
Figura 25: Divisão aspectual de Comrie.....	62
Figura 26 – O TSit está incluído no TT.	63

Figura 27 - (TT está incluído no TSit).....	63
Figura 28 - (TT está após TSit).....	64
Figura 29 - (TT está antes de TSit).....	64
Figura 30 – Expressão do aspecto perfectivo.	79
Figura 31 – Expressão do aspecto perfectivo com o advérbio <i>kryrà̀m</i> ‘cedo’.	79
Figura 32 – Expressão do aspecto perfectivo no futuro.	81
Figura 33 – Expressão do aspecto imperfectivo.....	82
Figura 34: A expressão do aspecto perfectivo	83
Figura 35 - (TT está incluído no TSit).....	85

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Vogais orais da língua Mebêngôkre (Kayapó).....	22
Quadro 2 – Vogais nasais da língua Mebêngôkre (Kayapó).....	22
Quadro 3 – Consoantes da língua Mebêngôkre (Kayapó).....	23
Quadro 4 – Pronomes em Mebêngôkre.	27
Quadro 5 – Divisão dos verbos em Mebêngôkre conforme a configuração aspectual.....	46
Quadro 6 – Contextos diferentes para interpretação da sentença.....	55
Quadro 7: Sistema TAM na língua Mebêngôkre (Kayapó)	102

LISTA DE SIGLAS

Glosa de estudos anteriores :

1p – primeira pessoa do singular
2 – segunda pessoa do singular
2p – segunda pessoa do singular
3p – terceira pessoa do singular
3p terceira pessoa do singular
3SG – terceira pessoa do singular
ABS – absoluto
AC - acusativo
ADV – adverbial
aux – auxiliar
COMP – completivo
compl – completivo
DEM - demonstrativo
ERG – ergativo
FOC – foco
imin - iminente
INCOMPL – incompletivo
inten – intencional.
MI – modo irrealis
N. nominal
NEG – negação
NLZ – nominalizador
NOM – nominativo
obj – objeto
OBL – obliquo
PASS – passado
pl – plural
PROSPEC – prospectivo
R – relacional
ref – reflexivo
RLS – realis
Sg – singular
suj – sujeito
tv – tempo verbal
V - verbo

Glosa do presente estudo:

1Pt – primeira pessoa participativa
1Erg – primeira pessoa ergativa
1P – primeira pessoa posse
1Sg – primeira pessoa do singular
2Sg – segunda pessoa do singular
3 – terceira pessoa singular/plural
Asp – aspecto
Conj – conjunção
Cont – contínuo
Dat – dativo
Def - definido
Dem – demonstrativo
Dim - diminutivo
Dir – diretivo
Ev. – evidencial
f. – finito
Fut – Futuro
Hum-FEM – humano feminino
In – indefinido
Inc – inclusivo
Int - interrogativo
Loc – locativo
M – marcador
masc – masculino
Ms – mesmo sujeito
Neg – negação
nf. – não-finito
Nfut – não-futuro
Nzl – nominalizador
Ins - instrumento
Part – partícipio
Pass Rem – passado remoto
PL – plural
Pli – plural limitado
pos – posicional
Pros – prosódia
Rec – recíproco
Ref. – referencial
v. – verbo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
ASPECTO DE PONTO DE VISTA NAS LÍNGUAS NATURAIS	15
SITUAÇÃO DA LÍNGUA E DO POVO MEBÊNGÔKRE.....	18
ASPECTOS GERAIS DA LÍNGUA MEBÊNGÔKRE (KAYAPÓ)	22
1. OS ESTUDOS SOBRE TEMPO, ASPECTO E MODO NA LÍNGUA MEBÊNGÔKRE.....	30
2 A SEMÂNTICA FORMAL	55
2.1 TEMPO E ASPECTO NA SEMÂNTICA FORMAL	58
2.2 A COLETA DE DADOS	65
3 A SEMÂNTICA TEMPORAL DO MEBÊNGÔKRE (KAYAPÓ).....	70
4 A (IM)PERFECTIVIDADE EM MEBÊNGÔKRE (KAYAPÓ)	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	104
REFERÊNCIAS	106
OBRAS CONSULTADAS.....	109

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa tem como foco descrever como falantes de uma língua indígena brasileira, o Mebêngôkre, mais conhecido na literatura como Kayapó, fazem a distinção aspectual entre perfectivo e imperfectivo nas sentenças. A teoria de análise é a Semântica Formal (SF), um ramo da linguística que se dedica a entender e modelar a interpretação de significados linguísticos por meio de condições de verdade, descritas em Gomes e Sanchez-Mendes (2018). No âmbito dessa teoria, o estudo do aspecto gramatical desempenha um papel crucial na representação precisa da expressão de temporalidade e modalidade nas línguas naturais. Isso pode envolver a introdução de variáveis ou operadores que capturem informações sobre a duração, continuidade e conclusão de eventos. No entanto, há desafios inerentes a essa empreitada. As línguas naturais apresentam uma variedade enorme de estruturas e expressões de aspecto gramatical, tornando complexa a tarefa de criar modelos universais que se apliquem a todas as línguas (Cohen, 1989). Além disso, a interação entre aspecto gramatical e outros componentes linguísticos, como a morfologia e a sintaxe, adiciona camadas de complexidade. Um caminho promissor para superar esses desafios emerge da descrição detalhada de línguas sub-representadas, como as indígenas. Essas línguas, muitas vezes, apresentam características únicas em termos de como marcam o aspecto gramatical, e sua análise aprofundada pode proporcionar dados cruciais para o desenvolvimento de modelos mais abrangentes e inclusivos. Os estudos na área podem contribuir para a descrição de padrões gramaticais específicos e estratégias de expressão temporal e aspectual que não são evidentes em línguas tradicionalmente mais estudadas, como o inglês e o português. Além disso, podem fornecer dados que desafiam ou refinam as teorias existentes, estimulando uma revisão crítica das ferramentas conceituais utilizadas na Semântica Formal (Gomes, 2015). Ao examinar as propriedades gramaticais dessas línguas, algumas soluções para problemas teóricos existentes, bem como a identificação de lacunas em modelos semânticos convencionais, podem emergir. Segundo Von Stechow e Matthews (2007), há ainda muito trabalho a ser feito para definir os limites da variação linguística nessa área de estudos.

O Mebêngôkre é uma língua falada no norte do Brasil, na região amazônica. Compreender como a língua distingue a (im)perfectividade não apenas contribui para o avanço teórico em linguística, mas também tem um valor prático para os Kayapó, uma vez que sua língua é insuficientemente descrita, sobretudo quanto à sintaxe e quanto à semântica. Saber mais sobre a marcação de aspecto pode se reverter em obras de referência de consulta para os falantes, contribuindo para a realização de seu desejo de dispor de materiais, estimulado,

especialmente, pela cooficialização da língua no município (Lei n.º 571/2019). Materiais de ensino e de consulta poderão ser elaborados a partir dos resultados da pesquisa¹.

ASPECTO DE PONTO DE VISTA NAS LÍNGUAS NATURAIS

O aspecto nas línguas naturais é uma categoria que se refere às diferentes perspectivas que um falante pode assumir e expressar em relação ao curso temporal de um evento. Essa perspectiva é independente do tempo que o evento ocupa no eixo temporal, ou seja, não está atrelada ao tempo linguístico (passado, presente ou futuro)², e pode ser expressa por meio de desinências verbais, advérbios, partículas específicas ou pelo sentido interno do verbo. Os estudos tradicionais sobre o aspecto dividem essa categoria em **lexical** e **gramatical**. A primeira diz respeito a eventos culminados ou não (télicos *vs* atélicos) e revela a natureza intrínseca da ação, com base em Vendler (1957). A segunda diz respeito à visão completa ou incompleta de um evento (perfectivo *vs* imperfectivo), de acordo com Comrie (1976). Em outros termos, na investigação linguística, para Smith (1991), o aspecto lexical pode ser denominado como **aspecto de situação** e, o gramatical, como **aspecto de ponto de vista**. Tanto tempo quanto aspecto podem ser descritos e analisados através de uma linguagem formal (Klein, 1994). Nas últimas décadas, uma das tarefas fundamentais da linguística

é a busca de conceitos universalmente expressos por suas gramáticas. Tanto funcionalistas como formalistas postulam, sob enfoques distintos, que a expressão do tempo e do aspecto variam dentro de certos limites entre as línguas humanas (Müller e Ferreira, 2020, p. 2).

Esses estudos são importantes porque ajudam a entender como os eventos são expressos pelos falantes de uma língua, de acordo com o tempo e a duração.

Para Von Stechow e Matthews (2007), a universalidade do sistema TAM (tempo, aspecto, modo) ainda precisa de muito mais trabalho, até que possam ser definidas as fronteiras da variação linguística na área. Van Valin (2006) destaca que as pesquisas sobre universais se concentram muito nos aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos das línguas humanas, sendo a semântica a área que tem recebido menos atenção. Por outro lado, Gomes (2015) demonstra que as línguas indígenas têm mudado essa realidade, e hoje se configuram como um novo campo de provas para as teorias e modelos existentes.

¹ Mendonça Junior (2023) apresenta uma proposta de ensino do aspecto de ponto de vista para Mebêngôkre falantes de português como segunda língua.

² Na seção Tempo e Aspecto na Semântica Formal uma descrição mais detalhada é apresentada, com base em uma perspectiva formal para as línguas naturais.

Dentro desse campo de investigação, o estudo de uma língua indígena brasileira é interessante por não se tratar de língua indo-europeia e por

possuir um sistema de orientação temporal que opõe futuro e não-futuro (**é o caso da língua Mebêngôkre/Kayapó**). Línguas desse tipo ainda são pouco conhecidas da literatura sobre sistemas aspectos temporais e pouco se sabe sobre sua semântica (Müller e Ferreira, 2020, p. 3, grifo e trecho do autor).

A presente pesquisa está inserida nessa proposta, pois tem como objetivo realizar uma descrição semântica atualizada do sistema aspectual da língua Mebêngôkre, língua nativa brasileira da família Jê (Macro-Jê), mais conhecida como Kayapó. Nem de longe é uma investigação exaustiva sobre essa língua, mas traz um aporte inicial para uma área ainda pouco aprofundada pela linguística formal.

Na literatura sobre as línguas Jê (Silva, 2001; Oliveira, 2005; Salanova, 2007, Salanova, Arregui, Rivero, 2012; Nascimento, 2013; Miranda, 2014; Camargo, 2015; Costa da Silva, 2015; Menezes, 2018), a descrição dos fenômenos aspectuais aborda, em sua maioria, aspectos morfossintáticos, buscando descrever características gerais sobre o aspecto gramatical nas línguas dessa família. Em Mebêngôkre, os estudos iniciais remontam a Stout e Thomson (1974) e a Trapp (1984). Anos mais tarde, Silva (2001) apontaria os primeiros esboços sobre a natureza do aspecto em Kayapó, seguida por Salanova (2007). Em 2015, ao descrever uma das variedades de Mebêngôkre, o Xikrin, Costa da Silva apresenta algumas características do aspecto gramatical na língua, mas através de uma descrição funcionalista da língua.

Recentemente, Mendonça Junior (2021), pesquisou o aspecto lexical em Mebêngôkre, com ênfase nas classes acionais de Vendler (1957): estados, atividades, *accomplishments* e *achievements*. Os resultados foram promissores e revelaram que a língua faz a distinção entre as classes aspectuais assim como outras línguas investigadas na literatura, como o inglês e o português. O estudo não apenas revelou um quadro da *Aktionsart*³ em Mebêngôkre como também demonstrou alguns pontos de confluência entre aspecto lexical e aspecto gramatical na língua. As interseções entre os aspectos levantaram hipóteses de como a língua faz a distinção entre o aspecto perfectivo e o imperfectivo.

Para a Semântica Formal, descrever o aspecto gramatical de uma língua envolve mapear as construções linguísticas específicas para um sistema lógico que represente de maneira precisa as características temporais e modais presentes nessa língua. Partindo disso, algumas perguntas podem ser levantadas em relação à gramática da língua Mebêngôkre:

- (i) Nas construções verbais que expressam o aspecto gramatical, quais padrões e elementos linguísticos estão associados ao aspecto perfectivo e imperfectivo?

³ É uma categoria lexical expressa pelo verbo, inerente ao seu significado.

- (ii) Quais operadores e marcadores são utilizados para expressar aspecto na língua? Esses elementos incluem prefixos, sufixos, partículas ou outras formas gramaticais específicas?
- (iii) Como mapear as construções linguísticas relacionadas ao aspecto e criar uma representação lógica do significado para operadores aspectuais específicos na língua?
- (iv) Que funções semânticas correspondem aos diferentes aspectos gramaticais presentes na língua? Por exemplo: funções que representam a conclusão, a continuidade ou a repetição de uma ação.
- (v) Quais variáveis e quantificadores lidam com diferentes instantes temporais e condições sob as quais as ações ocorrem? Isso poderia ajudar na captura da dinâmica aspectual presente nas construções?
- (vi) Como desenvolver regras e axiomas que governem a interpretação das construções de aspecto gramatical? Essas regras devem refletir as propriedades semânticas das construções na língua?
- (vii) A elaboração de modelos e a aplicação de testes em contextos linguísticos variados poderiam representar adequadamente as especificidades do aspecto gramatical na língua?

As repostas a esses questionamentos permitem uma documentação detalhada sobre a língua quanto ao aspecto gramatical, incluindo definições semânticas, regras e exemplos. Isso facilitaria a compreensão do sistema aspectual da língua por parte de outros pesquisadores e linguistas na área. É o que esta tese se propõe a fazer.

Entretanto, antes de iniciar uma investigação sobre as características aspectuais da língua, foi necessário levantar alguns dados sobre a sua situação atual, seja ela linguística ou política, uma descrição atualizada se faz necessária, assim como sobre as pessoas que a falam, o povo Mebêngôkre, no município de São Félix do Xingu-PA.

A pesquisa está estruturada da seguinte forma: a introdução apresenta um panorama geral sobre a definição de aspecto nas línguas naturais, além de contextualizar a situação da língua e do povo Mebêngôkre, com destaque para as características gerais da língua. Em seguida, quatro capítulos são organizados de forma sequencial, abordando os estudos sobre o aspecto em Mebêngôkre, o conceito de aspecto na Semântica Formal, o processo de coleta de dados, a semântica temporal na língua, e, por fim, a apresentação dos dados e das análises referentes à (im)perfectividade em Mebêngôkre (Kayapó). O trabalho é concluído com algumas considerações sobre o que o estudo responde e não responde até o momento.

SITUAÇÃO DA LÍNGUA E DO POVO MEBÊNGÔKRE

A língua Mebêngôkre (autodenominação) é uma língua nativa brasileira da família Jê, do tronco Macro-Jê (Rodrigues, 1986), falada por cerca de 13 mil pessoas no Pará e norte do Mato Grosso (Nikulin; Salanova, 2020), distribuídas em mais de 70 aldeias⁴. Esse estudo analisa dados da variedade Kayapó⁵, falada no município de São Félix do Xingu-PA, na Terra Indígena (TI) Kayapó, por cerca de 2.120 falantes (SEMCULT, 2021), em mais de 30 aldeias.

Os estudos linguísticos sobre o Mebêngôkre remontam aos trabalhos do *Summer Institute of Linguistics* (SIL), nas décadas de 60, 70, 80 e 90. Os trabalhos iniciais de Earl Trapp, Mickey Stout, Ruth Thomson e Kathleen Jefferson envolvem a descrição de aspectos fonológicos e morfossintáticos da língua. Entre os trabalhos estão os artigos *Elementos Posposicionais em Kayapó* (Stout; Thomson, 1974a), *Modalidade em Kayapó* (Stout; Thomson, 1974b), *Fonêmica Txucarramãe* (Stout; Thomson, 1974c), *O fenômeno Ku- em Kayapó* (Stout, 1980), a *Gramática do Kayapó* (Trapp, 1984) e a *Gramática Pedagógica Kayapó* (Jefferson, 1989).

Na década de 90, a primeira publicação na academia seria a dissertação de Marília Ferreira Borges sobre o sintagma nominal em Kayapó. Em Borges (1996), ela descreve os aspectos relacionados às construções genitivas na língua, com base nos estudos sobre prefixos relacionais em línguas indígenas. Tempos depois, em 2001, Maria Amélia Reis Silva apresenta a pesquisa *Pronome, ordem e ergatividade em Mebêngôkre*, com uma análise do sistema de caso na língua. Em seguida, vem o trabalho de Andres Pablo Salanova (2007), que aborda a relação entre nominalizações e aspecto em línguas que apresentam divisões ergativas condicionadas ao aspecto, com foco na língua Mebêngôkre (Xikrin e Kayapó). Ele discute como as línguas com esse tipo de divisão ergativa opõem um aspecto “perfeito” (perfectivo ou aoristo), com padrão de caso ergativo-absolutivo, a um imperfectivo, onde a marcação de caso segue um padrão nominativo-acusativo.

Em 2003, Lucivaldo da Silva Costa defende o seu trabalho sobre prefixos relacionais na língua. Em 2015, sua tese de doutorado faz uma descrição geral e apresenta um capítulo sobre o aspecto gramatical na língua Mebêngôkre. Apesar de sua pesquisa ter sido realizada com os Xikrin, essa variedade Mebêngôkre apresenta as mesmas características do Kayapó, fato que

⁴ Para mais informações consulte a Associação Floresta Protegida (<https://www.florestaprotegida.org.br/>), a Associação Indígena Pykôre (<https://pykore.org.br/>), o Instituto Kabu (<https://www.kabu.org.br/>) e o Instituto Raoni (<https://institutoraoni.org.br/>).

⁵ Há também a variedade Xikrin, falada no Pará, descrita por Costa (2015).

foi constatado por Mendonça Junior (2018) em *A codificação de Tempo e aspecto em Mebêngôkre (Kayapó): contribuição aos estudos linguísticos Jê*.

No campo semântico, os estudos sobre a língua são bem recentes. Mendonça Junior (2021) realizou uma série de testes por meio de eliciações controladas, uma metodologia consolidada pela Semântica Formal no estudo com línguas indígenas (Matthewson, 2004; Sanchez-Mendes, 2014⁶), que consiste em apresentar ao falante sentenças na língua sob contextos específicos ou condições de verdade. Foi demonstrado que a língua Mebêngôkre realiza distinção aspectual, assim como o inglês e o português, quanto às classes acionais de Vendler (1957): estados, atividades, *accomplishments* e *achievements*, conjunto também denominado como aspecto de situação por Smith (1991).

Apesar de haver um número considerável de trabalhos publicados sobre a língua Mebêngôkre, ainda há lacunas que precisam ser preenchidas pela investigação linguística, sendo uma delas a semântica aspectual. Salanova (2007) afirma que uma análise mais aprofundada da semântica aspectual em Mebêngôkre, particularmente em relação à distinção entre perfectivo e imperfectivo e sua relação com a ergatividade, é uma área a ser explorada. Para Silva (2001), outra área é a descrição mais completa das partículas que codificam o aspecto na língua, através da compreensão da interação entre o aspecto e o sistema de caso, e a análise de como o aspecto é manifestado em diferentes contextos sintáticos. Para além da necessidade de descrições aprofundadas em semântica e nos demais níveis de descrição linguística, há grande demanda pela produção de materiais de ensino e didáticos sobre a língua. Os recursos atuais são as *Cartilhas Kayapó*, publicadas na década de 80 pelo *Summer Institute of Linguistics* (SIL), e uma cartilha de alfabetização, confeccionada pela Associação Floresta Protegida (AFP), em 2011. Entre as principais reivindicações dos próprios Mebêngôkre estão a produção de materiais de alfabetização e o letramento em língua materna, além de livros escolares específicos em outras áreas como matemática, geografia, história, biologia, química e física.

Recentemente, essa realidade linguística mudou. Têm surgido várias pesquisas sobre a língua, em grande parte oriundas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), através do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Línguas Indígenas – Proflind –, do Museu Nacional. Os estudos envolvem não só a descrição e análise de aspectos linguísticos da língua Mebêngôkre, como também o seu ensino como primeira e segunda língua nas comunidades indígenas presentes em São Félix do Xingu, no Pará. Dentre os estudos podemos citar: Menezes (2018), *As classes lexicais da língua Mebêngôkre*; Silva Menezes (2018), *Puru Mexkumex*:

⁶ A pesquisa de Matthewson envolveu línguas indígenas canadenses e a de Sanchez-Mendes a língua Karitiana (Arikem, Tupi).

língua e etnobotânica na escola Mebêngôkre; Silva (2018), *Onomástica Mebêngôkre: aspectos linguísticos dos nomes cerimoniais e o contexto escolar*; Silva (2019), *Diferença da fala feminina e fala masculina na língua Mebêngôkre*; Mendonça Junior (2021), *Aspecto Lexical em Mebêngôkre (Kayapó): estudo com indígenas em trânsito pela cidade de São Félix do Xingu-PA*; Sousa (no prelo), *Um estudo sobre os Sintagmas Nominais do Mebêngôkre: contribuições para o ensino de uma língua Jê*. Além destes, outros estudos estão sendo realizados pelas turmas em andamento, em breve haverá mais publicações sobre a língua e o povo Mebêngôkre.

Esse aumento no número de pesquisadores sobre a língua, assim como a inserção de indígenas Mebêngôkre na graduação e na pós-graduação, aliado a movimentos de luta das comunidades locais, permitiram a cooficialização da língua Mebêngôkre no município de São Félix do Xingu, através da lei n.º 571/2019. As diretrizes da lei estabelecem que a língua deve ser ensinada como disciplina nas escolas da rede municipal de ensino, junto à sinalização dos espaços públicos e privados em Mebêngôkre e à oficialidade dos documentos escritos na língua indígena. Todavia, apesar do reconhecimento oficial, o prazo para adequação da lei termina no ano de 2024, e resta muito ainda a ser feito para a sua consolidação. Em Mendonça Junior et al (2023) e Mendonça Junior (2024), um panorama atual das políticas linguísticas implementadas no município é apresentado. As atitudes isoladas de estudantes, professores, ativistas e servidores públicos lançam uma esperança para que a lei seja efetivada, apesar da timidez das políticas públicas e privadas e do desinteresse de muitos governantes no momento.

Em relação ao povo, os Mebêngôkre ocupam um território que abrange os estados do Mato Grosso e Pará. Suas Terras Indígenas (TI) envolvem diversos municípios. No entanto, as logísticas de transporte, obtenção de recursos, administração pública, serviços de saúde, dentre outros recursos, se concentram nas sedes municipais mais próximas das aldeias. O percurso por terra é muitas vezes impraticável, ficando o acesso limitado à via fluvial, de modo que se depende muito dos rios proximamente aos quais as comunidades estão localizadas. Um exemplo é o município de São Félix do Xingu. Das 32 aldeias Mebêngôkre (Kayapó) presentes em seu território, 13 estão localizadas no Rio Xingu, 2 no Igarapé Porto Seguro, 12 no Riozinho, 1 no Rio Fresco, 2 no Rio São Francisco, 1 no Igarapé Bom Jardim e 1 próxima a este; ou seja, quando não estão junto ao rio Xingu, estão às margens de seus afluentes. Seja por via fluvial ou terrestre, todos os caminhos de acesso, por mais difíceis de percorrer que sejam, desembocam na sede municipal.

Quanto à vitalidade da língua, está estável: crianças, jovens e adultos falam a língua. Um fator cultural interessante é a manutenção da língua pelas mulheres. Os homens, em sua

maioria, são bilíngues (Kayapó-português), pois aprendem desde jovens uma segunda língua; eles falam o português somente quando necessário, no diálogo com os não-indígenas na cidade ou nas atividades⁷ realizadas por estes nas comunidades. Já as mulheres, apesar de, aparentemente, compreenderem a língua portuguesa, não a falam em nenhuma hipótese, mesmo na cidade, salvo em situações em que não estão próximas do esposo ou quando já têm alguma amizade com um não-indígena e precisam ter certeza de que compreenderam alguma solicitação específica. Nessa situação, uma palavra ou sentença curta é pronunciada em português⁸.

Nas aldeias Mebêngôkre localizadas no município de São Félix do Xingu há mais de mil alunos matriculados no Ensino Fundamental, além de 60 alunos cursando o Ensino Médio. O ensino, em sua maioria, é em língua portuguesa, com aulas uma vez na semana em língua materna, o Kayapó. A implementação de um ensino bilíngue, como previsto pela lei de cooficialização, demandaria a produção e distribuição de materiais de suporte na e sobre a língua materna. A alfabetização e letramento em Kayapó nos anos iniciais do ensino básico ajudaria os alunos Mebêngôkre na alfabetização e letramento em língua portuguesa como segunda língua (L2). Nos últimos anos, segundo informações da Secretaria Executiva Municipal de Educação (SEMED), houve uma queda no número de matrículas nas escolas indígenas do município. Muitas famílias estão buscando as escolas urbanas, por julgarem que estas apresentam melhor qualidade de ensino para quem busca aprender o português como segunda língua. Alguns relatos dos Mebêngôkre apontam que, a seu ver, o calendário escolar nas aldeias é reduzido e a quantidade de aulas não é suficiente para que seus filhos possam aprender de forma efetiva.

Neste cenário, a presente pesquisa não busca primariamente subsidiar a demanda por materiais de ensino ou a melhoria da educação escolar indígena em São Félix do Xingu. A pouca quantidade de trabalhos sobre a língua, junto à necessidade de gramáticas e livros didáticos, é uma realidade para as línguas indígenas brasileiras. A cooficialização não é uma motivação ou finalidade para essa investigação, mas se configura como um instrumento jurídico que sustenta direitos linguísticos e cria a necessidade de outros documentos, mesmo que a ligação entre a escola e a lei não seja tão imediata. Não obstante, o objetivo imediato deste estudo é responder a alguns questionamentos linguísticos sobre a semântica na língua Mebêngôkre, com base nas

⁷ Muitos Mebêngôkre exercem atividades remunerada nas aldeias ou na cidade. São ‘monitores’, professores, agentes de saúde indígena, agente de saneamento indígena, técnicos em enfermagem, auxiliares de limpeza, merendeiros, dentre outros. Essas atividades envolvem o diálogo constante com não-indígenas falantes exclusivamente de português.

⁸ Uma das características da língua Mebêngôkre é a diferença gramatical e de pronúncia na fala de homens e mulheres. Isso se constitui num desafio para muitos não-indígenas que procuram compreender a língua e acabam por aprender de forma equivocada a pronúncia, sem saber dessa distinção de gênero (SILVA, 2019).

lacunas existentes na literatura sobre as línguas Jê. Se, em um momento futuro, os resultados forem favoráveis à elaboração de materiais, esse será um ponto prático a ser desenvolvido com os falantes, em ocasiões posteriores a esta pesquisa.

ASPECTOS GERAIS DA LÍNGUA MEBÊNGÔKRE (KAYAPÓ)

A situação da língua e a do povo são relevantes porque demonstram informações atuais que muitas vezes não estão presentes na literatura existente. Por outro lado, alguns aspectos sobre a gramática do Mebêngôkre (Kayapó) são pertinentes à investigação linguística e devem apresentados, com a finalidade de auxiliar na leitura e compreensão dos dados, além de no acompanhamento das questões discutidas pela pesquisa.

Antes da apresentação dos dados coletados pelo estudo da (im)perfectividade em Mebêngôkre, um panorama, a partir da literatura sobre a língua e suas variedades, se faz necessário (Stout e Thomson, 1974a, 1974b, 1974c; Silva, 2001, Thomson, 2004; Salanova, 2007; Costa, 2003, 2015; Silva Menezes, 2018; Gomes, 2021; Mendonça Junior, 2021). As pesquisas anteriores descrevem fatos relevantes sobre a gramática da língua e fornecem grande parte dos dados resumidos a seguir:

Na segmentação fonológica, ao analisarmos os fonemas a partir de suas propriedades fonéticas — ou seja, como eles realmente soam —, percebemos que essas representações estão mais próximas das formas como são produzidos na fala real (as realizações de superfície). Nesse contexto, a língua é composta por 16 vogais e 16 consoantes:

Quadro 1 – Vogais orais da língua Mebêngôkre (Kayapó)

	Anterior	Central	Posterior
Alto	i		u u
Médio-fechado	e		ɤ o
Médio-aberto	ɛ		ʌ ɔ
Baixo		a	

Fonte: Elaborado a partir de Thomson (2004).

Quadro 2 – Vogais nasais⁹ da língua Mebêngôkre (Kayapó)

	Anterior	Central	Posterior
--	----------	---------	-----------

⁹ (Jaqueline dos Santos Peixoto, comunicação pessoal, 13 de novembro de 2024) levantou a hipótese de uma possível relação entre nasalização e aspecto na língua; entretanto, esse tema não foi abordado nesta pesquisa.

Alto	ĩ		ũ ã
Médio	ẽ		õ
Baixo		ã	

Fonte: Elaborado a partir de Thomson (2004).

Quadro 3 – Consoantes da língua Mebêngôkre (Kayapó)

	Bilabial	Alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclusivas	p b	t d		k g	ʔ
Nasais	m	n	ɲ	ŋ	
Tepe		ɾ			
Africadas			tʃ dʒ		
Aproximantes	w		j		

Fonte: Elaborado a partir de Thomson (2004).

A língua faz distinção de sentido através da alternância entre consoantes, vogais orais, vogais nasais e nasalizadas¹⁰, como por exemplo:

- (1) [ba] ‘eu’
[bã] ‘cheirar’
[ga] ‘você’
- (2) [pĩ] ‘pequeno’
[pĩn] ‘pequi’
- (3) [kuni] ‘sexo’
[kunĩ] ‘todo’
- (4) [ati] ‘grande’
[atʃi] ‘espírito’
- (5) [mej] ‘bom’
[meɲ] ‘mel’

Silva (2019)

Na morfologia, seguindo critérios morfossintáticos, Menezes (2018) descreve que, em Mebêngôkre (Kayapó) há todas as classes lexicais nucleares (nome, verbo, adjetivo e posposição; e uma não-nuclear: o advérbio) e muitos elementos funcionais que são expressos

¹⁰ Algumas formas reduzidas de verbos transitivos (formas finitas) resultam da supressão da consoante nasal final, como em *krẽn* e *krẽ* ‘comer’.

como morfemas independentes (característica de uma língua isolante), dentre eles, marcadores de tempo/aspecto. A proposta apresentada encontra respaldo na descrição de Costa (2015) sobre o Mebêngôkre (Xikrin), que aponta que o aspecto na língua é expresso lexicalmente por meio de palavras que modificam o verbo. Silva (2001), por sua vez, aborda a configuracionalidade da língua em relação às suas duas principais classes gramaticais: Nomes e Verbos. No Mebêngôkre, as raízes podem ser associadas a ambas as classes, e "qualquer palavra pode funcionar como predicado" (idem, p. 31). Veja-se, a seguir, os exemplos:

- (6) a. (ba) i-pa ‘meu braço’ ou ‘eu tenho braço’
 b. (ga) i-prõ ‘tua mulher’ ou ‘você tem mulher’
 (7) a. ga boj ‘você chega’
 b. ba tẽ ‘eu fui’

(Adaptado de Silva, 2001, p. 32)

Em (6), há ambiguidade entre uma leitura nominal e uma leitura verbal, enquanto em (7), há apenas a leitura verbal. Agora veja em (8) e (9):

- (8) a. (ba) i-pa ket ‘eu não tenho braço’
 b. (ga) i-prõ ket ‘você não tem mulher’
 (9) a. (ga) a-boj ket ‘você não chega’
 b. (ba) i-tẽm ket ‘eu não fui’

(Adaptado de Silva, 2001, p. 32)

Em (8), as estruturas contêm negação e mantêm a sua forma, enquanto em (9) uma não é alterada e a outra recebe o morfema {-m} no final¹¹. Uma outra diferença entre (8) e (9) é que a primeira utiliza o pronome na forma livre, em contraste com a segunda, na qual tanto a forma livre quanto a presa podem ser utilizadas. A autora conclui que:

Deste modo, as palavras que são invariáveis tanto na forma do seu radical quanto na maneira de marcar os seus argumentos foram consideradas por Reis Silva e Salanova (op. cit) como NOMES. Já as raízes que exibem uma variação em seu radical, seja pelo acréscimo de um morfema, ou por se alternarem entre exibir ou não a flexão de pessoa, foram consideradas VERBOS (Silva, 2001, p. 33).

¹¹ Outros exemplos sugeridos por Jaqueline dos Santos Peixoto (comunicação pessoal, 16 de novembro de 2024):

Verbo Intransitivo			Verbo Transitivo		
Forma finita	Não Finita	Glosa	Forma Finita	Não Finita	Glosa
re	rere	nadar	krẽ	krẽn	comer
muwa	mỳrỳ	chorar	bĩ	bĩn	matar

Os nomes em Mebêngôkre são invariáveis quanto a número e gênero (10 e 11), enquanto os verbos apresentam marcas morfológicas de pessoa (12), número (13) e caso (14). Não há nos verbos marcas de tempo, modo ou aspecto (Idem). Na língua há demonstrativos (15) e quantificadores (16), mas não artigos. Determinantes não são obrigatórios nos sintagmas argumentais¹² (Mendonça Junior et al, no prelo). Os nomes nus, aqueles sem determinantes, podem ser usados em posição argumental (11) e serem interpretados como específicos ou não específicos, plural ou singular.

- (10) I-kra ne muwa
1Sg-filho Nfut v. chorar f.
'Meu filho/minha filha chora.'

Trapp (1984)

- (11) Dja ba ngônhkrã by
Fut 1Sg copo v.pegar f.
'Eu vou pegar o copo.'
'Eu vou pegar os copos.'

Mendonça Junior e Gomes (no prelo)

- (12) Ba tỹm
1Sg Nfut
'Eu caí.'

Trapp (1984)

- (13) Bàygogo ne rôrôk
Milho Nfut v. cair PL
'Os milhos caíram'

Trapp (1984)

- (14) I-tẽ-m kêt
1Sg-v. ir-Nzl Neg
'Eu não fui.'

Jefferson (1989)

- (15) Jât ne jã
Batata-doce Nfut Dem
'Isso é batata-doce.'

Jefferson (1989)

- (16) Dja ba pidjôkangô **kuĩ** by
Fut 1Sg refrigerante todos v.pegar f.
'Eu vou pegar todos os refrigerantes'

Mendonça Junior e Gomes (no prelo)

De forma geral, os verbos em Mebêngôkre se distinguem dos nomes por apresentarem duas formas específicas, uma característica que é descrita de maneira variada na literatura. Essas duas formas recebem diferentes denominações: de um lado, são chamadas de longa, plena,

¹² Ultimamente, tenho participado de um grupo de pesquisa que busca investigar a semântica dos nomes nus (sem determinantes) em Mebêngôkre. O projeto do CNPq (420314/2022-9 Chamada Humanidades 40/2022 CAAE 695555923.4.000.0121 (27/07/2023)) *A (in)definitude da perspectiva das línguas sub representadas* envolve universidades brasileiras e estrangeiras e estuda a (in)definitude em oito línguas: Mebêngôkre (Kayapó), Rikbaktsa, Guarani Kaiowá, Wapichana, Terena, Português Brasileiro, Portunhol e Espanhol Rioplatense.

infinitiva, descritiva ou nominal; de outro, curta, reduzida, finita ou verbal. Ao longo da pesquisa, essa terminologia será utilizada de forma alternada, refletindo as diversas abordagens presentes na literatura especializada. Contudo, para as análises aqui apresentadas, adotaremos os termos **finito** e **não-finito**.

Quanto à sintaxe, a língua Mebêngôkre têm características de uma língua isolante com uma ordem de palavras predominantemente SOV (Sujeito-Objeto-Verbo), e um sistema de caso parcialmente ergativo. Silva (2001) descreve o sistema de caso na língua como uma ergatividade cindida, pois há traços tanto de um sistema acusativo quanto de um sistema ergativo. Na literatura, há divergências sobre o alinhamento morfossintático na língua: para Silva (2001) e Salanova (2007) a língua divide-se entre Nominativo-Acusativo e Ergativo-Absolutivo; já para Costa da Silva (2015), o sistema de caso em Mebêngôkre é Nominativo-Absolutivo, portanto, sem marca de ergatividade.

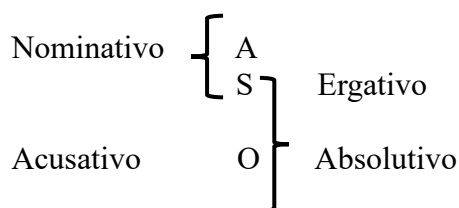
Esse alinhamento nas línguas naturais é realizado do seguinte modo: no sistema acusativo, o sujeito de um verbo transitivo (A) e o sujeito de um verbo intransitivo (S) são marcados de forma semelhante, enquanto o objeto de um verbo transitivo (O) recebe uma marcação diferente. Já no sistema ergativo, o sujeito de um verbo transitivo (A) recebe uma marcação morfológica distinta do objeto de um verbo transitivo (O) e do sujeito de um verbo intransitivo (S), que são tratados da mesma maneira. Veja o exemplo abaixo:

- | | |
|--|--|
| <p>(17) numa banaga-nyu
pai voltar-PASS
“O pai voltou”</p> | <p>(18) yabu banaga-nyu
mãe voltar-PASS
“A mãe voltou”</p> |
| <p>(19) numa yabu-ngu bura-n
pai mãe-ERG ver-PASS
“A mãe viu o pai”</p> | <p>(20) yabu numa-ngu bura-n
mãe pai-ERG ver-PASS
“O pai viu a mãe”</p> |

Língua Dyirbal do Queensland (Austrália) (Dixon, apud Franchetto; Vieira; Leite, 2015, p. 8)

Em (17) e (18), temos os sujeitos de um verbo intransitivo (S), que assumem uma forma diferente quando são sujeitos de um verbo transitivo (A), em (19) e (20), marcados pelo acréscimo do sufixo [-ngu]. Já em posição de objeto direto (O), seguem a mesma forma do sujeito intransitivo (S). Portanto, na língua Dyirbal, $S=O \neq A$, ou seja, o sistema de caso é ergativo-absolutivo. Por outro lado, em línguas que marcam $S=A \neq O$, temos um sistema nominativo-acusativo.

Figura 1: Sistemas de caso mais comuns nas línguas naturais.



Fonte: Elaboração própria.

Assumiremos que em Mebêngôkre há uma ergatividade cindida influenciada pela posição ocupada pelo verbo e suas propriedades (cf. Silva, 2001). Quando o verbo não ocupa a posição de núcleo do predicado, seus traços são alterados, produzindo assim o sistema ergativo. Isso sugere que a ergatividade cindida em Mebêngôkre é mais de natureza sintática do que semântica, sendo condicionada pela estrutura do verbo e sua posição na oração. Além disso, o Mebêngôkre possui um sistema pronominal complexo, com diferentes formas pronominais que têm propriedades distribucionais distintas, e uma morfossintaxe verbal que inclui distinções entre nomes e verbos, categorias verbais, e processos de mudança de valência. A autora argumenta que essa ergatividade cindida também se manifesta de diferentes formas em outras línguas da família Jê. O Xokleng, por exemplo, apresenta uma cisão condicionada pelo aspecto, com o sistema ergativo associado ao **aspecto estativo**, e o sistema acusativo, ao **aspecto ativo**. Neste sistema, o caso não é morfologicamente expresso sobre os nomes, mas é visível no sistema pronominal, que distingue formalmente três formas pronominais com propriedades distribucionais distintas: pronomes livres, formas presas e formas ergativas.

Em Mebêngôkre, a ergatividade se manifesta de forma distinta, dependendo da posição ocupada pelo verbo e de suas propriedades. Quando o verbo não ocupa a posição de núcleo do predicado, seus traços são alterados, produzindo assim o sistema ergativo. Silva (2001) e Salanova (2009) descrevem que, em Mebêngôkre há três tipos de pronomes: pronomes livres, pronomes presos e pronomes ergativos, que se dividem em formas singular/paucal e plural, por exemplo¹³:

Quadro 4 – Pronomes em Mebêngôkre¹⁴.

Pronomes Livres (singular)	Pronomes Presos (singular)
Ba – 1 Ga – 2 Ø - 3	[i-] – 1 [a-] – 2 [Ø~ku-] - 3

¹³ Para essa pesquisa apresentaremos apenas os principais pronomes de primeira, segunda e terceira pessoa do singular, por constarem nos dados do presente estudo, para ver o quadro completo consulte Jefferson (1989), Silva (2001), Salanova (2009) e Costa (2015).

¹⁴ A quantidade de pronomes na língua é maior, no entanto, para essa pesquisa, nos atentaremos aos de primeira, segunda e terceira pessoas do singular.

Pronomes Ergativos (singular)

Ije – 1 Aje – 2 kute – 3

Fonte: Adaptado de Silva (2001)

Nas análises de Silva (2001) e Salanova (2009), o Mebêngôkre alterna entre um sistema de caso nominativo-acusativo e um ergativo-absolutivo. Nessa divisão, os pronomes livres são sujeitos de verbos transitivos e intransitivos quando esses não sofrem modificação por aspecto ou negação, ou fazem parte de uma oração principal. Quando são sujeitos de verbos intransitivos (que se dividem em estativos também) em orações subordinadas ou modificadas por aspecto e negação, passam a ser pronomes fixos; e pronomes ergativos sempre nas orações subordinadas, marcadas pelo verbo em sua forma nominal. Veja os exemplos abaixo:

(21) Ga mepřire pumũ
2Sg crianças v. ver
'Você viu as crianças.'

(22) a-mỳrỳ kêt
2Sg-v.chorar nf. Neg
'Você não chora.'

(23) a-kanê
2Sg-doença
'Tua doença.'
'Você está doente.'

(24) Ije mepřire mã djwỳponh nōrō kêt
1Erg crianças Dat bolacha v. dar nf. Neg
'Eu não dei bolacha para as crianças.'

Jefferson (1989).

O sistema ergativo-absolutivo, exemplo em (24), é sempre acionado nas orações com o verbo modificado por algum elemento à sua direita, neste caso a negação. Silva (2001), descreve que essas cisões ocorrem nos seguintes eixos: no aspectual, entre afirmação vs negação e entre orações principais vs subordinadas. Ao contrário das análises anteriores, Costa (2015) afirma que na língua há o sistema nominativo-acusativo, mas não o ergativo-absolutivo. No lugar desse último, ele propõe um novo sistema, o nominativo-absolutivo. Por exemplo:

(25) a-mỳrỳ kêt
2Sg-v.chorar Neg
'Não há o teu chorar'

(26) Ga ne angrô bĩ
2Sg Nfut porção v. matar Sg
'Você matou o porção'

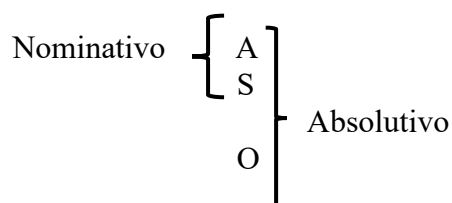
(27) A-je angrô bĩ-n kêt
2Sg-OBL porção v. matar-NLZ Neg
'Não houve o matar do porção por você.'

(28) Ba tẽ
1Sg v. ir f.
'Eu fui'

Em (28) temos o sujeito de um verbo intransitivo (S), marcado pelo pronome livre de primeira pessoa do singular *Ba* ‘Eu’, seguido pela forma verbal *tẽ* ‘ir’. Em (25), temos um sujeito intransitivo também, mas marcado pelo prefixo de segunda pessoa do singular [a-], seguido pelo verbo na forma nominal *m̃ỹr̃ỹ* (forma verbal de *muwa* ‘chorar’) e a negação *kêt*. Já em (26), temos o sujeito de um verbo transitivo (A), marcado pelo pronome livre de segunda pessoa do plural *Ga*, seguido pelo objeto sem marca e pelo verbo em sua forma verbal *bĩ* ‘matar’ (singular, no plural *pa*). Por fim, temos em (27) um sujeito transitivo (A) marcado pelo prefixo de segunda pessoa do singular [a-], porém, seguido pelo pronome oblíquo [-je] e o objeto sem marca morfológica para caso.

Dessa forma, Costa (2015) afirma que a língua faz a distinção entre nominativo-acusativo em orações principais, não cindidas por aspecto, negação e subordinação, como em (26) e (28), nas quais $S=A \neq O$ (S-pronome livre, A-pronome livre, O – sem marca de caso); e um sistema nominativo-absolutivo, em que as orações cindidas por esses eixos, como em (25) e (27), há também a relação $S=A \neq O$ (S-prefixo pronominal, A-prefixo pronominal, O-sem marca de caso). Com base em sua análise, temos o seguinte esquema para caso em Mebêngôkre:

Figura 2: Sistemas de caso (cindido) nominativo-absolutivo.



Fonte: Elaboração própria.

Por fim, são observados os seguintes sistemas de marcação de caso morfológico em Mebêngôkre: (a) sistema nominativo-acusativo; (b) sistema ergativo-absolutivo; e (c) sistema nominativo-absolutivo.

Nesta seção, vimos as principais características gramaticais da língua Mebêngôkre (Kayapó) relevantes para a presente pesquisa, que se propõe a descrever e analisar como a língua faz a distinção aspectual entre perfectivo e imperfectivo. Na próxima seção, veremos o que há na literatura sobre as categorias de tempo, aspecto e modo na língua, para então propor uma análise da semântica aspecto-temporal do Mebêngôkre, com base na teoria e na metodologia da Semântica Formal.

1. OS ESTUDOS SOBRE TEMPO, ASPECTO E MODO NA LÍNGUA MEBÊNGÔKRE

Nesta seção, é apresentada a literatura previamente existente sobre o sistema TAM (tempo-modo-aspecto) em Mebêngôkre, com a finalidade de buscar respostas aos problemas de pesquisa apresentados anteriormente. Os dados revelam que não se sabe quase nada sobre o tema na língua e que ainda há muitas lacunas a serem preenchidas. A bibliografia foi selecionada com o propósito de listar e averiguar tudo o que foi dito sobre o sistema aspecto-temporal em Mebêngôkre. São dados de épocas distintas, com concepções diferentes sobre o sistema, desde os estudos de missionários até as pesquisas na academia.

De acordo com o levantamento realizado, os primeiros materiais linguísticos sobre a língua Mebêngôkre remontam ao final do século XIX e início do XX, constituídos, em geral, por lista de elementos do vocabulário¹⁵. Entre os estudos iniciais, destaca-se o *Ensaio de grammatica Kaiapó*, publicado por Sala (1920), com alguns dados sobre a fonologia, a taxinomia (classe de palavras) e a sintaxe da língua. O ensaio é apresentado como um trabalho em andamento, com base em observações de missionários e em uma coleção de quinhentas frases. O autor não utilizou uma ortografia padrão ou o Alfabeto Fonético Internacional para registrar os sons exatos da língua. Devido a este fato, muitas informações estão fragmentadas, mas é possível identificar algumas palavras e os significados delas.

Ao descrever os verbos, Sala apresenta a existência de uma forma verbal em Kayapó que equivale ao gerúndio em português “estou fazendo” e caracterizada pelo acréscimo da palavra *oja*:

- i) *ne-bam kum kra ike oja*, ‘estou cortando os cabelos’
- ii) *tu moina ga oja?* ‘Que estás fazendo?’

Adaptado de Sala (1920, p. 402), grifo meu.

Sabe-se hoje que a palavra *oja* é, na verdade, a partícula *o*, associada com o marcador posicional *dja*. Outro elemento descrito no ensaio é o *arum na*, utilizado, segundo ele, como fórmula para o emprego do tempo passado na língua, em oposição à forma ordinária do verbo (tempo presente) e a utilização de *goia* (tempo futuro):

¹⁵ Um breve histórico do povo assim como um panorama dos trabalhos publicados sobre a língua Mebêngôkre estão em Costa da Silva (2015, p. 19-27). Para essa pesquisa, serão analisados apenas os estudos que envolvem a descrição do sistema TAM (Tempo-Aspecto-Modo) na língua.

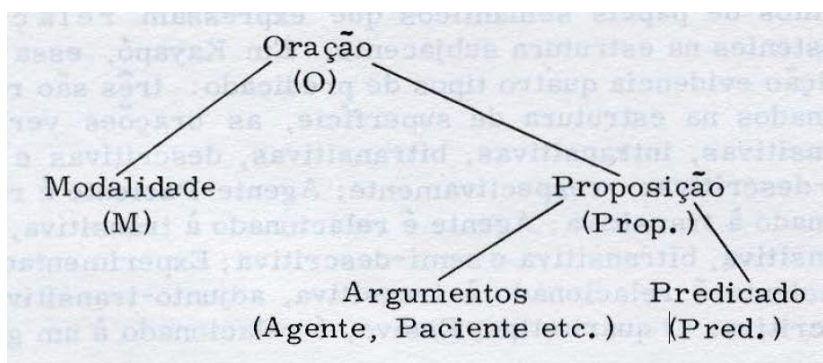
iii) *arum na juje amikuin*, 'o arco quebrou-se'

Adaptado de Sala (1920, p. 402), grifo meu.

A palavra *arum* é grafada hoje como *arym* e marca um evento recente, realizado (já). O *na* é uma variante do marcador de tempo não-futuro *ne*. Essas duas formas citadas por Sala são relevantes para uma análise inicial do sistema aspecto-temporal em Kayapó. No entanto, as informações são insuficientes para compreender a semântica por trás dessas expressões. Por exemplo, o gerúndio é uma classe morfológica ligada às formas nominais dos verbos. No português brasileiro, por exemplo, é muito associado à ideia de ação em andamento, mas dizer “estou indo”, o verbo *ir* + *V_ndo* nem sempre implica (pragmaticamente) que o evento está em andamento. O sujeito pode estar dentro de casa ainda e, simplesmente, enviar a mensagem “estou indo” para dizer que vai sim, e conseguir que o seu interlocutor o aguarde. Por este motivo, identificar a classe aspectual sob condições de verdade é diferente de especificar qual a morfologia empregada. Mais à frente esses contextos serão retomados e analisados com maior profundidade, de acordo com a semântica do Mebêngôkre.

Décadas depois da descrição pioneira de Sala, em 1920, Stout e Thomson apresentaram uma série de artigos sobre a língua, com base na teoria semântica gerativa. Dois são relevantes para esta pesquisa. O primeiro trata dos tipos fundamentais de predicados em Kayapó, trazendo uma análise da estrutura profunda ou de casos na língua e da estrutura de superfície ou de constituintes, além do esquema de relações existentes. As autoras seguem Fillmore (1968) para descrever uma oração como um conjunto que envolve modalidade e proposição. “A modalidade inclui todos os elementos que afetam a oração como um todo – tempo, aspecto, negação, maneira, tempo, ênfase, lugar e interrogação” (Stout; Thomson, 1974a, p. 36). Já a proposição inclui o predicado e seus argumentos. Elas esquematizam a estrutura profunda de qualquer oração em Kayapó da seguinte forma:

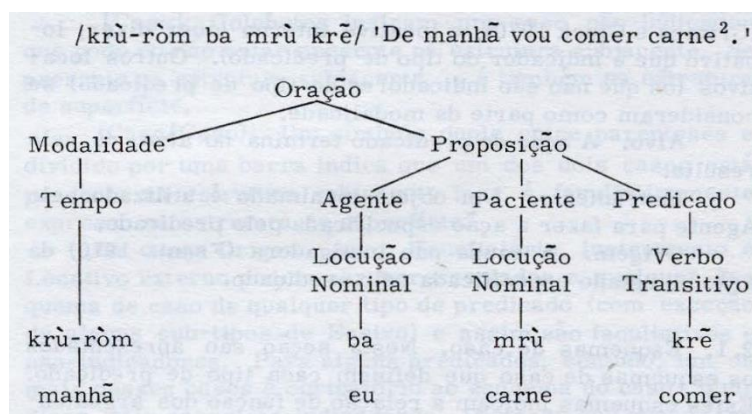
Figura 3 - Termos mínimos da oração em Kayapó.



Fonte: Stout e Thomson, 1974a, p. 36.

A estrutura em (a) indica que a expressão da modalidade é facultativa em Kayapó, mas a do predicado e de seus argumentos é obrigatória. Essa representação de Stout e Thomson relaciona as camadas lexical e funcional na língua, ou seja, o nível em que as unidades básicas de significado são identificadas e analisadas e o nível em que elas se relacionam umas com as outras na estrutura, a fim de contribuírem para o significado geral da oração. No esquema abaixo, elas ilustram as relações da estrutura subjacente na língua:

Figura 4 - Estrutura subjacente da língua.



Fonte : Stout e Thomson, 1974a, p. 37.

Além de tratar da estruturada sentença, o artigo apresenta os tipos de oração em Kayapó, enumerando, principalmente, alguns exemplos de orações intransitivas, transitivas e descritivas, dentre outros tipos. No entanto, o que elas classificam como modalidade é tratado em outra publicação.

Em um segundo artigo, Stout e Thomson (1974b) analisam a modalidade de acordo com a forma que os elementos operam nas proposições, dividindo-as em três tipos: orientação,

conexão e conceito. As de orientação envolvem ideias de qualidade, tempo verbal, localização e duração. As de conexão realizam ligações entre conceitos com o propósito lógico de causa-efeito ou subordinação. Já as de conceito envolvem as diferenças de ponto de vista. Neste tipo, elas incluem os “interrogativos, negativo, desiderativo, dubitativo, condicional, probabilidade, iminência, intenção, frustrativos, citação, putativo, ênfase e imperativo” (Stout; Thomson, 1974b, p. 83). Quanto ao tempo, elas afirmam que o Kayapó faz a distinção entre futuro e não-futuro. O primeiro é marcado com o uso da partícula *ne*, e o segundo com *ja* (hoje grafado como *dja*). Nas modalidades de orientação, as de qualidade são formadas pelo uso de uma forma estativa do verbo, junto com adjetivos e advérbios pospostos a ele, além com o verbo auxiliar *-te*, nas transitivas.

Figura 5: Exemplo de oração transitiva com o objeto referenciado.

Bir	ku-te	krēn	rax
Biri	3p-aux	comer	muito
'Biri come muito.'			

Fonte : Stout e Thomson, 1974b, p. 70.

Nas modalidades de localização geográfica e tempo, os advérbios são utilizados em posição de foco, antes dos marcadores temporais *ne* e *ja*, nunca após o verbo.

Figura 6 – Exemplo de oração com o advérbio *aròm* ‘já’ em posição de foco.

aròm	nē	mă	tē
já	tv	embora	ir
'Ele já foi embora.'			

Fonte: Stout e Thomson, 1974b, p. 71.

Figura 7 – Exemplo de oração com o advérbio *akati-bê* ‘amanhã-em’ em posição de foco.

akati-bê	ja	mē	bôx
amanhã-em	tv	3p pl	chegar
'Vão chegar amanhã.'			

Fonte: Stout e Thomson, 1974b, p. 71.

Quanto às modalidades de orientação, que indicam duração ou continuidade, elas requerem a forma estativa do verbo e são divididas em continuativo indefinido, continuativo presente e continuativo completivo. Todas são formadas através da adição de construções após o verbo nas orações.

Figura 8 – Exemplo de oração com o ‘continuativo indefinido’.

Bir nē krēn rā'ā
Biri tv comer ainda
'Biri ainda está comendo.'

Fonte : Stout e Thomson, 1974b, p. 71-72.

Figura 9 – Exemplo de oração com o ‘continuativo presente’.

Bir nē krēn o nō
Biri tv comer com deitar
'Biri está comendo (deitada).'

Fonte: Stout e Thomson, 1974b, p. 71-72.

Figura 10 – Exemplo de oração com o ‘continuativo completivo’.

Bir nē krēn pa
Biri tv comer compl
'Biri comeu tudo.'

Fonte: Stout e Thomson, 1974b, p. 71-72.

Em (8), o sentido de continuativo indefinido é realizado por *rā'ā* após o verbo. Em (9), elas destacam o uso do elemento *o*, acrescido do marcador posicional *nō*, para gerar o sentido de continuativo presente. Já em (10), o sentido completivo é realizado pela adição de *pa* posposto ao verbo. Stout e Thomson (1974b) nomeiam as orações com o termo ‘continuativo’ porque denotam uma duração ou continuidade do evento, todas sob o rótulo de ‘modalidade de orientação’. São situações em que o início e o fim não são evidentes para o falante (indefinido); ou a ação é concomitante ao momento da fala e está sendo testemunhada pelo falante (presente); ou o evento já atingiu o seu ponto de culminância e já não é mais possível continuar (completivo). Mais à frente, essas modalidades serão analisadas sob a ótica da semântica formal.

Logo depois, a segunda modalidade apresentada pelas pesquisadoras é a de conexão, que opera entre duas proposições, segundo elas, para dar o sentido de ligação simples, causa-efeito ou explicação (Stout e Thomson, 1974b). Os operadores para sequências temporais entre duas proposições são *nē* e *nhüm*, que se alternam conforme os sujeitos ou focos. Quando as duas proposições apresentam o mesmo sujeito ou o mesmo referente em foco, usa-se o *ne* (Figura 11). Quando os sujeitos são diferentes e há uma mudança de foco, usa-se o *nhüm* (Figura 12).

Figura 11 – Proposições com o mesmo sujeito ou mesmo referente em foco.

ba	ku-bù	nē	ku-ga	nē	ku-krē
1p	obj-pegar	e	obj-assar	e	obj-comer
'Eu o pego, asso, e como.'					

Fonte : Stout e Thomson, 1974b, p. 74-75.

Figura 12 - Proposições com sujeitos ou referentes diferentes em foco.

Bir	nē	mrù	ga	nhüm	ku-krē
Biri	tv	carne	assar	mas	obj-comer
'Biri assou carne, mas ele a comeu.'					

Fonte : Stout e Thomson, 1974b, p. 74-75.

Outra modalidade é a conexão-enumeração, que descreve acontecimentos ou estados que estão em diferentes pontos na linha do tempo. O elemento utilizado é o *ne*, porém, junto com o advérbio *aròp*, em posição inicial na sentença (Figura 13):

Figura 13 – Exemplo de proposição com acontecimentos em diferentes pontos da linha do tempo.

aròp	ku-bê	àk	nē	atemä
já	3p-tornar-se	pássaro	e	diferente
kàr				
pio de ave				
'Então tornou-se pássaro, e tem pio diferente.'				

Fonte: Stout e Thomson, 1974b, p. 76.

O elemento *ne* é utilizado entre as proposições de sentido equivalente, mas junto com a posposição *kām* gera a interpretação de causalidade, como em (Figura 14):

Figura 14 – Proposições com o sentido equivalente.

a-nhür	kêt-kām	nē	ga	tũm
2p-sentar	não-porque	e	2p	caiu
'Você caiu porque não se sentou.'				

Fonte : Stout e Thomson, 1974b, p. 77.

Outras modalidades são as de conexão lógica-conveniência e conexão lógica-propósito. A primeira diz respeito à expressão de conveniência e pode ser realizada através da posposição de *kôt* (Figura 15); e a segunda por meio de *kajû*, quando a relação de propósito não é evidente (Figura 16); *mã* quando é evidente (Figura 17), e *-bê* quando é preventivo¹⁶ (Figura 18).

Figura 15 – Exemplo de proposição com expressão de conveniência.

bēnyajwòr	kabēn	kôt	gu	mē	amĩ
chefe	falar	segundo	vamos	pl	ref
nhipex					
fazer					
'Vamos fazer como o chefe disse.'					

Fonte : Stout e Thomson, 1974b, p. 79-82.

Figura 16 - proposição com propósito não- evidente.

mē	tor--	kajû	mē	ni-re	amĩ	ôk
pl	dançar--para	pl	mulheres	ref	pintar	
'As mulheres se pintam para a festa.'						

Fonte : Stout e Thomson, 1974b, p. 79-82.

Figura 17 – Exemplo de proposição com propósito evidente.

¹⁶ O que as autoras chamam de 'preventivo' é o condicional contrafactual no português brasileiro, ou seja, é uma estrutura gramatical que expressa um aspecto da realidade através de uma situação irreal.

i- ye kapôt pumũnh--mä ba-r i-
 1p-aux Kapôt ver-- para 1p-pl 1p suj
 mör--mä
 ir--inten
 'Vamos para ver Kapôt.'

Fonte : Stout e Thomson, 1974b, p. 79-82.

Figura 18 – Exemplo de proposição preventiva.

túm-bê ba ku-bù
 cair-senão 1p obj-apanhar
 'Peguei-o; senão, caía.'

Fonte : Stout e Thomson, 1974b, p. 79-82.

Quanto à modalidade de conceito, é realizada para distinguir o ponto de vista. Aqui as pesquisadoras incluem os interrogativos, a negação, os indicadores de qualidade, os desiderativos, os dubitativos, os marcadores de probabilidade, de iminência, os intencionais, os frustrativos, os indicativos de citação, o putativo, o morfema de ênfase e o imperativo.

As marcações de iminência são realizadas com o verbo na forma estativa e com a adição de 'òr, posposto a ele.

Figura 19 – Exemplo de proposição de iminência.

bir ku- te krên 'òr
 Biri 3p-aux comer imin
 'Biri está para comer.'

Fonte: Stout e Thomson, 1974b, p. 89.

Embora no primeiro artigo de Stout e Thomson (1974a) o tempo seja mencionado como parte da modalidade e seja reconhecido como um elemento que afeta a oração como um todo, o seu estudo detalhado não é o objetivo principal em suas pesquisas. Além disso, o aspecto como uma categoria gramatical relacionada ao modo como uma ação ou estado é percebido em termos de sua duração, frequência, ou completude, não é abordado de maneira específica. Tempo e aspecto não são explorados em profundidade, e a ausência de uma análise mais detalhada dessas categorias gramaticais na língua Kayapó é evidente ao longo do texto.

No segundo artigo das autoras, a modalidade em Kayapó é tratada e inclui, sob o seu rótulo, elementos que afetam a oração como um todo, como tempo, aspecto, negação, modo, ênfase, lugar e interrogação. No entanto, assume-se hoje, na linguística formal, **tempo** e **modalidade** como conceitos distintos, que se referem a diferentes níveis da gramática de uma língua. O primeiro indica quando a ação ou o estado descrito pelo verbo ocorre em relação ao momento da fala, ou em relação a um tempo tópico, este sim diretamente relacionado com o momento de fala. O segundo é um termo mais amplo, que abrange várias funções gramaticais relacionadas à atitude do falante em relação à proposição expressa. Já o modo pode incluir elementos como certeza, possibilidade, permissão, obrigação, desejo e capacidade, entre outros. Reunir, em um mesmo conjunto, esses elementos da língua, pode impedir que algumas características gramaticais sejam reveladas.

Em continuidade aos estudos sobre a língua, um tempo depois, em 1981, Earl Trapp elabora uma gramática básica, voltada ao ensino da conversação em Kayapó. Entre os capítulos, há uma parte sobre a semântica dos verbos. Trapp afirma que os verbos em Mebêngôkre apresentam uma forma descritiva (não-finita) e outra ativa (finita), por exemplo:

(28) Ba muwa
1Sg v. chorar f.
'Eu choro'

(29) Ba i-m̀̀r kêt
1Sg 1p-v. chorar nf. Neg
'Eu não choro'

Adaptado de Trapp (1984).

Em (28) temos um verbo intransitivo com a forma ativa *muw*; diante da negação, o verbo muda para a forma descritiva *m̀̀r* e é adicionado o prefixo de primeira pessoa do singular *i-* em (29).

Trapp (1984) apresenta alguns dados que ele considera como aspecto na língua. O *arum na*, interpretado por Sala (1920) como marcador de tempo passado, é descrito por Trapp como uma marca de aspecto completivo.

(30) Ar̀̀m-ne b̀̀x.
Já Nfut v. chegar
'Já cheguei'
'Acabei de chegar'

Adaptado de Trapp (1984).

Para exemplificar o repetitivo singular¹⁷ ele apresenta o *ajte* ‘de novo’:

- (31) I-kra t̃ym ne kam ajte muwa.
 1p-filho v. cair Ms Loc de novo v. chorar f..
 ‘Meu filho chora de novo porque caiu’

Adaptado de Trapp (1984).

Ao final de sua gramática, após descrever características básicas da língua, há um glossário com algumas palavras que ele considera de aspecto, como *ari* (repetição) – *kam me ari ba* – ‘eles estavam passeando’; *arek* (estático, progressivo, continuamente) – *nãm arek kr̃rax kam dja* – ‘Eles ainda estão na cidade’; *ĩ* (adiado, finalmente) – *dja ĩ inhõ bikwa bôx* – ‘meu parente chegará eventualmente’ (Trapp, 1984, p. 85). Além das palavras de aspecto, há uma lista de verbos em Kayapó, tanto na forma ativa quanto na descritiva¹⁸.

A gramática de Trapp (1984) é voltada para pessoas que tenham interesse em aprender o Kayapó, permitindo que elas pratiquem e internalizem os aspectos fonéticos, morfológicos e sintáticos da língua. Como as expressões são usadas em diferentes contextos não é algo abordado. Uma análise de como o tempo e o aspecto são expressos sintaticamente e de como eles carregam significado semântico em diferentes situações de uso da língua também está ausente. No entanto, sua pesquisa, anos depois, seria ampliada em um modelo pedagógico de ensino da língua.

Em 1989, Kathleen Jefferson elabora uma versão didática para o ensino da língua, a *Gramática Pedagógica Kayapó*, publicada em 1989 e atualizada em 2013 pela Associação Internacional de Linguística SIL¹⁹ – Brasil, em Anápolis, GO. O objetivo principal do livro é proporcionar um meio para que aprendizes adquiram fluência oral na língua Kayapó, através de lições e exercícios estruturados, sem ser uma gramática descritiva. Sua metodologia tem como base o estudo em conjunto com um falante nativo da língua e incentiva o aprendiz a viver em uma comunidade falante para melhorar sua prática com imersão. A obra é uma ferramenta abrangente para o aprendizado da língua Kayapó, mas não é uma fonte exaustiva de informações gramaticais. Em vez disso, focaliza o domínio das categorias mais recorrentes da

¹⁷ Trapp denomina o *ajte* ‘de novo’ como um repetitivo singular, os exemplos apresentados demonstram apenas um sujeito, como no exemplo (x). No entanto, não há mais informações, o que pode haver é um repetitivo plural. Em suas anotações sobre partículas aspectuais, ele apresenta o *ari*, descrito na literatura como um marcador de plural paucal ou limitado. Traduzido por Trapp como ‘repetidamente’.

¹⁸ A forma ativa corresponde à não-finita do verbo e a descritiva à finita. No trabalho de Trapp (1981), há uma lista com diversos verbos em Kayapó. Somente alguns verbos possuem ambas as formas. Uma descrição ou investigação sobre o porquê de alguns apresentarem duas formas ainda não realizada. Para essa pesquisa não nos atentaremos a esses detalhes, mas é um tema a ser pesquisado no Mebêngôkre.

¹⁹ [txu.Gramatica.pdf\(sil.org\)](http://txu.Gramatica.pdf(sil.org))

língua e oferece uma variedade de exemplos e exercícios para prática. Ela não fornece uma análise teórica detalhada dos aspectos verbais, mas exercícios práticos que permitem ao aprendiz internalizar o uso correto dos verbos em contextos reais de comunicação. O público-alvo são os que desejam aprender o Kayapó como segunda língua. Entre as informações, alguns exemplos com elementos aspectuais podem ser destacados, como o *ar* em (20):

- (32) Ar tor ar o ba
Pli v. dançar Asp
'Eles (poucos) estão dançando'

Adaptado de Jefferson (1989, p. 54).

Em nota, Jefferson explica a existência de dois *ar* na sentença. O primeiro é a marca de plural do pronome sujeito, limitado à terceira pessoa. Já o segundo é uma marca de aspecto e também indica a pluralidade da ação expressa pelo verbo. Outros elementos aspectuais, que ela classifica como verbos continuativos, são o *o dja* (o mesmo observado por Sala e Trapp), o *nh̄y* e o *ba*. Além deles há um grupo de pronomes sobre os quais a autora comenta que uma explicação:

não é fácil de ser dada, pois, o emprego dos mesmos depende de como o falante, em cada situação, percebe uma ação que ele próprio descreve. As formas nã bãm, nã gãm, nãm e outras parecem ocorrer quando a pessoa participa da prática da ação, descrita pelo verbo. Assim sendo, as ocorrências de tais formas são frequentemente constatadas em períodos que empregam os verbos continuativos: o nh̄y, o dja ou o ba. (Jefferson, 1989, p. 54).

De forma paralela, os pronomes de primeira pessoa *ba*, segunda *ga* e terceira $\emptyset$ do singular são utilizados em ações já concluídas ou na iminência de acontecerem, segundo Jefferson (1989).

- (33) Kikre ne ba kapõnh o dja.
Casa Nfut 1Sg v. varrer v. pos
'Estou varrendo a casa [de pé]'

- (34) Nã bãm põnh o dja.
1Pt v. lavar v. pos
'Eu estou lavando [de pé]'

- (35) Ba i-tor ar o i-ba.
1Sg 1P-dançar Asp 1P-Asp
'Eu estou dançando'

Adaptado de Jefferson (1989, p. 53-54).

Em Mebêngôkre, muitas situações são descritas através do uso de verbos posicionais, como *dja* ‘em pé’, *nhỹ* ‘sentado’, *nõ* ‘deitado’, *wajêt* ‘pendurado’. Essas posições apresentam formas singulares e plurais e indicam a posição que normalmente um objeto é encontrado ou uma atividade é realizada. Jefferson (1989) descreve essas posições como interrelação das coisas²⁰.

Além de algumas características da cultura, sobre a língua, a gramática de Jefferson não inclui especificamente lições e exercícios referentes a cada aspecto gramatical do Mebêngôkre, mas focaliza o domínio das categorias mais frequentes. Portanto, há a ausência de uma abordagem detalhada e exaustiva de todos os aspectos gramaticais da língua Kayapó.

Essa lacuna talvez viesse a ser preenchida, em parte, com o tempo, por meio de algumas pesquisas que surgiriam nas universidades do Brasil. A primeira delas é a de Borges (1996), que trata dos sintagmas nominais e as relações genitivas em Kayapó, mas não aborda a questão do aspecto na língua. Um ponto a se observar é a sua análise quanto ao tempo, considerado por ela como marcado através do uso de partículas como *ne* e *dja*, ambas glosadas como *tv* (tempo verbal). Alguns anos depois, seu estudo foi seguido por Silva (2001), com *Pronome, Ordem e Ergatividade em Mebengokre (Kayapó)*. Uma pesquisa que teve como objetivo analisar a natureza da ergatividade cindida na língua Mebêngôkre (Kayapó), como uma característica que influencia a sintaxe e a marcação de caso na língua. Sua proposta, descreve que a posição do verbo e suas propriedades são fundamentais para entender a ergatividade, que se manifesta de forma distinta entre os sistemas nominativo-acusativo e ergativo-absolutivo no Mebêngôkre. Silva conclui que a ergatividade cindida na língua é mais sintática do que semântica, e está ligada à estrutura do verbo e sua posição na oração. Em um dos capítulos, ela aborda a morfossintaxe do Mebêngôkre, dividindo a língua em duas categorias principais: nomes e verbos. A primeira é formada por palavras invariáveis na forma do radical quanto na marcação de argumentos (35); a segunda apresenta uma variação no radical e podem exibir ou não a flexão de pessoa (36, 37).

(35) (ga) a-tɣj ‘você é forte’

(ga) a-tɣj kêt ‘você não é forte’

²⁰ No convívio com os Mebêngôkre, o que se observa é o uso dos posicionais quando o evento é testemunhado pelo falante; ou o objeto está presente no contexto da situação. Por exemplo: se alguém pergunta *Junior, nara café?* ‘Junior, cadê o café?’, posso responder *wãnh ne dja* ‘ali em pé’ referindo-se à garrafa presente no contexto; ou alguém procura por uma pessoa: *Nara Eduardo?* ‘Cadê o Eduardo?’, posso responder *Kôkraxmôr kam dja* ‘está no Kôkraxmôr (em pé)’, porque essa é uma posição *default* ‘padrão’ para uma pessoa.

- (36) a. ga ɲo kam re
 2NOM rio LOC nadar
 ‘você nada no rio’
 b. ga ɲo kam a-rere ket
 2NOM rio LOC 2ABS-nadar NEG
 ‘você não nada no rio’

- (37) a. ga mua
 2NOM chorar
 ‘você chora’
 b. a-mɣɣɣ ket
 2ABS chorar NEG
 ‘você não chora’

(Silva, 2001, p. 23).

De acordo com a sua análise, a morfologia verbal em (36a) e (37a) representa a forma finita do verbo e a de (36b) e (37b), a forma não-finita. Essa divisão, corresponde, respectivamente, aos verbos ativos e aos descritivos, na denominação dada por Stout e Thomson (1974). A alternância entre as formas é realizada por meio de afixos verbais, segundo Silva (2001).

Quanto ao aspecto gramatical na língua, a pesquisa descreve que pode ser manifestado por meio de partículas que ocorrem na sentença. O Mebêngôkre possui duas classes de partículas que codificam noções associadas à categoria IP (no esquema X-barra) da estrutura da oração: partículas de segunda posição, que se aglomeram na **periferia esquerda** da sentença, e partículas de última posição, que ocorrem na **posição pós-verbal**. Silva afirma que o aspecto na língua está relacionado ao sistema de caso e à ergatividade, Embora o Mebêngôkre não exiba uma distinção gramatical entre referência temporal passada ou presente, as partículas pós-verbais são relevantes para a transmissão de noções aspectuais. Por exemplo, o aspecto prospectivo, que descreve uma ação ou evento que está prestes a se realizar, é transmitido por posposições, que ocorrem na posição pós-verbal.

- (38) ba tuĩm
 1NOM cair
 ‘eu cai (caio)’

- (39) i- tuĩm ɣɾɣ²¹
 1ABS-cair PROSPEC
 ‘eu estou para cair’

Silva (2001, p. 72)

Ela (Silva, 2001) cita outras línguas da família Jê, como o Xokleng, no qual o aspecto é determinante para a distribuição da ergatividade e da acusatividade, com o acusativo associado ao aspecto ativo e o ergativo ao aspecto estativo. No entanto, em sua análise, o Mebêngôkre não possui marcas de aspecto pós-verbal diretamente relacionadas ao sistema acusativo e ao sistema ergativo. Em vez disso, os núcleos pós-verbais geralmente disparam o ergativo, independentemente do aspecto que eles marquem.

Seu estudo descreve, em linhas gerais, algumas características do sistema TAM na língua. Ela explica que os verbos em Mebêngôkre não são flexionados para tempo, aspecto e modo. Uma série de partículas funcionais cumprem essa tarefa, ocupando a segunda ou a última posição sintática nas sentenças. Apesar de Stout e Thomson (1974) classificarem as partículas *ne* e *dja* como marcas de não-futuro e futuro, Silva (2001) explica que a ocorrência desses elementos é obrigatória quando eles são antecidos por um constituinte deslocado. Essas construções parecem indicar foco contrastivo. Veja os exemplos:

- (40) ba boj
 1NOM chegar
 ‘eu cheguei/chego’

- (41) kajtire nē krī raj mã tē
 Kaitire (FOC) COMP aldeia grande para ir
 ‘é o Kaitire (não o Pedro) que vai para a cidade’

(Silva, 2001, p. 30-31).

Não há distinção gramatical clara entre referência temporal passada e presente. Além disso, a partícula *ne* parece indicar uma marca de modo *realis*, já que é utilizada para expressar ações que realmente ocorrem ou ocorreram. No entanto, essa partícula entra em competição com a marca temporal de futuro, *dja*, que ocupa a mesma posição na estrutura. A diferença entre elas é que *dja* sempre apresenta uma leitura de *irrealis* (42), conforme apontado pela autora em sua análise.

²¹ Os dados em Silva (2001) são apresentados através de símbolos fonéticos. O prospectivo (PROSPEC) pode ser interpretado como ‘quase’ em português.

- (42) arɣp dja ba boj
 Já MI 1NOM chegar
 ‘eu já vou chegar’

(Silva, 2001, p. 30-31).

O *dja* é classificado como marca de modo também. Na sua análise, Silva afirma que o extremo da periferia esquerda ou a primeira posição sintática pode ser ocupada por qualquer constituinte nas sentenças em Mebêngôkre.

No campo do aspecto, Silva (2001) faz alguns apontamentos. Em Mebêngôkre, um conjunto de posposições em posição pós-verbal é responsável pela produção de efeitos de natureza aspectual (p. 33):

- (43) aje i-pumūn m̄
 2ERG 1ABS-ver PROSPEC
 ‘Você está para me ver.’
 (44) i-mõrõ ri
 1ABS-andar LOC
 ‘Quando eu andava.’
 (45) kubē nē tɛp krēn ɔ dja
 ‘bárbaro’ COMP ‘peixe’ ‘comer’ fazer ‘estar de pé’
 ‘O homem branco está comendo o peixe em pé’.

(Silva, 2001, p. 33-34).

Em (43), a partícula *m̄* em posição pós-verbal expressa o sentido de um evento iminente, prospectivo. Já em (44), o locativo *ri* marca a ideia de um período anterior, com duração indefinida. No exemplo (45) observa-se uma das expressões mais evidentes de aspecto, segundo a pesquisa. O progressivo não está marcado no verbo, mas na posposição formada por um verbo leve *ɔ* e um verbo posicional *dja* (Silva, 2001, p. 34).

Ela explica que o verbo leve [*ɔ*] tem várias funções na gramática da língua Mebêngôkre. Ele pode funcionar como posposição de sentido instrumental em orações transitivas; como causativizador; e ainda como transivitizador. No entanto, esse não é o foco do seu trabalho.

Silva (2001) acredita que o aspecto é um dos motivadores da alternância de caso na língua, definindo a natureza da ergatividade cindida em Mebêngôkre. O desafio é compreender a natureza aspectual das construções. Ela afirma, que, via de regra, o aspecto perfectivo está relacionado com o caso ergativo, enquanto o imperfectivo está relacionado ao caso acusativo.

Figura 20 – Exemplos de prospectivo em Mebêngôkre.

- a. kubẽ tɛp krẽ
 'bárbaro' peixe 'comer'
 'O homem branco comeu peixe.'
- b. kubẽ_i kute_i tɛp krẽn m̃
 'bárbaro' 3-ERG 'peixe' 'comer' PROSPEC
 'O homem branco está para comer o peixe.'
- c. ba tũm
 1NOM cair
 'eu cai (caio)'
- d. i-tũm ɾɾɾ
 1ABS-cair PROSPEC
 'eu estou para cair'

Fonte: Silva (2001, p.62).

Na figura (20), na sentença transitiva em (a), o verbo está na forma finita (*krẽ* 'comer') não há marca morfológica no sujeito ou objeto. Já em (b), há a adição de uma posposição no verbo, *m̃*. Esse assume uma forma não-finita (*krẽn* 'comer') juntamente com o acréscimo de uma marca pronominal ergativa de terceira pessoa *kute*. Por outro lado, na intransitiva (c), a forma pronominal de primeira pessoa *ba*, difere da forma pronominal em (d), o prefixo *i-*, logo que a posposição *ɾɾɾ* é adicionada ao verbo. Essas observações apontadas por Silva (2001) a fazem questionar a natureza da relação entre ergatividade e perfectividade em Mebêngôkre. A língua parece contrariar o esperado pela literatura: o ergativo associado ao perfectivo. Na língua, assim como em outras da família Jê, o ergativo se associa às orações imperfectivas. Ao final de sua pesquisa, ela questiona:

(...) é de fato o aspecto que condiciona a cisão de caso em Mebengokre, ou será outro fator que arrasta consigo noções ora aspectuais, ora temporais nas diversas línguas da família?

Se a hipótese proposta neste trabalho de que a ergatividade é desencadeada pela natureza do núcleo que encabeça o predicado, convém investigar de que maneira a semântica dos núcleos pós-verbais interage com o aspecto da oração complemento." (Silva, 2001, p. 67).

O estudo de Silva (2001) não prevê uma descrição sistemática e detalhada do aspecto como categoria gramatical. Embora existam trabalhos anteriores que abordem aspectos da morfossintaxe verbal e mencionem a presença de partículas que codificam noções relacionadas à categoria IP (no esquema X-barra) na estrutura da oração, a descrição do aspecto em si ainda é limitada. É necessária uma análise mais aprofundada dessas partículas, especialmente no que

diz respeito à sua associação com categorias gramaticais específicas, para uma compreensão mais ampla do aspecto em Mebêngôkre. Além disso, é fundamental entender a interação entre o aspecto e o sistema de caso como um conjunto integrado na língua, bem como investigar a distribuição dessas partículas e analisar como o aspecto se manifesta em diferentes contextos sintáticos.

Na busca por uma resposta às indagações anteriores de Silva (2001), Salanova (2007) aborda a relação entre nominalizações e aspecto em línguas que apresentam divisões ergativas condicionadas ao aspecto. Com foco na língua Mebêngôkre (Xikrin e Kayapó), sua pesquisa discute como as línguas com esse tipo de divisão ergativa opõem um aspecto perfectivo ou perfeito, com padrão de caso ergativo-absolutivo, a um imperfectivo, onde a marcação de caso segue um padrão nominativo-acusativo. Sua análise propõe uma divisão dos verbos do Mebêngôkre em dois grupos, de acordo com a configuração aspectual: (i) Forma A (nominal), com uma variedade de interpretações estativas em relação ao tempo, quando não estão incorporadas. Quando incorporadas, dependem da oração principal para codificarem tempo e aspecto. (ii) Forma B (verbal), que avança o tempo narrativo, não pode ser incorporada e constitui a matriz de orações nominativas.

Quadro 5 – Divisão dos verbos em Mebêngôkre conforme a configuração aspectual.

Forma A	Forma B
<i>tên</i>	<i>tẽ</i>
ir. SG. N	ir. SG. V
<i>môrõ</i>	<i>mõ</i>
ir. PL. N	ir. PL. V
<i>rwỳk</i>	<i>rwỳ</i>
descer. SG. N	descer. SG. V
<i>mrãnh</i>	<i>mrã</i>
caminhar. SG. N	caminhar. SG. V

SG – singular, V – verbal, N – nominal.

Fonte: Adaptado de Salanova (2007, p. 25, tradução própria).

De acordo com a proposta, a nominalização em Mebêngôkre pode ser interpretada como uma oração principal, como um caso especial de sentenças existenciais. Essas sentenças, na língua, são sentenças sem verbo nas quais o nominalizador assume a função de um predicado

existencial. Isso significa que, quando uma forma nominal do verbo é usada como uma oração principal, ela é interpretada como tendo o significado aspectual do perfeito, o que implica referência a um evento ou estado que foi completado ou que persiste no tempo da fala. Esta interpretação é facilitada pela ausência de embutimento de cláusulas verbais finitas²² na língua, o que torna as nominalizações a forma predominante de subordinação e, conseqüentemente, de expressão de certos valores aspectuais em cláusulas principais. A estratégia é mais frequente em contextos em que há subordinação e em construções que envolvem negação e modificação.

Salanova descreve que na língua não há embutimento de sentenças²³ verbais finitas; apenas construções nominais podem ser encaixadas. O objetivo é expressar uma variedade de funções que, em outras línguas, poderiam ser realizadas por orações subordinadas finitas. Ele destaca que a nominalização também é frequente em construções existenciais e em expressões que referem a eventos, onde aparecem determinantes e expressões de cardinalidade usadas com substantivos.

Na sintaxe, a estrutura também é influenciada pela nominalização através da restrição à adjunção, que é drasticamente limitada na língua. Isso significa que não há classes abertas de adjetivos ou advérbios, e as cláusulas relativas não são adjuntas, segundo a pesquisa. Essas restrições sintáticas contribuem para a manutenção das nominalizações na língua.

- (46) kukruut ne ba arɣp ku-bĩ
 anta Nfut 1nom comp 3-v.matar
 ‘Eu já matei a anta’

- (47) (*kukruut) (*ne) (*ije) arɣp ije bĩ-n
 anta Nfut 1erg comp 1erg v.matar-N
 ‘Eu já matei (a anta)’

Adaptado de Silva e Salanova (2006).

²² Em geral, sentenças subordinadas finitas são aquelas que funcionam como complementos de verbos, adjetivos ou preposições e que contêm um verbo finito, ou seja, um verbo que pode ser conjugado para tempo, modo e pessoa. Essas sentenças são independentes em termos sintáticos e podem ser usadas para expressar uma variedade de relações semânticas, como tempo, causa, condição, entre outras. No português brasileiro, as sentenças subordinadas finitas são construídas com um verbo finito que pode ser conjugado para tempo, modo e pessoa. Essas sentenças podem ser introduzidas por conjunções subordinativas como "que", "se", "porque", "como", entre outras, e desempenham funções sintáticas variadas, como sujeito, objeto direto, objeto indireto, adjunto adverbial etc.

²³ Para essa pesquisa utilizaremos o termo *sentença* ou *oração*, utilizado pela semântica formal, em substituição ao termo *cláusula* de outras teorias.

A nominalização é uma construção linguística importante nas línguas naturais porque permite que se refira a eventos, estados ou processos como entidades. Ela é uma estratégia sintática que converte verbos em nomes, permitindo que ações e processos sejam tratados como objetos ou participantes em outras ações (Salanova, 2007). No Mebêngôkre, ela permite a expressão de aspectualidade e ergatividade; e é usada para criar construções que, em outras línguas (como o inglês e o português), seriam realizadas por cláusulas subordinadas finitas, mas que, devido às restrições sintáticas da língua, são expressas através de formas nominais. Além disso, ela permite a expressão de relações semânticas de modificação, através de advérbios, adjetivos, negação etc., que, em outras línguas, poderiam ser realizadas por meio de adjuntos ou sentenças subordinadas. A complexidade pode ser morfológica, mas não semântica.

Figura 21 – Cisão de caso entre sentenças subordinadas e principais.

[i-têm xry] ije a-mã fita pñrõ ket
 [1ABS-ir PROSPEC] 1ERG 2-DAT fita dar NEG
 ‘quando eu estiver para ir eu não vou dar a fita para você’

Fonte: Silva, (2001, p 75)

Salanova discute como a língua Mebêngôkre opõe duas formas verbais que expressam uma oposição aspectual entre perfeito e perfectivo. Na análise, a forma A (nominal) é associada ao aspecto perfeito e exibe padrões ergativos, enquanto a forma B(verbal) é associada ao aspecto perfectivo ou não-marcado, e segue padrões nominativo-acusativos. Ele argumenta que essa oposição entre formas verbais A e B não é simplesmente uma diferença aspectual, mas reflete uma mudança de categoria morfológica, pois a forma A é uma nominalização do verbo. Em sua análise, a forma A está associada a uma gama de interpretações temporalmente estativas, incluindo o aspecto **perfeito**, enquanto a forma B está associada ao aspecto **imperfectivo** ou **perfectivo**. Sua pesquisa sugere que essa mudança de categoria é fundamental para entender a ergatividade e a interpretação perfeita associada à forma A em Mebêngôkre. Ele propõe que a nominalização está na base de muitas divisões ergativas condicionadas ao aspecto descritas na literatura e é central para a construção perfeita em línguas como o francês e o italiano.

De acordo com a sua análise, o aspecto perfectivo em Mebêngôkre está associado à forma B do verbo. Esta forma B é caracterizada por ter uma interpretação perfectiva ou de aspecto simples passado, que avança o tempo narrativo e encabeça cláusulas com alinhamento nominativo-acusativo. Além disso, a forma B não pode ser embutida em outras cláusulas.

Salanova (2007), ao analisar a relação entre caso, nominalização e aspecto, apresenta um esquema da hierarquia do aspecto em Mebêngôkre que pode ser formalizado da seguinte maneira:

Figura 22 – Hierarquia do aspecto em Mebêngôkre.

progressive and habitual >> perfective >> perfect

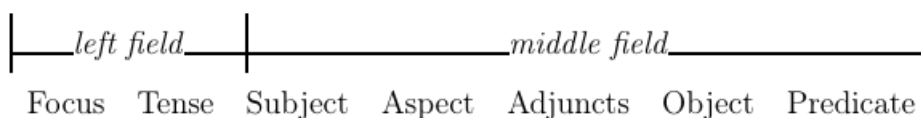
Fonte: Salanova (2007, p. 49).

Em sua análise ele descreve que as formas nominais denotam inerentemente estados. Sua tese deu origem a alguns artigos, como *The building blocks of aspectual interpretation* (2009) e *Imperfectives in Mebêngôkre* (2012). O primeiro aprofunda a análise da relação entre as formas verbal e nominal dos verbos e o aspecto; o segundo, faz uma divisão dos auxiliares na língua em dois tipos: os de levantamento e os de controle. Ambas estabelecem uma relação temática entre os participantes na sentença.

Salanova (2007) apresenta um tratamento formal para a descrição e a análise da língua. Sua metodologia envolve a coleta de dados de fala espontânea e a criação de contextos discursivos, para eliciar sentenças e efetuar julgamentos com consultores nativos. Além disso, ele apresenta a estrutura e a semântica geral para projeções nominais na língua Mebêngôkre, no pôster *The sense of Mẽbêngôkre nominalizations*²⁴, no qual demonstra como essas estruturas são combinadas para produzir sentenças e como o significado aspectual dessas cláusulas nominais é obtido.

Para as sentenças, ele explica que as orações principais em Mebêngôkre são bastante rígidas. Tempo e aspecto (de ponto de vista) ocupam duas posições separadas e são codificadas através de partículas nas seguintes posições sintáticas:

Figura 23 – Posições sintáticas na língua Mebêngôkre.



Fonte: Salanova (2007, p. 22).

A figura 23 ilustra a distribuição sintática das sentenças principais em Mebêngôkre, destacando a rigidez da ordem das palavras na língua. O diagrama apresenta a posição dos

²⁴ Poster apresentado no *11th Workshop on Structure and Constituency of the Languages of the Americas* no ano de 2006, por Silva e Salanova.

constituintes em uma cláusula matriz, onde as posições de *Tense* (tempo) e *Aspect* (aspecto) são indicadas como locais para duas classes separadas de partículas, que têm significados temporais e aspectuais, respectivamente. A disposição dos elementos na sentença influencia como a ação ou o estado é percebido em termos de tempo e aspecto na língua.

O estudo é um avanço na investigação sobre a língua, mas há lacunas a serem preenchidas nos estudos sobre o aspecto em Mebêngôkre. Salanova afirma que falta uma compreensão clara e detalhada da semântica do aspecto nas construções ergativas e não-ergativas da língua. Embora haja trabalhos anteriores que descrevem a ergatividade e as divisões ergativas condicionadas ao aspecto em Mebêngôkre e outras línguas da família Jê, a semântica dessas divisões ainda não foi completamente elucidada. Seu trabalho é uma descrição formal para a sintaxe no Mebêngôkre e um caminho para a análise semântica da língua.

Nesse sentido, outro ponto obscuro é a distinção entre o aspecto perfeito e perfectivo. Não há consenso sobre a forma associada à ergatividade ser perfectiva. Para alguns autores, ela poderia ser melhor descrita como perfeita. Salanova sugere que a forma verbal associada à ergatividade poderia ser interpretada como um perfeito, com o perfectivo simples passado sendo uma de suas leituras possíveis. Sua posição é a de que não há casos conhecidos de línguas com formas distintas para o perfeito e o perfectivo, nas quais o perfectivo, e não o perfeito, esteja associado ao alinhamento ergativo. Ele propõe que a investigação da semântica dessas distinções deve ser abordada em pesquisas posteriores.

Por outro lado, em sua pesquisa, Salanova conclui que o tempo na língua é, por necessidade semântica, um ponto acima do aspecto de ponto de vista.

Descobrir como partículas periféricas esquerdas instanciam as diferentes categorias de ponto de vista e tempo verbal, e como os valores padrão de ponto de vista e tempo são atribuídas a diferentes tipos de predicados, são assuntos para uma pesquisa futura (Salanova, 2007, p. 49).

Ainda nos estudos realizados na academia, Costa da Silva (2015) faz uma descrição gramatical da variedade Xikrin da língua Mebêngôkre. Um dos capítulos é dedicado ao sistema TAM na língua. Em sua análise, o tempo não é marcado gramaticalmente em Mebêngôkre. Há três modos de fala: *realis* (projeta algo realizado, noção de passado), *irrealis* (algo hipotético, ideia de futuro) e imperativo. Já o aspecto é uma categoria expressa lexicalmente, considerado para ele como modo de ação, uma vez que não está gramaticalizado como flexão verbal em Xikrin. Os aspectos descritos e exemplificados com alguns dados por Costa da Silva (2015) são: incompletivo, completivo, progressivo, recém-realizado, iterativo, frustrativo, cessativo e

iminente. Abaixo, um exemplo de incompletivo (48) e completivo (49), ambos codificados por um elemento lexical no final e início da sentença, respectivamente:

- (48) *mẽprĩre* *na* *Ø-kane* *rã?ã*
 criança RLS R²-doença INCOMPL
 ‘a criança ainda está doente’
- (49) *arəp* *na* *ba* *boj*
 já RLS 1 chegar
 ‘eu já cheguei’

(Costa da Silva, 2015, p. 303-304)

Vale ressaltar que a pesquisa enfatiza que a posposição -o 'associativo-instrumentivo' pode equivaler a construções gerundivas e expressar o aspecto progressivo, mas não há uma marca específica para o aspecto progressivo na língua Xikrín, o que também indica uma área semântica que precisa de esclarecimento adicional.

Outras pesquisas abordaram a questão do aspecto na língua, mas de modo simplificado, com algumas características já apresentadas na literatura. Em 2018, Menezes realizou uma nova pesquisa sobre a variedade Kayapó da língua Mebêngôkre, falada no município de São Félix do Xingu-PA. No estudo *As Classes Lexicais da língua Mebêngôkre*, ela aborda o aspecto com alguns dados da língua. Em sua análise, o aspecto pode ser expresso por sintagmas adjuntos e marcadores que indicam eventos futuros e não-futuros (Menezes, 2018, p. 55). Um exemplo é o aspecto habitual, marcado por *kunĩ kôt* na sentença (50):

- (50) *Akati* *kunĩ kôt* *ne* *ba* *rê*
 dia *todo com* *n.fut* *1^os.g.* *nadar*
 Eu nado todos os dias’

(Menezes, 2018, p. 55)

Outro estudo mais recente é o de Gomes (2021), sobre o sistema de caso na língua, em *Aspectos Morfossintáticos em Mebêngôkre: transitividade e marcação de argumentos*. Em sua descrição, ele aborda brevemente o sistema aspectual da língua, com dados de partículas

aspectuais, como o uso de adverbiais que marcam um evento pontual (51) e outro em andamento (52):

- (51) aɾip ba ɔmũ
 ADV 1SG ver.V
 ‘Eu já vi.’ (elicitação)
- (52) ta| wã nẽ arek ôt rãʔã
 3SG DEM NFUT lento dormir.N ADV
 ‘Ele ainda está dormindo.’ (elicitação)

(Gomes, 2021, p. 73)

A pesquisa de Menezes (2018) teve como objetivo apresentar algumas características gerais sobre a língua, com ênfase na morfologia e sintaxe, assim como o estudo de Gomes (2021), que buscou detalhar o sistema de caso em Mebêngôkre.

No campo da Semântica Formal, Mendonça Junior (2021) faz um estudo sobre o aspecto lexical na língua Mebêngôkre, através da descrição das classes acionais de Vendler (1957): estados, atividades, *accomplishments* e *achievements*. Essas classes foram agrupadas por Dowty (1979), Smith (1991), Bertinetto (2001) e Rothstein (2004) em pares básicos de valores aspectuais: estatividade *vs* dinamicidade; telicidade *vs* atelicidade; pontualidade *vs* duratividade. Podemos descrever cada par da seguinte forma²⁵:

estatividade X dinamicidade, que diz respeito à possibilidade de um predicado descrever, respectivamente, um estado que não se altera no período de tempo ou uma sucessão de estados ou estágios de um processo, que transcorre no tempo; telicidade X atelicidade, relativo à possibilidade de um predicado apresentar, respectivamente, um fim predeterminado ou não; e pontualidade X duratividade, concernente à possibilidade de um predicado apresentar um evento que não se prolonga no tempo, no primeiro caso, ou, contrariamente, um evento ou estado que se prolonga por um determinado período de tempo (Rodrigues, 2007, p. 29)

Na teoria, os **estados** podem ser vistos como situações que não progridem no tempo (estatividade), onde qualquer parte selecionada é semelhante às demais (homogeneidade), sem duração definida (duratividade) e ponto final determinado (atelicidade). Segundo Mendonça Junior (2021), a língua Mebêngôkre faz a distinção entre estados provisórios, de *stage level* (53) e estados permanentes, de *individual level* (54).

- (53) Tepokẽn ne ngô kam dja

²⁵ Para uma descrição completa do aspecto lexical na semântica formal veja Wachowicz e Foltran (2006)

Tepokên Nfut rio Loc Pos em pé
 ‘Tepokên está no rio.’

- (54) Irekà ne²⁶ ku-bê i-kanikwỳnh
 Irekà Nfut 3Ref-Essivo 1Sg-irmã
 ‘Irekà é minha irmã.’

Mendonça Junior (2021, p. 47 e 50).

Já as situações que são semelhantes aos estados quanto à duratividade, homogeneidade e atelicidade, mas diferem por serem dinâmicas, são chamadas de **atividades**. No estudo, essa classe foi identificada em Mebêngôkre (55):

- (55) I-dj-àpênh ne agente de saúde
 1Sg-M-v. trabalhar Nfut agente de saúde
 ‘Eu trabalho de agente de saúde.’

Mendonça Junior (2021, p. 65)

Por outro lado, há uma classe que denota dinamicidade e duratividade, mas não é homogênea porque envolve estágios diferentes do evento e atinge um ponto final ou de culminância (telicidade), são os *accomplishments* (56).

- (56) Kroti ne katêtàpkur kunĩ krẽ
 Kroti Nfut melancia todo v. comer f.
 ‘Kroti comeu a melancia toda.’

(Idem)

Por fim, há uma classe que se assemelha aos *accomplishments* quanto a dinamicidade e telicidade, mas não possuem uma duração definida, são pontuais em sua realização, são os chamados *achievements* (57).

- (57) I-kra ne ruwa
 1Sg-filho(a) Nfut v. nascer f.
 ‘Meu/minha filho (a) nasceu.’

(Idem)

A descrição do aspecto lexical em Mebêngôkre (Kayapó) será o ponto de partida para a presente pesquisa sobre a (im)perfectividade em Mebêngôkre (Kayapó).

²⁶ Jaqueline dos Santos Peixoto (comunicação pessoal, 16 de novembro de 2024) aponta que “a presença de morfemas temporais em sentenças de predicado *stage level* e *individual level* sugere a existência de um cópula nulo”, essa é uma hipótese a ser investigada.

Antes da descrição e análise do sistema aspecto-temporal em Mebêngôkre, uma abordagem sobre o tratamento de tempo e aspecto na Semântica Formal é necessária. Não apenas para fundamentar a teoria aplicada na pesquisa, mas também para descrever como a linguística formal trata essas categorias em suas análises.

2 A SEMÂNTICA FORMAL

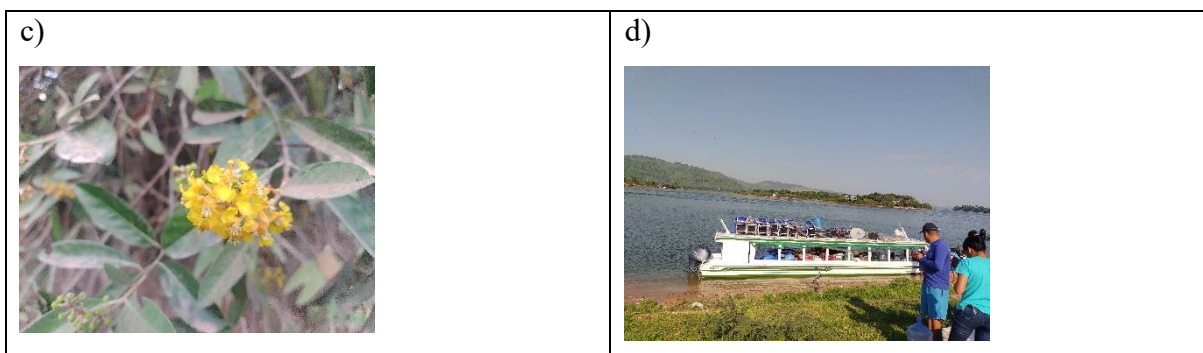
A Semântica é o nível de descrição linguística dedicado ao estudo do significado. A Semântica Formal (SF) busca descrever a competência semântica dos falantes de uma língua. Ela se vincula à Teoria Gerativa na concepção de que todo falante é capaz de distinguir quais interpretações são apropriadas ou não para sentenças bem formadas em sua língua (Gomes e Sanchez-Mendes, 2018). O falante tem o conhecimento inconsciente do que é gramatical ou não na sua língua nativa, bem como o de como interpretar objetos linguísticos construídos de acordo com tais regras e o de como construir novos objetos linguísticos na língua que portem o significado desejado. Ainda que esses fenômenos linguísticos não possam ser descritos pelo falante explicitamente, “ele é capaz de entender que esses termos, semanticamente, não estão sendo usados de forma adequada” (Gomes, 2021, p. 21).

O objeto de estudo da SF é a sentença, como unidade de análise pela qual o significado é definido, através de suas condições de verdade. Segundo Gomes e Sanchez-Mendes (2018), a noção de verdade parece algo complexo em uma abordagem formalista, mas é um conceito simples, intuitivo e robusto. Sua base é a concepção semântica da verdade de Tarski (1944). Nesse sentido, saber o significado de uma palavra, como *golosa*²⁷, é saber quais itens se referem à palavra no mundo daqueles que não se referem. As autoras descrevem que as sentenças em uma língua seguem o mesmo princípio. Qualquer falante sabe as situações em que uma sentença pode ser usada (verdadeira) daquelas em que não pode ser usada (falsa). Por exemplo:

Quadro 6 – Contextos diferentes para interpretação da sentença
O barco já encostou (na beira/margem do rio)

a) 	b) 
---	--

²⁷ Fruta típica da Amazônia, especificamente do município de São Félix do Xingu, no Pará.



Fonte: elaboração própria.

No quadro 6, temos diferentes contextos. Qualquer falante de português brasileiro saberá distinguir para qual situação a sentença *O barco já encostou* é verdadeira. Essa identificação é chamada pela SF de julgamento de valor de verdade; ou seja, para a sentença acima, os contextos (a), (b) e (c) são falsos, e o (d) é verdadeiro. A veracidade da sentença é atestada, para a sentença então ser averiguada em sua gramaticalidade/aceitabilidade. Nessa etapa, a ordem dos sintagmas é alternada para que os falantes verifiquem quais construções são possíveis na língua. Muitas vezes, a sentença é gramatical ou capaz de ser falada nas situações apresentadas, mas pode haver contextos específicos de uso em que o teste de julgamento de felicidade é necessário. Além das etapas anteriores, um teste de produção pode ser aplicado, no qual, um contexto é apresentado para que o falante diga uma sentença apropriada ou não para a situação.

Na SF, com uma linguagem lógico-matemática, é possível estabelecer um tratamento formal para as línguas naturais, diante de suas ambiguidades, particularidades, imprecisões e vaguezas. Nessa linha de análise, Tarski (1944, *apud* Gomes e Sanchez-Mendes, 2018), propõe que a linguagem pode ser dividida em língua-objeto (a língua investigada, por exemplo, o Kayapó) e metalinguagem lógica (a língua de análise, que pode ser a do pesquisador, o português). Essa abordagem formal do significado produz explicações gerais sobre as línguas naturais e, ao mesmo tempo, levanta hipóteses que podem ser verificadas através de dados. Descrever e analisar uma língua por meio da Semântica Formal (SF) é observar as propriedades que lhe são 'inerentes e constitutivas' (Oliveira, 2001, p. 20), ou seja, propriedades relacionadas aos seus sintagmas nominais e verbais. O verbo, por exemplo, tem sido muito mais estudado sob a perspectiva de sua forma (morfologia) do que em relação ao seu significado (semântica).

Uma das capacidades das línguas naturais é falar sobre os acontecimentos. Em sua ontologia, os eventos na Semântica Formal são vistos como entidades específicas, da mesma forma que os objetos e os indivíduos. Na proposta de Parsons (1990, *apud* Gomes, 2021, p. 22),

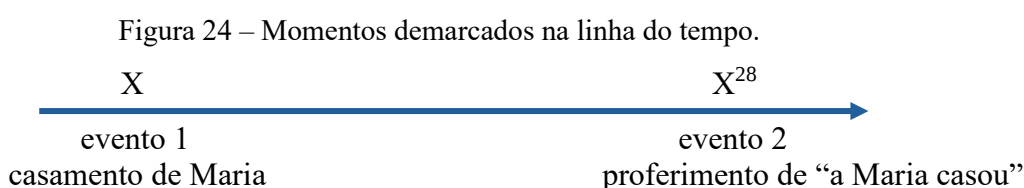
“um evento é uma situação que pode estar no presente, no passado ou no futuro; tem participantes; e é situado em um momento ou local”. Nessa perspectiva, o evento é o único argumento do verbo e deve ser tratado como um primitivo passível de operações, do mesmo modo que os nomes comuns. Essas operações podem ser realizadas de diversas maneiras nas línguas naturais, para “expressar as coisas não apenas como elas são, mas também como eram ou serão” (Ferreira, 2022, p. 217).

Nas línguas indo-europeias, o tempo está geralmente associado à morfologia verbal. Ele é uma categoria dêitica, que estabelece a relação entre o momento da fala e o momento do evento. Uma das primeiras propostas para o estudo da temporalidade em Semântica Formal é a noção de tempo apresentada por Reichenbach (1947). Segundo ele, o tempo linguístico é concebido como uma relação entre o Momento de Fala (MF) e o Momento do Evento (ME). Por exemplo:

(58) A Maria casou.

Oliveira (2001, p. 44).

Em (58), temos um exemplo em português brasileiro, uma forma coloquial para expressar um evento. Oliveira (2001) explica que ‘casou’ possui um elemento dêítico, o sufixo [-ou]. Essa marca no verbo denota que o casamento ocorreu antes do proferimento da sentença ‘a Maria casou’. Esse evento pode ser imaginado da seguinte forma:



Fonte: Oliveira (2001, p. 44).

De forma lógica, o evento 1 é o Momento do Evento (ME) e o evento 2 é o Momento da Fala (MF). Entretanto, como explicar os diferentes significados entre sentenças que estão no mesmo tempo? Como em (59) e (60):

(59) João estava desenhando um círculo.

(60) João desenhou um círculo.

²⁸ O ‘X’ marca o ponto de referência na linha do tempo, descrito por Pires de Oliveira (2001).

Ambas estão no mesmo **tempo** verbal, porém, (59) parece denotar um evento que se prolonga no tempo, enquanto (60) traz algo que já foi finalizado. Oliveira (2001) explica que a diferença está no **aspecto**, no ponto de vista do falante em relação ao acontecimento.

2.1 TEMPO E ASPECTO NA SEMÂNTICA FORMAL

Nesta seção, é apresentada a base teórica para a descrição e análise da semântica relacionada à (im)perfectividade em Mebêngôkre. Assume-se a proposta de Klein (1994) para o tratamento das expressões de tempo e aspecto na língua. A seguir, as principais definições na literatura para uma abordagem formal do aspecto são descritas.

Uma das características das línguas naturais é a capacidade de expressar os estados e os eventos, não apenas no agora, enquanto se fala, mas em um período anterior ou posterior também. A diferença entre estados e eventos reside principalmente na dinâmica e na natureza das ações que eles representam. Enquanto estados são estáticos e permanentes, eventos são dinâmicos e temporais, com a capacidade de serem observados em termos de sua progressão e conclusão. As eventualidades (estados e eventos dinâmicos) são situações que podem ser descritas em termos de eventos e que possuem participantes, além de estarem situadas em um momento e em um local. Elas são consideradas entidades particulares, assim como indivíduos ou objetos, e fazem referência a verbos, funcionando como primitivos na ontologia da linguagem. Na proposta por Parsons (1990), o evento é o único argumento do verbo. Esse conceito de argumento-evento sugere que uma mesma eventualidade pode ser descrita com um número variável de modificadores, que podem ser adicionados ou excluídos sem prejuízo para a compreensão do evento.

Essa proposta tem relação com o tempo linguístico (*tense*), que difere do tempo cronológico (*time*) como conhecemos. Aquele se organiza de acordo com um sistema linguístico, enquanto este está associado a uma medida física da realidade, através de horas, semanas, meses. Na Semântica Formal, Reichenbach (1947) foi um dos pioneiros nos estudos sobre as noções de tempo nas línguas naturais (Souza, 2021). Ele propõe uma teoria do tempo linguístico que se baseia na relação entre três pontos de referência temporais: o momento da fala (MF), o momento da referência (MR) e o momento do evento (ME). De acordo com essa teoria, o tempo verbal é caracterizado pela posição relativa destes três pontos no tempo. O passado é definido quando o momento de referência está antes do momento da fala ($MR < MF$),

o futuro é quando o momento de referência está após o momento da fala ($MR > MF$), e o presente é quando o momento de referência coincide com o momento da fala ($MR = MF$). Línguas como o português brasileiro (PB), fazem essa distinção por meio de diversas estratégias, como a flexão verbal ou o uso de locuções:

- (61) a. João mora na China. ($MR = MF$)
 b. João morou na China. ($MR < MF$)
 c. João morará na China. ($MR > MF$)
 d. João vai morar na China. ($MR > MF$)
- (62) a. Pedro está escrevendo um livro. ($MR = MF$)
 b. Pedro escreveu um livro. ($MR < MF$)
 c. Pedro escreverá um livro. ($MR > MF$)
 d. Pedro vai escrever um livro. ($MR > MF$)

Ferreira (2022, p. 217)

Os exemplos em (61) e (62) são claros para qualquer falante nativo de PB quanto à diferença temporal dos verbos, por outro lado, o que difere as sentenças abaixo?

- (63) a. Comprei esse carro em 2013.
 b. Eu já tinha comprado a moto em fevereiro de 2014.
- (64) a. As crianças têm direito à escola.
 b. Estou conversando com ele.
- (65) a. Amanhã vai chegar o presente.
 b. Em março de 2025, já vou estar casado.

Com base em Souza (2021)

Em (63), ambas as sentenças apresentam o momento de referência anterior ao momento da fala, ou seja, no passado. No entanto, em (63a), a compra do carro aconteceu dentro dos limites do ano de 2013. Já em (63b), a compra ocorreu antes do mês de fevereiro do ano de 2014. Os exemplos (64a) e (64b) estão no presente, o momento de referência é concomitante ao momento da fala, porém, a duração do direito adquirido em (64a) parece muito maior do que a do evento de conversar em (64b). Do mesmo jeito, (65a) e (65b) apresentam o mesmo tempo, o futuro. O momento de referência é posterior ao momento da fala. Todavia, em (65a), a interpretação é a de que o evento de chegar denota um instante posterior à referência ‘amanhã’.

Já em (65b), o evento de casar-se acontece antes do mês de março do ano de 2025. Observa-se nos exemplos acima que o tempo linguístico (a relação entre MF e MR) não é suficiente para explicar essas diferenças, a semântica por trás envolve informações lexicais de cada verbo e uma relação com o momento do evento (ME). São traços, que muitas vezes, não estão presentes na morfologia da língua e caracterizam o que chamamos de **aspecto verbal**.

Vejamos outros exemplos em português com base nas terminações verbais:

(66) Eu dancei muito hoje.

(67) Eu dançava muito na juventude.

(68) Eu dançava muito com a minha namorada [quando havia festas no bairro].

(69) Ela vai dançar na festa amanhã.

(70) Você dança bem.

As diferenças temporais entre as sentenças acima são estabelecidas pela mudança na morfologia do verbo *dançar*. As desinências verbais de (66), (67) e (68) colocam o evento no passado, a de (69) no futuro (locução verbal formada pelo verbo *ir* junto com *dançar* no infinitivo, mais usual que *dançará*), e a de (70), no presente. Entretanto, mesmo (66), (67) e (68) estando no passado, há uma diferença entre as sentenças que não pode ser capturada apenas pelo tempo. Em (66), o evento denotado pelo verbo é pontual (mas é durativo, apesar de ser um episódio único), e o ME é anterior ao MF, portanto passado. Já em (67) o tempo é igual, mas indica uma situação habitual, contínua ou duradoura, sem um início ou fim definidos. Novamente, para compreender essa relação entre sentenças no mesmo tempo é necessário um terceiro instrumento: o Momento de Referência (MR).

No exemplo (66) o MF é concomitante com o ME e o MR, ou seja, durante o período do dia de hoje ocorreu a ação de dançar do falante. O evento é único (episódico) e a sua culminância está dentro dos limites do MR *hoje*, ou seja: primeiro a dança acaba, depois o período do dia. Já em (67), o ME também ocorre antes do MF, mas o MR é demarcado pelo período da juventude do falante. Há vários episódios culminados de dançar que se espalham pelo MR. Não é necessário que o hábito de dançar tenha cessado antes do fim da juventude. É possível dizer: eu dançava muito na minha juventude, e, para falar a verdade, ainda danço. Só o momento incoativo, o início do hábito, e repetições em número suficiente precisam estar compreendidos dentro do MR; a culminância do hábito de dançar pode estar dentro ou fora do período da juventude. Apesar de trazer a mesma morfologia verbal de (67), (68) tem outro MR, a saber, as ocorrências das festas no bairro. São eventos que culminam todas as vezes que

acontece a festa descrita pelo falante. É essa relação entre o MR e o ME que caracteriza o aspecto gramatical, o ponto de vista do falante em relação à constituição temporal interna do evento (Comrie, 1976).

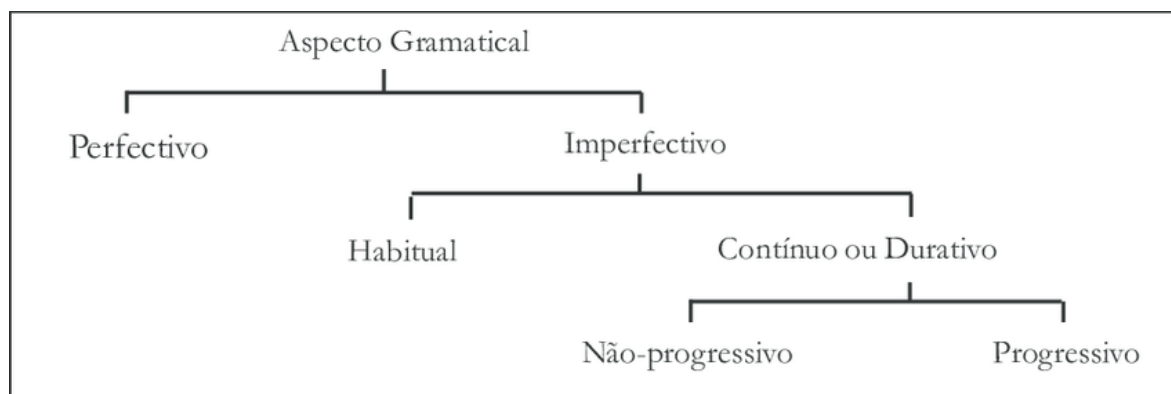
Segundo Smith (1991), os eventos podem ser observados internamente, como “objetos para os quais uma lente é direcionada” (tradução livre). Essa capacidade das línguas naturais de fazer inferências nas eventualidades²⁹ e determinar o seu esquema temporal, com foco no todo ou em parte de uma situação, é conhecida como aspecto. A maneira como observamos os acontecimentos se manifesta na forma como falamos, por meio do **aspecto verbal**.

Na literatura, o aspecto verbal pode ser expresso de duas formas: (i) **aspecto lexical**, que está relacionado às classes aspectuais propostas por Vendler (1957): estados, atividades, *accomplishments* e *achievements*; “e diz respeito a propriedades lexicais que ou são caracterizadas por uma morfologia derivacional ou não são lexicalmente caracterizadas” (Foltran e Wachowicz, 2006, p. 1); e (ii) **aspecto gramatical**, que pode ser expresso através de uma morfologia flexional, em algumas línguas, e traz a noção de (im)perfectividade.

Nos estudos sobre o aspecto gramatical, uma das principais referências é Comrie (1976), que define o aspecto como uma categoria linguística que descreve a forma como uma situação é vista internamente em termos de tempo, em contraste com o tempo verbal, que se refere à localização de uma situação em relação a outros pontos no tempo. Comrie divide o aspecto gramatical em **perfectivo** e **imperfectivo**. O aspecto perfectivo traz a situação vista como um todo, sem referência à sua estrutura interna. Isso significa que, quando um evento ou ação é descrito no perfectivo, o foco está no evento como uma unidade completa, sem detalhes sobre as etapas ou a duração interna do evento. Já no aspecto imperfectivo, o foco está nos detalhes internos do evento, como suas fases, sua duração e outras características que são relevantes para a descrição da situação. No imperfectivo, as ações ou estados não são vistos como completos ou perfeitos, mas sim como em andamento, como contínuos ou habituais. Suas interpretações permitem ao falante expressar a ideia de que algo estava acontecendo, costumava acontecer ou denota um estado de ser, sem necessariamente ter um início ou fim definidos. Essa oposição aspectual é representada por Comrie da seguinte forma:

²⁹ O termo refere-se aos estados e eventos dinâmicos.

Figura 25: divisão aspectual de Comrie



Fonte: Comrie (1976, p. 25).

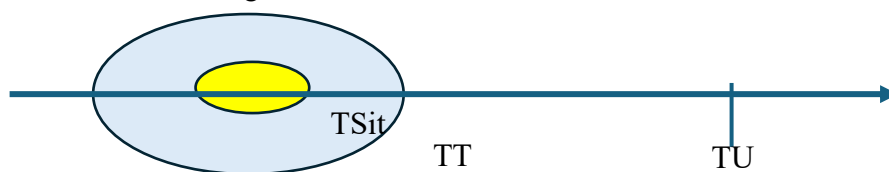
Para ele, o aspecto gramatical pode ser expresso de duas formas: a morfológica (sintética) e a sintática (analítica). A expressão morfológica do aspecto recorre à utilização de afixos ou de mudanças na raiz do verbo para indicar a oposição aspectual, enquanto a expressão sintática do aspecto envolve a utilização de construções sintáticas, como a combinação de verbos auxiliares com o verbo principal para expressar o contraste aspectual. Por exemplo, em inglês, o aspecto progressivo é expresso sintaticamente com a ajuda do verbo auxiliar *to be*, seguido pelo verbo principal no gerúndio *-ing*, como em *I am working* ‘Eu estou trabalhando’. Em contraste, no espanhol, a oposição entre perfectivo e imperfectivo é expressa morfológicamente através de terminações verbais diferentes, como em *leí* (perfectivo) e *leía* (imperfectivo). Comrie também observa que, embora haja casos em que pode ser difícil de decidir se a formação é primariamente morfológica ou sintática, na maioria dos casos a distinção pode ser feita e serve como um ponto de partida útil para a classificação. Para Souza (2021), Comrie (1976) não é tão formal e rigoroso quanto Klein (1994), mas consideramos a sua subdivisão do aspecto imperfectivo útil para os propósitos dessa pesquisa.

Na semântica formal, a principal referência para os estudos do aspecto é Klein (1994). Ele compreende o tempo e o aspecto nas línguas naturais como uma questão da perspectiva que o falante assume em relação ao curso temporal de um evento. Ao adotar uma abordagem formalista para o aspecto gramatical, ele se distancia das descrições metafóricas comuns em outras teorias. As teorias anteriores dividem o aspecto em situações vistas como concluídas versus não-concluídas ou em andamento, e situações vistas de fora versus de dentro. Para ele, essas caracterizações não são precisas. A proposta de Klein é mais formal, concentrando-se na relação entre o tempo de tópico (TT) e o tempo da situação (TSit). Sua proposta se divide em três tempos que se relacionam aos momentos descritos por Reichenbach (1947): o tempo de

enunciação (TU) ou MF, o tempo de tópico (TT) ou MR e o tempo de situação (TSit) ou ME. Isso permite uma análise mais detalhada das relações temporais e aspectuais (Klein, 1994 apud Souza, 2021). A relação entre (TT) e (TSit) estabelece quatro tipos de aspecto: perfectivo, imperfectivo, prospectivo e neutro; que são frequentemente encontrados codificados em línguas naturais, mas não exclui a possibilidade de outros tipos. Essas relações aspectuais podem ser expressas de diferentes formas. As formas de expressão mais comuns são por meio de morfologia verbal, de advérbios ou partículas específicas. A marca aspectual da (im)perfectividade se estabelece no ponto de vista interno ao evento, expressando claramente uma relação entre o tempo de tópico (TT) e o tempo de situação (TSit), relação essa que estabelece os quatro tipos³⁰ principais de aspecto para Klein (1994): o **perfectivo**, caracterizado pelo tempo de situação completamente incluído no tempo de tópico (TSit está incluído no TT). Isso significa que a situação é vista como um todo, completa em si mesma, dentro dos limites do tempo de tópico. Exemplo no PB:

(71) Ontem, eu fiz o almoço.

Figura 26 – O TSit está incluído no TT.



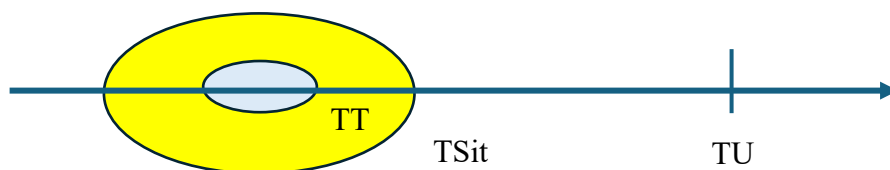
Fonte: elaboração própria.

Em (71) e na ilustração (figura 26), o tempo da enunciação corresponde a (TU), o momento em que a sentença é proferida, (TT) a ‘ontem’ e (TSit) à feitura do almoço. Por outro lado, em relação contrária ao perfectivo, no **Imperfectivo**, o tempo de tópico está parcialmente incluído no tempo de situação (TT está incluído no TSit). Isso indica que a situação é vista em seu desenvolvimento, com foco em suas fases ou em um estado contínuo, sem considerar necessariamente o início ou o fim do evento. Exemplo:

(72) Às duas da tarde, eu estava almoçando ainda.

Figura 27 - (TT está incluído no TSit).

³⁰ Klein (1994) não exclui a existência de outras possibilidades aspectuais.

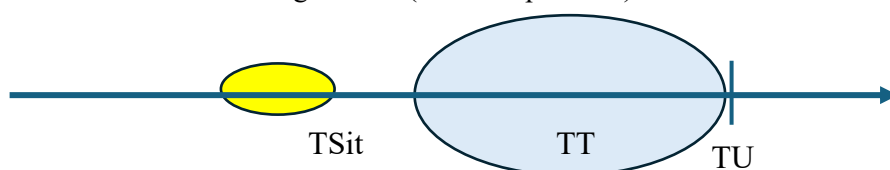


Fonte: elaboração própria.

Em (72) e na ilustração (figura 27), o momento em que a sentença é proferida é (TU), (TT) corresponde a ‘duas da tarde’ e (TSit) ao período de duração do almoço. Entretanto, essa relação entre (TT) e (TSit) pode não ser concomitante e ocorrer em pontos diferentes da linha do tempo. Essa visão é denominada como aspecto **perfeito**, que se caracteriza por um tempo de tópico excluído do tempo de situação na posição posterior (TT está após TSit). Isso sugere uma visão retrospectiva do evento, indicando que o tempo de tópico é posterior ao tempo em que a situação ocorreu. Exemplo:

(73) Quando eu cheguei no ponto o ônibus já tinha saído.

Figura 28 - (TT está após TSit)

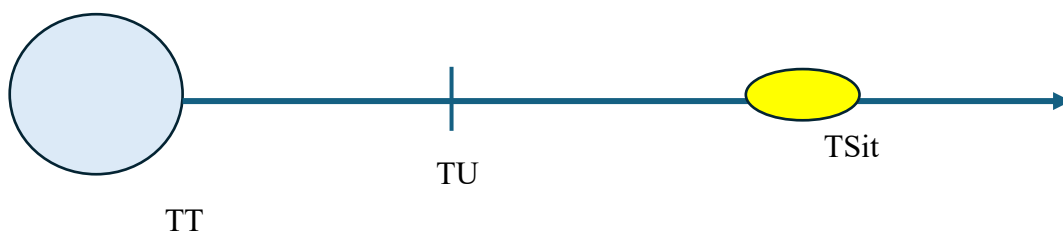


Fonte: elaboração própria.

Em (73) e na ilustração (figura 28), o tempo da enunciação (TU) é posterior ao tempo de tópico (TT), a minha chegada, e a saída do ônibus (TSit) é anterior a declaração da sentença e ao (TT). Além das apresentadas, há também o aspecto **prospectivo**, que é definido pelo tempo de tópico excluído do tempo de situação na posição anterior (TT está antes de TSit). Aqui, há uma visão antecipatória do evento, indicando que o tempo de tópico é anterior ao tempo em que a situação ocorrerá.

(74) Ele ia almoçar na casa dos pais.

Figura 29 - (TT está antes de TSit).



Fonte: elaboração própria.

Em (74) e na ilustração (figura 29), observa-se que o prospectivo é o oposto do perfeito, a situação de almoçar (TSit) é posterior ao tempo da enunciação (TU) que não inclui o tempo de tópico (TT). Klein (1994 apud Souza, 2021) explica que o prospectivo tem essa diferença porque no perfeito há um estado anterior em que a situação foi realizada, enquanto no prospectivo, isso não é obrigatório, a interpretação é a de que se trata de uma fase preparatória, sua completa realização ou visão posterior não são critérios para que a sentença seja verdadeira.

A partir dessa base teórica, a presente pesquisa busca compreender como esses quatro principais tipos de aspecto são expressos em Mebêngôkre, língua com características gramaticais que demandam uma metodologia específica para a sua descrição e análise.

2.2 A COLETA DE DADOS

Nas últimas décadas, os trabalhos de campo realizados pela linguística ameríndia tiveram sua importância histórica e apresentaram uma tensão entre as abordagens textuais e as de elicitación direta. Matthewson (2004) sugere que é hora de retomar algumas discussões metodológicas, especialmente porque linguistas de subcampos, que recentemente se voltaram para as línguas das Américas, podem não ter o conhecimento especializado necessário para coletar dados úteis em todas as áreas da gramática. A coleta em semântica formal, em sua perspectiva, envolve algumas características metodológicas essenciais: como o uso de condições de verdade, para a adequação das sentenças; o conhecimento prévio pelo pesquisador (que muitas vezes não é falante nativo), da fonologia, morfologia e sintaxe da língua objeto de estudo, o que é essencial para a construção de sentenças gramaticais; a realização dos julgamentos de felicidade, para verificar as situações específicas em que uma sentença pode ser utilizada; o uso de uma metalinguagem (como o português) para explicar os contextos discursivos e fazer perguntas diretas, apesar das controvérsias sobre possíveis influências; o reconhecimento de que as traduções são pistas, mas não resultados definitivos, uma vez que, há diferenças entre os sistemas linguísticos das línguas envolvidas; a manipulação dos contextos para obter fenômenos gramaticais específicos; e a obtenção de sentenças negativas ou agramaticais como forma de esclarecer ambiguidades e vaguezas que não podem ser resolvidas através de discursos espontâneos.

Nessa perspectiva, a iniciar pela literatura, as melhores gramáticas de línguas ameríndias contêm relativamente pouca informação semântica, o que torna difícil obter dados precisos sem

o uso de metodologias específicas. Além disso, o conhecimento prévio do ouvinte é uma barreira para explicação de muitos fenômenos e os procedimentos sem o uso de uma metalinguagem tornam a tarefa mais difícil e incompleta, pois não fornece informações sobre ambiguidades ou múltiplas maneiras de descrever uma situação.

Em Semântica Formal, o objeto de análise é a sentença, não palavras isoladas ou da estrutura do discurso. A teoria parte do princípio de que qualquer falante é capaz de distinguir sentenças bem formadas ou não em uma língua, ou seja, as situações em que ela é verdadeira ou falsa (suas condições de verdade). O consultor pode não ser capaz de expressar exatamente as mesmas condições de verdade em português que na língua objeto, mas essas condições ou situações podem ser manipuladas para extrair informações sobre fenômenos gramaticais específicos, o que pode ser complexo e exigir criatividade do pesquisador ou consultor nativo. Porém, não se deve esperar que os consultores conduzam análises ou comparações entre as línguas, pois isso não é uma tarefa comum para falantes nativos, requer trabalho intenso e confiança entre os participantes.

Quando a língua objeto não é a língua materna do pesquisador, a coleta de dados para a obtenção de informações sobre o significado demanda muitas horas de observação ou gravação de discursos espontâneos, que, muitas vezes, não são suficientes para se obter dados positivos e negativos. Nesse sentido, o método defendido pela Semântica Formal é a **elicitación controlada**, que consiste na realização de entrevistas com falantes nativos da língua investigada, como uma ferramenta indispensável para a captura do conhecimento inato do falante no estudo do significado.

Matthewson defende a elicitação controlada como ferramenta que se diferencia das outras técnicas por sua abordagem direta na coleta de dados. Enquanto outras estratégias podem depender de intuições nativas dos falantes ou de análises textuais, o método enfatiza a construção de sentenças em contextos discursivos específicos e a solicitação de julgamentos de verdade e felicidade a consultores nativos. Isso permite uma investigação mais detalhada e controlada do significado e das condições de verdade dos enunciados, o que é especialmente importante para línguas menos estudadas ou documentadas, como as línguas indígenas canadenses, objeto de seu estudo.

No estudo das línguas indígenas brasileiras, Sanchez-Mendes (2014), defende que a escolha do quadro teórico de uma pesquisa determina a metodologia utilizada para coletar os dados. Em sua pesquisa, o paradigma teórico motivou uma coleta de dados que levou em conta a tradução de sentenças e o julgamento de valores de verdade. Sua abordagem contrasta com métodos que podem se basear em imersão e observação direta, sem uma teoria explícita guiando

a coleta de dados. Ela também realizou ajustes no protocolo defendido por Matthewson e fez adaptações específicas para a realização de sua pesquisa sobre quantificadores adverbiais em Karitiana (família Arikem, Tupi). Outro ponto que ela defende é a importância de questões éticas no trabalho de campo, como a negociação e o pagamento justo aos consultores, o que não é enfatizado por muitos pesquisadores. Suas experiências em campo com a língua Karitiana demonstraram que a elicitación controlada é uma ferramenta indispensável para se obter resultados confiáveis e detalhados sobre o significado das sentenças na língua-alvo, porque associa, de forma eficaz, a teoria da Semântica Formal à prática de coleta de dados linguísticos.

Essas dificuldades e desafios enfatizam a necessidade de uma metodologia rigorosa e adaptável que leve em consideração as particularidades da língua investigada e o conhecimento dos consultores nativos. Partindo desses princípios e experiências, a presente pesquisa tem como objetivo principal descrever como falantes de Mebêngôkre (Kayapó) realizam a distinção aspectual entre perfectivo e imperfectivo, dentro da proposta de Klein (1994). Uma vez que pesquisador não é falante nativo da língua investigada, a metodologia adotada é a elicitación controlada e tem como base os estudos formais realizados por Matthewson (2004), com as línguas indígenas canadenses; Sanchez-Mendes (2014), com o Karitiana e, Mendonça Junior (2021), com a língua Mebêngôkre/Kayapó.

A pesquisa foi realizada no município de São Félix do Xingu, no Pará, onde residem cerca de 2.120 falantes de Mebêngôkre, distribuídos em mais de 30 aldeias (SEMCULT, 2021). Esses falantes vêm frequentemente à cidade para resolver questões pessoais e de suas comunidades. Momento em que as entrevistas foram realizadas, sem a necessidade de ida às aldeias, em ambientes variados, mas sempre seguindo os protocolos de pesquisa com seres humanos e as recomendações descritas em Mendonça Junior (2021), para a coleta de dados com os Mebêngôkre³¹. No total, foram entrevistados 10 falantes bilíngues (Mebêngôkre-Português), com idade acima de 18 anos, todos do sexo masculino. Por uma questão cultural, as mulheres Mebêngôkre não foram consultadas³².

Para o desenvolvimento da pesquisa, os seguintes passos foram aplicados, com a participação de um falante por vez e no tempo limite de 20 minutos:

- (i) **Tradução:** foi solicitado aos participantes a tradução algumas sentenças do português para o Mebêngôkre. O português foi utilizado como instrumento de

³¹ A pesquisa com os Mebêngôkre foi autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP): CAAE - 38642920.3.0000.5582 e pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) CAAE - 53320021.4.0000.5286.

³² Veja Mendonça Junior (2021) para melhor compreensão dos critérios adotados na pesquisa com os Mebêngôkre.

comunicação entre o pesquisador e o consultor, uma vez que o pesquisador não é falante nativo da língua-alvo. No processo, é importante ressaltar que as traduções são usadas como pistas e não como resultados, pois a tradução de palavras ou sintagmas isolados pode ser problemática.

- (ii) **Calibração das traduções:** outros falantes nativos avaliaram a gramaticalidade das sentenças previamente traduzidas. Eles julgaram se as frases em Mebêngôkre apresentadas soavam naturais ou não.
- (iii) **Avaliação das condições de verdade:** os participantes determinaram se as sentenças, validadas na etapa anterior, eram verdadeiras ou falsas em contextos específicos, oferecendo suas impressões sobre os cenários linguísticos. Para cada sentença traduzida, um cenário foi apresentado (verbalmente ou por meio de imagens e vídeos), e os consultores verificavam se determinada sentença descrevia corretamente a situação apresentada. Isso ajudou a determinar o significado e a adequação necessária para a etapa seguinte.
- (iv) **Teste de gramaticalidade/aceitabilidade:** a estrutura interna das sentenças foi modificada, como a troca de ordem ou substituição de sintagmas, conforme o tema estudado. As versões modificadas foram apresentadas a outros consultores, que julgaram se ele ou outros falantes usariam a sentença daquela forma. Nessa etapa, as sentenças relevantes são classificadas também pelos consultores como naturais ou não.
- (v) **Teste de felicidade:** as sentenças que foram julgadas gramaticais e naturais foram associadas a situações específicas, nas quais sua adequação foi avaliada pelos consultores em termos de uso no contexto apresentado.
- (vi) **Teste de produção:** a partir de um cenário fornecido, os participantes foram convidados a formular uma sentença que considerassem apropriada para o contexto. Nessa etapa, foram apresentados imagens estáticas, como uma fotografia ou ilustração, para identificação de estados e, imagens sequenciais que denotassem um evento progressivo, com duração interna e mudanças ao longo do tempo. Foram utilizados vídeos curtos também, todos voltados ao cotidiano Mebêngôkre, como rituais, preparativos para uma cerimônia, atividades do dia a dia etc. O falante teve total liberdade para descrever as situações em Mebêngôkre, sendo possível identificar sentenças que se assemelhavam àquelas elicitadas anteriormente, possibilitando a sistematização dos dados coletados. Outro método utilizado foi a disposição de objetos

reais na presença do falante, junto à movimentos do pesquisador para demonstrar situações reais de uso das sentenças.

As etapas auxiliaram na consolidação dos dados. Entretanto, foi na etapa de produção que, além dos procedimentos previstos, houve também a coleta de dados por observação, visto que, o pesquisador convive diariamente com os falantes da língua-alvo e, em contextos específicos, conseguiu coletar dados de fala espontânea. Logo depois que o falante pronunciava, a sentença era anotada e questionada quanto à sua tradução e interpretação em português. O falante, como participante da pesquisa, prontamente colaborava com as informações pertinentes. Essa etapa não apenas produziu diversas sentenças, como também demonstrou a confiança dos participantes no pesquisador e o interesse dos falantes em aprender sobre as características gramaticais do Mebêngôkre.

Nesta seção foi apresentado o quadro metodológico utilizado na pesquisa. A escolha da elicitación controlada teve como base o fato de o pesquisador não ser falante nativo da língua e a investigação demandar aspectos específicos da gramática do Mebêngôkre. Aspectos que são apresentados na seção seguinte, não de forma exaustiva, mas como um caminho para a descrição e a análise da semântica aspecto-temporal do Mebêngôkre através da Semântica Formal.

3 A SEMÂNTICA TEMPORAL DO MEBÊNGÔKRE (KAYAPÓ)

Nesta seção, apresento uma análise para a semântica temporal em Mebêngôkre, com base na literatura sobre a língua e nos dados coletados durante a pesquisa sobre (im)perfectividade. Os principais estudos a classificam como uma língua que distingue o não-futuro (passado e presente) de futuro (Silva, 2001; Salanova, 2007), ou uma língua que não faz essa distinção, na verdade, marca os modos *realis* (realizado) e *irrealis* (não-realizado ou hipotético) (Costa, 2015). Para uma análise em Semântica Formal, partiremos dos estudos sobre a língua Karitiana, (família Arikém, tronco Tupi), realizados por Müller e Ferreira (2020). Eles destacam que o futuro é tratado “nas línguas indo-europeias como uma marca de modalidade ou de aspecto prospectivo (Cf. Comrie, 1985; Abusch, 1998). Por outro lado, poucos são os estudos sobre a semântica da flexão de futuro em línguas de tipo futuro vs. não-futuro” (Idem, p. 11). A partir dessa afirmação, eles levantam duas questões sobre a língua Karitiana que também podem ser aplicadas à compreensão do sistema aspecto-temporal no Mebêngôkre:

(i) a flexão de futuro nessa língua é realmente uma flexão temporal ou trata-se de uma marca de aspecto ou de modalidade?; (ii) as interpretações da flexão de não-futuro – de passado e de presente – seriam um caso de vagueza ou de ambiguidade? (Idem).

A partir dos questionamentos, podemos analisar os estudos sobre a língua Mebêngôkre. Nas pesquisas não há um tratamento sobre sua semântica temporal, as análises se resumem a uma perspectiva sintática ou morfológica. Por exemplo, para Stout e Thomson (1974), Silva (2001) e Salanova (2007), a língua divide o tempo entre futuro (marcado pela partícula *dja*) e não-futuro (marcado por *ne*).

(75) Bir dja ku-by
Bir Fut 3-pegar
'Bir vai pegá-lo.'

(76) Bir ne ku-by
Bir NFut 3-pegar
'Bir o pegou.'

(77) Bir ne krên rã'ã
Bir NFut comer ainda
'Bir ainda está comendo.'

(78) Bir ne krên o nhỹ
Bir NFut comer ainda Pos. sentado
'Bir está comendo (sentada).'

Adaptado de Stout e Thomson (1974, p. 70-72).

Nos dados acima, *dja* marca um evento no **futuro** (75), enquanto *ne*, um evento no passado (76) ou no presente (77, 78), ou seja, o **não-futuro**. No entanto, nem todas as sentenças na língua fazem uso da partícula de não-futuro e a literatura deixa claro o motivo da ausência:

(79) Bir a-pumũ
 Bir 2Sg-v. ver
 ‘Bir viu você.’

(80) Ba apê
 1Sg v. trabalhar f.
 ‘Eu trabalho.’

(81) Ngô ’ÿr ne ba tẽ
 Rio Dir Nfut 1Sg v. ir f.
 ‘Eu vou para o rio.’

(82) Ba i-dj-àpê-nh kêt
 1Sg 1Sg-M-v. trabalhar nf. Neg
 ‘Eu não trabalho.’

(83) Dja ga a-nh-ikra xêr
 Fut 2Sg 2Sg-M-mão v. queimar
 ‘Vai queimar a sua mão.’

Adaptado de Trapp (1984) e Jefferson (1989).

Em (79), temos uma sentença transitiva e não há a presença da partícula *ne* em sua estrutura. Já (80) e (82), são intransitivas, uma afirmativa e outra negativa, estão no presente e não apresentam a marca de não-futuro. Em (81), o tempo é presente e a partícula é utilizada, mas com uma mudança sintática (antes do sujeito). Em seguida, em (83), a sentença contém a marca de futuro *dja*, porém, em primeira posição e com o sentido condicional. Silva (2001, p. 41), em sua análise, levanta a hipótese de que as construções com *ne* “são construções com foco contrastivo”, o que justifica o uso da partícula em (76), (77), (78) e (81), ou seja, para colocar em evidência o sujeito ou o adjunto. Para Costa (2015), o tempo não é gramatical na língua, seu sentido é marcado através do modo. O *ne* não codifica o não-futuro, mas o modo *realis* na língua, como forma de expressar algo realizado; que alterna com *dja*, como modo *irrealis* ou algo hipotético.

Partindo do que há disponível na literatura sobre o tempo em Mebêngôkre e dos dados elicitados para essa pesquisa, assumiremos o tratamento do tempo em (Müller e Ferreira, 2020). Em suas análises sobre a semântica temporal em Karitiana (apesar de ser uma língua de família distinta, a abordagem é realizada dentro dos princípios da semântica formal), os autores assumem a proposta de Klein (1994),

a marca temporal de **presente** (PRS) expressa que o Tempo da Fala é idêntico ao Tempo do Tópico (1) ou o inclui (2). Nas sentenças (1) e (2), os advérbios *neste momento* e *atualmente* marcam o TTop. Assim, o presente pode ter uma leitura progressiva como em (1) ou habitual como em (2).

- (1) Neste momento, a Maria está escovando os dentes. PRS (PROGRESSIVO):

$$\begin{aligned} \text{TFALA} &= \text{Ttop} \\ \text{TFala} &= \text{neste momento} \end{aligned}$$

- (2) A Maria trabalha em São Paulo atualmente. PRS (HABITUAL-GENÉRICO):

$$\begin{aligned} \text{Ttop} &\supset \text{TFALA} \\ \text{atualmente} &\supset \text{TFala} \end{aligned}$$

Müller e Ferreira (2020, p. 4)

Na proposta, o passado (PAS) e o futuro (FUT) são flexões temporais que correspondem, respectivamente, ao TTop anterior ao TFala; ou TTop posterior ao TFala. Os autores afirmam que em Karitiana, a marca de futuro é uma legítima flexão temporal, ou seja, não é uma flexão de aspecto prospectivo e não é um sufixo modal. Por outro lado, a flexão de não-futuro possui duas análises possíveis:

- (i) trata-se de uma flexão temporal ambígua entre uma interpretação de presente e de passado; ou (ii) trata-se de uma flexão temporal vaga, que denota um intervalo de tempo que inclui tanto o Tempo da Fala como o intervalo de tempo anterior a ele” (Müller e Ferreira, 2020, p. 12).

Segundo a análise, para a primeira opção haveria dois morfemas de não-futuro com a mesma forma e uma semântica de presente e outra de passado. A distinção seria realizada pelo contexto. Na segunda opção, haveria apenas um morfema de não-futuro que abarcaria tanto o Tempo de Fala quanto os tempos anteriores a ela. Com base nessas hipóteses, vamos pensar o não-futuro em Mebêngôkre.

A língua é classificada como isolante, diferentemente do Karitiana, que é aglutinante. Isso significa que apresenta pouca ou nenhuma flexão ou derivação em sua morfologia. Por ser uma língua isolante, os elementos gramaticais, como aqueles relacionados ao sistema TAM (tempo, aspecto e modo), tendem a ocorrer como formas independentes. Os verbos, por exemplo, não carregam marca de tempo. Na língua, a partícula *ne* parece ter várias funções, a primeira é a marca de não-futuro como em (76) e (77), mas também, pode fazer correferência entre sentenças coordenadas, por exemplo:

- (84) Ba t̃ym ne muwa
1Sg v. cair Sg Conj v. chorar f.
‘Eu cai e chorei.’

Adaptado de Trapp (1981, p. 52).

Em (84), *ne* funciona como uma conjunção que liga duas sentenças com o mesmo sujeito referencial. Costa (2015), associa essa função ao termo *Switch-reference* (ou referência alternada) e descreve que esse sistema já foi estudado no contexto das línguas Macro-Jê (Cf. Urban, 1985; Popjes e Popjes, 1986; Ferreira, 2003; Alves, 2004). O oposto de *ne* como conjunção é *nhym*, quando o sujeito ou foco é diferente na segunda sentença (85).

- (85) I-kra ne kukônh bĩ nhym tỹm
 1P-filho Nfut macaco v. matar Sg Conj v. cair Sg.
 ‘Meu filho matou o macaco, ele caiu’

(Idem)

A partícula também pode ser utilizada para marcar foco, entre pronomes de primeira e segunda pessoa do singular (86).

- (86) Ga ne ga i-mã a-kabẽ
 2Sg Foc 2Sg 1P-Dat 2P-v. falar
 ‘Você (mesmo) falou pra mim.’

Adaptado de Gomes (2021, p. 49)

Ou para atestar um acontecimento (87).

- (87) Nà Bar mĩ pyma je prõt ne
 Sim 1Pl Inc jacaré medo v. correr Ev.
 ‘Sim, corremos com medo do jacaré.’

Além dessas possibilidades de uso, a partícula parece marcar um intervalo de tempo ou um Tempo de Tópico que não está claro quanto ao uso nas sentenças. A hipótese é a de que *ne* pode ser licenciado em sentenças no passado ou presente, até mesmo em momentos posteriores ao Tempo de Fala, mas quais são as condições?

Voltando ao segundo questionamento de Müller e Ferreira (2020, p. 12), “de uma flexão temporal vaga, que denota um intervalo de tempo que inclui tanto o Tempo da Fala como o intervalo de tempo anterior a ele”, no caso do Mebêngôkre, a partícula de não-futuro parece realizar essa função. Um dos desafios durante a elicitación dos dados foi identificar na língua uma marca de habitualidade no presente. Durante as traduções, as sentenças eram sempre compreendidas no passado, como algo pontual e não repetitivo, o sentido no presente não estava claro. Após uma análise dos dados, podemos concluir que *ne* pode delimitar o sujeito (86), o adjunto (81) ou o tempo de tópico de uma oração (88, 89).

- (88) Arỹm ne ba i-kĩnh

Já Nfut 1Sg 1P-v. gostar (pessoa)
 ‘Agora eu gostei (estou feliz).’

- (89) Amrêbê ne ba tẽ
 Pass. remoto Nfut 1Sg v. ir f.
 ‘Eu fui a muito tempo’

Adaptado de Jefferson (1989).

Nesta seção vimos algumas hipóteses a serem investigadas sobre o sistema temporal em Mebêngôkre, no entanto, o foco dessa pesquisa é compreender o sistema aspectual em relação a divisão perfectivo e imperfectivo na língua. A seguir, a questão do tempo é retomada, mas como forma para a compreensão da (im)perfectividade em Mebêngôkre.

4 A (IM)PERFECTIVIDADE EM MEBÊNGÔKRE (KAYAPÓ)

Na Semântica Formal (SF), a (im)perfectividade é vista como uma propriedade semântica dos verbos que está relacionada à maneira como os eventos e situações são percebidos e descritos pelo falante. Na proposta de Klein (1994), o aspecto gramatical inclui o perfectivo e o imperfectivo e está ligado à relação entre o tempo de tópico (TT), que é o intervalo temporal sobre o qual se fala em uma determinada afirmação, ou seja, é a referência temporal que pode estar implícita ou explícita no contexto da fala, e o tempo da situação (TSit), que é o momento em que o evento realmente acontece. Ambos diferem do tempo de enunciação (TU), que é o momento em que a fala ocorre.

Segundo Klein (1994 apud Bertucci, 2016), a diferença aspectual está na relação entre (TT) e (TSit). No aspecto perfectivo, o evento (TSit) está completamente incluído no momento de tópico (TT), ou seja, o evento é visto como um todo, sem foco em sua estrutura interna ($TSit \subseteq TT$). Por outro lado, o aspecto imperfectivo apresenta a relação oposta, onde o momento de tópico (TT) está incluído no momento da situação (TSit). Isso significa que o evento está em curso e não se sabe se ele já começou ou terminou ($TT \subseteq TSit$).

O perfectivo apresenta a situação como um todo único, sem a presença de fases, uma mudança de estado ou restrito a uma referência temporal. Já o imperfectivo focaliza nas fases de desenvolvimento ou fases antecipatórias do evento, não importando o início e o final da situação. A SF diferencia a (im)perfectividade da (a)telicidade, embora esses conceitos estejam relacionados. O imperfectivo não é sinônimo de atelicidade, nem o perfectivo de telicidade. Verbos atélicos podem se apresentar no perfectivo, e verbos télicos podem se apresentar no imperfectivo (Souza, 2021). Por exemplo, *Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis* (Machado de Assis) é atélico e perfectivo, enquanto *As pessoas nasciam e morriam na mesma cabana* é télico e imperfectivo. No primeiro não há um ponto de culminância expresso na sentença, mas há uma referência temporal expressa. No segundo, há uma pluralidade de eventos télicos (diversos nascimentos e mortes) que culminam a cada evento, porém, não está expresso o início ou fim da situação. O imperfectivo, quando aplicado a verbos télicos, pode gerar uma leitura de habitualidade, como em *João fumava sem parar na juventude*, ou estar associado a fases preparatórias do evento *Ontem, às 19h, João chegava em casa do trabalho quando aconteceu o acidente*.

Um dos conceitos utilizados pela SF é o paradoxo do imperfectivo, como forma para reconhecer a telicidade de um predicado através de seu aspecto gramatical. Sentenças como *Eu atravessava a rua* não implica que eu realmente atravessasse (um carro passou e decidi voltar) e,

Eu dormia, implica que dormi (um tanto). Isso permite entender como o aspecto gramatical se comporta diferentemente, dependendo da classe acional, dos adjuntos que acompanham o verbo ou da forma como se apresenta (por exemplo, a perífrase progressiva). Dessa forma, a (im)perfectividade é definida como uma questão de visão e descrição de eventos, que pode ser influenciada pelo contexto e propriedades intrínsecas dos verbos (aspecto lexical), mas não se resume apenas a fatores morfológicos ou lexicais. Veja o seguinte exemplo:

(90) Maria estava vencendo o jogo (mas não venceu).

Em (90), a forma imperfectiva *estava vencendo* sugere que a ação estava em andamento, mas a conclusão da ação, indicada por *não venceu*, gera uma contradição, pois implica que, apesar de estar em vantagem, não houve a culminância do evento (o momento em que Maria vence). Dessa forma, um dos desafios relacionados à representação formal da (im)perfectividade está na complexidade em capturar as características semânticas dos aspectos verbais de uma maneira que seja clara e precisa. A SF busca descrever como os eventos são percebidos e expressos pelo falante, mas essa tarefa é complicada pelo fato de que a (im)perfectividade não é apenas uma questão de morfologia ou lexicalidade, mas também de contexto e perspectivas do falante.

Estudos recentes sobre o aspecto em línguas como o português brasileiro (Souza, 2021), uma língua amplamente estudada, apontam que as gramáticas tradicionais e os livros didáticos tendem a enfatizar uma oposição simplista entre "concluído" e "não-concluído" para definir, respectivamente, o perfectivo e imperfectivo no PB. No entanto, nas escolas, as explicações não conseguem capturar a riqueza dos significados que os aspectos verbais podem carregar, como a habitualidade, a continuidade, a progressividade e a duração. Isso significa que a representação formal pode ser um meio para descrever a interação entre a classe acional de um verbo (seu aspecto lexical) e a sua morfologia aspectual. Por exemplo:

- (a) Ele **chegou** ao destino.
- (b) Ele estava **chegando** ao destino.
- (c) Ela **amava** muito (os passeios com a família).
- (d) Ela **amou** muito (o primeiro namorado).
- (e) Eu **tinha** um cachorro.
- (f) Eu **tive** um cachorro.

Em (a) e (b) temos um exemplo de verbo télico, *chegar*. Quando usado o aspecto perfectivo (a), a ação é vista como completada. No entanto, se usado no aspecto imperfectivo (b), a ação é apresentada como em andamento, sem garantir a conclusão. Em (c) temos o exemplo de um verbo atélico, *amar*. O uso do pretérito imperfeito *amava* indica uma ação contínua e habitual, sem um ponto final definido. Por outro lado, em (d), o uso do pretérito perfeito sugere que a ação foi culminada (*amava*, mas não ama mais) em um momento específico.

Esses exemplos demonstram uma relação entre aspecto lexical e aspecto gramatical no português brasileiro. Para compreender a (im)perfectividade em Mebêngôkre, é relevante estabelecer essa mesma relação, ou seja, entre as classes acionais de Vendler (1957) e os aspectos gramaticais descritos por Klein (1994).

Mendonça Junior (2021) descreveu as quatro classes aspectuais em Mebêngôkre: estados, atividades, *accomplishments* e *achievements*. Através da elicitación de sentenças em contextos específicos e de testes com modificadores, foi possível identificar como a língua faz a distinção entre as classes acionais. Para a presente pesquisa, partimos dos dados elicitados por ele e os disponíveis na literatura sobre a língua, para então, por meio da descrição e análise de novos dados, identificarmos a expressão da (im)perfectividade em Mebêngôkre.

As pesquisas anteriores sobre o aspecto gramatical na língua afirmam que sua manifestação se dá através de partículas que ocorrem na sentença. Silva (2001) descreve que a língua possui duas classes de partículas que codificam noções associadas à categoria IP (no esquema X-barra) da estrutura da oração: partículas de **segunda posição** (S“Aux”OV), que se aglomeram na periferia esquerda da sentença (91), e partículas de **última posição** (SOV“Aux”), que ocorrem na posição pós-verbal (92).

(91) Ga **dja** ga i-pumũ
 2Foc MI 2Nom 1AC-ver
 ‘você que vai me ver’

(92) Aje i-pumũ **mã**
 2Erg 1ABS-ver PROSPEC
 ‘você está para me ver’

Silva (2001, p. 70-71)

No entanto, o que não está claro é a divisão aspectual da (im)perfectividade. Vamos aos fatos, a literatura afirma que há duas formas de verbos em Mebêngôkre, uma finita e outra não-finita (Silva, 2001; Salanova, 2007; Costa, 2015), ou seja, uma verbal e outra nominal. Em outras nomenclaturas, forma ativa e forma descritiva, respectivamente (Sout e Thomson, 1974). Para esta pesquisa assumiremos a primeira terminologia: finito (f.) vs não-finito(nf.). Antes de

iniciarmos a análise, imaginemos o seguinte contexto, elicitado com base nas sentenças apresentadas por Jefferson (1989):

Contexto 1: Uma festa está sendo realizada na aldeia e algumas pessoas ficaram encarregadas de ir à roça para buscar os alimentos necessários para os convidados. Uma pessoa vê um parente chegando e pergunta:

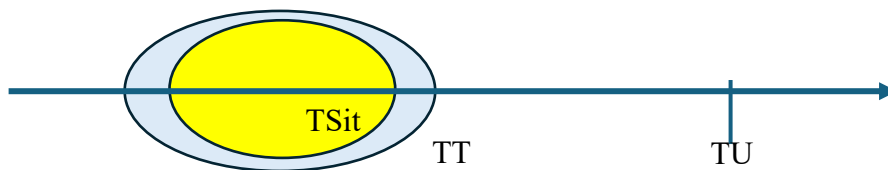
- (93) Djãm puru kam ne ga tẽ
 Int roça Loc Nfut 2Sg v. ir f.
 ‘Você foi na roça?’
- (94) Ba tẽ
 1Sg v. ir f.
 ‘Eu fui.’
- (95) i-tẽm kêt
 1P-v. ir nf. Neg
 ‘Eu não fui.’

A pergunta em (93) denota um tempo passado marcado pelo contexto da conversa (a pessoa está chegando no ambiente, se estivesse saindo a posposição *kam* ‘na’ seria substituída pela posposição *mã* ‘para’, ou seja, ‘você vai para a roça?’), o verbo *tẽ* ‘ir’ está na forma finita, sem marca de tempo, modo, aspecto e pessoa. Verbos de movimento como *tẽ* ‘ir’ podem apresentar uma forma para marcar número ou volume como *mõ* ‘ir plural’. Neste caso, o verbo indica o deslocamento de apenas uma pessoa.

Passemos agora à análise do aspecto gramatical. Para a semântica formal, toda e qualquer sentença possui um tempo de tópico (TT), que pode ser expresso ou recuperado pelo contexto. O contexto em (93) especifica um intervalo de tempo que está subentendido no momento da fala, o falante não considera todas as vezes que a pessoa foi na roça, mas a ida recente, necessária para o instante em que há uma festa sendo realizada na aldeia. Em (94), não há a partícula de não-futuro *ne*, a formal pronominal é livre *ba* ‘eu’ e o verbo está na sua forma finita. Temos então a seguinte ilustração:

- (96) *Ba tẽ (puru kam)* ‘Eu fui’ (na roça).

Figura 30 – Expressão do aspecto perfectivo.



Fonte: Elaboração própria.

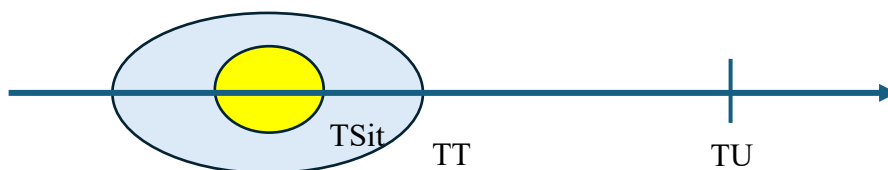
A sentença em (96) denota o evento ‘eu ir’, que possui um intervalo de tempo específico e concomitante com o tempo de tópico (TT), que é o intervalo temporal necessário para ir e voltar da roça (subentendida na pergunta e não retomada na resposta). Para o ouvinte, não importa o tempo em que o falante permaneceu na roça, nem quando ele foi ou voltou, mas a realização da situação em evidência (a ida à roça durante os preparativos da festa). A situação é vista como um todo, com início e fim bem definidos. Dessa forma, o tempo de situação (TSit) está incluído no tempo de tópico (TT), o que caracteriza o aspecto perfectivo ($TSit \subseteq TT$).

A resposta para a pergunta em (93) pode ser negativa (95), formada pela negação após o verbo em sua forma não-finita *tēm* e marcado pelo prefixo de pessoa [i-]. O evento não ocorreu e não há a presença da partícula de não-futuro *ne*. Como explicado anteriormente, as sentenças subordinadas em Mebêngôkre são nominalizadas e não marcam tempo (95).

Por outro lado, nas sentenças principais, o falante pode marcar um intervalo de tempo específico para expressar a ida à roça, por exemplo:

- (97) Kryrà̃m ne ba tẽ
Cedo Nfut 1Sg v. ir f.
‘Eu fui cedo.’

(98) *Kryrà̃m ne ba tẽ (puru kam)* ‘Eu fui cedo’ (na roça).

Figura 31 – Expressão do aspecto perfectivo com o advérbio *kryrà̃m* ‘cedo’.

Fonte: Elaboração própria.

Em (98) temos um intervalo de tempo definido, *kryrà̀m* ‘cedo’, como tempo de tópico (TT) na sentença. O evento ‘ir à roça’ é um período que está incluído num tempo maior. O falante pode ter feito várias coisas durante a manhã, mas a situação em evidência é a sua ida à roça, ou seja, o TSit está totalmente incluído no TT (*kryrà̀m* ‘cedo’). Ao definir o TT, o falante muda a sintaxe e o advérbio *kryrà̀m* passa para a primeira posição, seguido pela partícula de não-futuro *ne*. Essa partícula coloca em foco o tempo e desloca o sujeito para próximo do verbo. Em Mebêngôkre, advérbios de tempo ocupam apenas a primeira posição, não sendo utilizados em outros pontos na sentença. Veja (99, 100):

- (99) Bà kam ne ba tẽ
 Mato Loc Nfut 1Sg v. ir nf.
 ‘Eu fui para o mato’

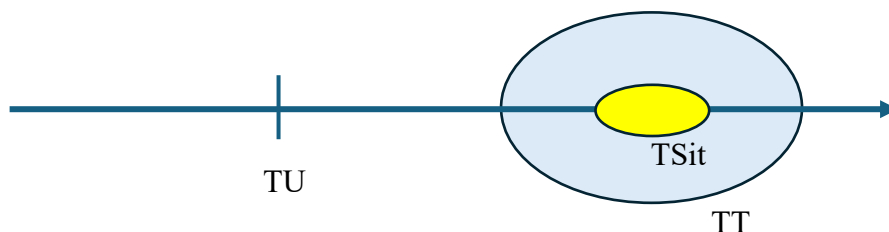
- (100) Akati jãkam ne ba bà kam tẽ
 Hoje Nfut 1Sg mato Loc v. ir nf.
 ‘Eu fui para o mato hoje.’

No exemplo (99) temos uma declarativa, sem intervalo de tempo definido na sentença, mas pode ser recuperado pelo contexto de uma pergunta (Aonde você foi?), diferente de (100), onde o período é especificado por *akati jãkam* ‘hoje’. Para marcar o perfectivo, o Mebêngôkre utiliza o pronome livre junto com o verbo na forma não-finita e inverte a sintaxe da sentença. Em (99), o lugar é colocado em foco assim como o advérbio em (100). No futuro, a sentença segue a mesma sintaxe:

- (101) Akati bê dja ba tẽ
 Amanhã Fut 1Sg v. ir nf.
 ‘Eu vou amanhã.’

- (102) *Akati bê dja ba tẽ* ‘eu vou amanhã’

Figura 32 – Expressão do aspecto perfectivo no futuro.



Fonte: Elaboração própria.

Na sentença em (102), a marca de futuro *dja* segue a mesma posição sintática de *ne* em (99) e (100). Em (102), a expressão demonstra que a situação subentendida na pergunta em (93) pode ser realizada um momento posterior ao tempo de fala, ou seja, futuro. O tempo de tópico é o intervalo temporal delimitado por *akati bê* ‘amanhã’. A ilustração (figura 31) mostra com o TSit está incluído dentro do TT, o que caracteriza o aspecto perfectivo. Em relação oposta, vejamos o seguinte contexto:

Contexto 2: Uma festa está sendo realizada na aldeia e algumas pessoas ficaram encarregadas de ir à roça para buscar os alimentos necessários para os convidados. Uma pessoa vê um parente saindo e pergunta:

- (103) Jãm ne ga tẽ
 Aonde Nfut 2Sg v.ir f.
 ‘Aonde você está indo?’

E o ouvinte prontamente responde:

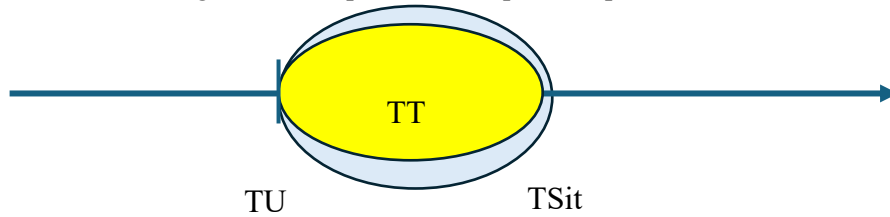
- (104) Puru mã ne ba tẽ
 Roça Dir Nfut 1Sg v. ir f.
 ‘Estou indo para a roça’

Em (103), temos uma relação oposta aos exemplos anteriores, o interrogativo *jãm* ‘aonde’ é utilizado para perguntar o lugar, a direção que o ouvinte está seguindo, é uma expressão muito usada em Mebêngôkre e difere do interrogativo *jãnh* ‘de onde’. O verbo está na forma finita e o interrogativo ocupa a primeira posição na sentença, assim como os demais na língua. À primeira vista, podemos especular que (103) pode ser interpretada como ‘aonde você foi’, mas a ambiguidade é eliminada justamente pela substituição de *jãm* ‘aonde’ por *jãnh* ‘de onde’ (*jãm ne ga tẽ* ‘aonde você vai?’ vs *jãnh ne ga tẽ* ‘de onde você vem?’). Na resposta,

a posposição *mã* denota a continuidade do verbo *tē* ‘ir’ e expressa que a ação está em progresso no momento da fala. Nesse contexto, temos a seguinte ilustração para a resposta em (104):

(104) *Puru mã ne ba tē* ‘Estou indo para a roça’

Figura 33 – Expressão do aspecto imperfectivo.



Fonte: Elaboração própria.

A sentença (104) indica que a ‘ação de ir’ está em andamento, ou seja, o falante está em processo de deslocamento. Essa construção expressa um tempo de tópico concomitante ao momento da fala e a situação. A situação é o ato de ir, o que enfatiza a continuidade da ação sem indicar um ponto inicial ou final de culminância do evento. Temos então um TT incluído no TSit ($TT \subseteq TSit$), o que caracteriza um aspecto imperfectivo.

Durante a pesquisa, ao elicitar sentenças de deslocamento, foi possível identificar uma divisão de trabalho entre os direcionais na língua. Verbos³³ de movimento como *tē* ‘ir’, apresentam formas diferentes de acordo com o sujeito, o tempo ou o aspecto. As formas *tē* ‘ir’ e o *tē* ‘levar’, ocorrem, muitas vezes, com dois elementos que indicam direção, *mã* e *ỳr* ‘para’. Na literatura não há uma descrição de qual é a distribuição dos dois, mas nos testes realizados foi possível identificar a semântica aspectual de cada um. *Mã* é utilizado em eventos que estão na iminência de acontecer, por exemplo:

(105) Ba ne i-nhō kikre mã tē
 1Sg Nfut 1P-Poss casa Dir Ir f.
 ‘eu vou para a minha casa’

³³ Nos estudos sobre os nomes nus em Mebêngôkre (grupo de pesquisa “(In)definitude através das línguas/(In)definiteness across languages”, vinculado ao CNPq e liderado por Roberta Pires de Oliveira), Mendonça Junior et al (2023, no prelo), identificaram que a língua Mebêngôkre não tem marca de plural nos nomes, mas tem nos pronomes e em alguns verbos (veja os exemplos na primeira seção).

Em português o verbo ‘ir’ + infinitivo é futuro, mas em (105) o tempo denotado é de não-futuro e indica algo que é futuro. O falante está parado e pronuncia a sentença antes que o evento aconteça. Em português também podemos dizer "eu viajo amanhã", ou seja, uma marca de presente, porém com sentido de futuro. A sentença com *mã* em não-futuro não apresenta a possibilidade de ser lida como passado e ser também entendida como "eu ia para minha casa". Para produzir esse sentido, a língua utiliza a partícula *ʔr* em posição pós-verbal, com a interpretação de ‘quase’ no português³⁴.

Já *ʔr*, como direcional antes do verbo *tē* ‘ir’, indica uma ação que está andamento ou em vias de concluir. O falante está no meio do evento, a caminho de seu destino, como em (106):

- (106) Ba ne i-nhō kikre ʔr tē
 1Sg Nfut 1P-Poss casa Dir v.ir f.
 ‘eu estou indo para a minha casa’

Vimos em seções anteriores que o aspecto perfectivo diz respeito à forma como o falante descreve uma situação de “forma completa (perfeita), de modo que o ouvinte sabe que o evento deve ter começado e terminado num período de tempo específico” (Bertucci, 2016). Línguas como o português brasileiro marcam esse aspecto por meio de desinências verbais (morfologia), pela estrutura da frase e pelo uso de advérbios que indicam um ponto específico no tempo (sintaxe), estabelecendo uma clara relação temporal. Por exemplo:

Figura 34: A expressão do aspecto perfectivo

- a. Ontem na festa da escola, João *cantou*.
 b.



Fonte: Bertucci (2016, p. 72)

Para a figura (34), Bertucci explica que:

³⁴ Veja os testes com modificadores na língua em Mendonça Junior (2021). A partícula *ʔr* em posição pós-verbal foi utilizada para confirmar as classes acionais de Vendler em Mebêngôkre.

o evento de João cantar, que tem um intervalo de tempo específico, está incluído num intervalo de tempo maior, que é a duração da festa ocorrida ontem. Veja que esse evento relativo a João pode ser considerado um entre vários outros que ele deve ter desenvolvido na festa (chegar na festa, comprar uma bebida, conversar com alguém etc.). O que vemos, claramente, é que o evento de João cantar, que é a situação em evidência, ou seja, é TSit, está inserido completamente no evento da festa, que é o momento de tópico (TT). É exatamente isso o que a representação [...] mostra: TSit (João cantar) está inserido em TT (ontem/festa), ilustração típica do aspecto perfectivo (TSit $\subseteq$ TT). (Bertucci, 2016, p. 72).

Já em Mebêngôkre, os verbos não apresentam marca de tempo ou aspecto em sua morfologia. Para expressar o perfectivo na língua o falante utiliza o verbo em sua forma finita nas sentenças matrizes, por exemplo:

- (107) Akati jākām ne ba bà kam tẽ
 Hoje Nfut 1Sg mato Loc v. ir f.
 ‘Eu fui no mato hoje.’

Podemos verificar, também, a (im)perfectividade em Mebêngôkre através de uma relação com o aspecto lexical na língua. O ponto de partida para essa descrição e análise são as sentenças de **estado**. Em Mebêngôkre, Mendonça Junior (2021) identificou os dois tipos de estados descritos pela semântica formal: os de *individual level*, que abrange propriedades inerentes ao indivíduo, e, portanto, permanentes; e os de *stage level*, ou estados passíveis de alteração, e, portanto, provisórios.

Na língua, os estados permanentes podem ser expressos através do uso de prefixos em nomes inalienáveis (relações de parentesco ou partes ligadas ao corpo) como *bãm* ‘pai’:

- (108) I-bãm ne ja
 1P-pai NFut Dem
 ‘Esse é meu pai’

Ou através do uso do morfema {bê}³⁵ associado ao prefixo marcador referencial de terceira pessoa {ku-³⁶}, *kubê*:

³⁵ O morfema {bê} é o mesmo presente na autodenominação do povo e da língua (Me-**bê**-ngô-kre) e está sempre associado a uma condição de estado. Advérbios como *amrê-bê* ‘tempo remoto ou o que foi e trago até aqui’ e *akati bê* ‘o dia que será ou amanhã’, carregam o morfema {-bê} em sua composição para formar o sentido de tempo.

³⁶ Jaqueline dos Santos Peixoto (comunicação pessoal, 16 de novembro de 2024) destaca que “as línguas da família Jê possuem uma classe de verbos chamada *ku-verbs* ou verbos da classe *ku-*. A distribuição complementar entre o prefixo *ku-* e o argumento interno do verbo pode ser uma evidência da natureza não argumental de ‘Clédson’” em (109).

- (109) Clédson ne ku-bê i-bãm
 Clédson Nfut 3Ref-estativo 1P-pai
 ‘Clédson é meu pai’

Tanto (108) quanto (109), podem ser expressas em um contexto em que alguém faz a seguinte pergunta:

- (110) Nhym ne ja/wa
 Quem Nfut Dem/esse/aquele
 ‘Quem é esse/aquele?’

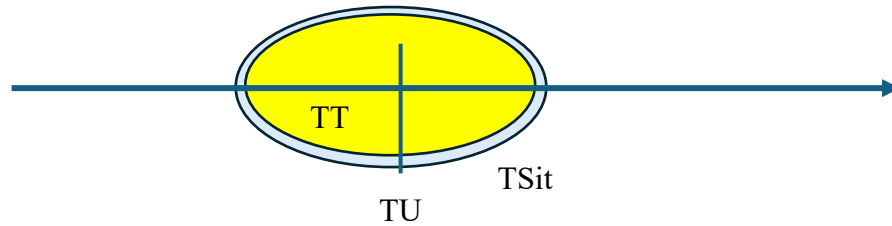
Esses exemplos em (108) e (109), são sentenças de estado que denotam, de forma lexical, uma relação que perdura ao longo da vida de uma pessoa. Neste caso, o aspecto gramatical é menos relevante do que a noção de permanência expressa. Embora possa haver uma tendência a considerar esta sentença como imperfectiva, devido à natureza contínua e permanente da relação entre pai e filho, a sentença em si não está claramente marcada como perfectiva ou imperfectiva em termos de aspecto gramatical. O aspecto lexical expresso por uma relação permanente é o que domina aqui. Nos testes com modificadores, Mendonça Junior (2021) verificou que advérbios como *amuja ã* ‘ontem’ não são aceitos com predicados de *individual level*, justamente porque a sua natureza duradoura não permiti delimitar um intervalo de tempo. Por outro lado, o exemplo (111), demonstra um estado provisório que denota uma diferença em relação a (108) e (109):

- (111) Tepokên ne ngô kam dja
 Tepokên Nfut rio Loc Pos/vertical/Sg
 ‘Tepokên está no rio (em pé)’

Mendonça Junior (2021, p. 50)

Em (111), o momento indica uma situação em andamento ou um estado que persiste no momento da fala (TU), ou seja, um aspecto imperfectivo, caracterizado pela inclusão do tempo de tópico (TT) dentro do tempo de situação (TSit), sem foco no início ou no fim do evento (Figura 35). O uso do verbo posicional (*default*) *dja*, após o locativo *kam*, indica uma condição provisória, passível de mudança. Mais à frente, observaremos que este mesmo verbo posicional pode se associar à partícula *o*, para indicar uma ação em andamento, de acordo com a classe acional. Em Mebêngôkre, os *stage levels* ou estados provisórios aceitam a modificação por *amuja ã* ‘ontem’.

Figura 35 - (TT está incluído no TSit).



Fonte: Elaboração própria.

Outros verbos também foram testados. Em PB, ‘saber’ denota um estado permanente do indivíduo: quem aprende como executar uma nova tarefa, geralmente, não esquece o *modus operandi*, e vai conseguir fazer de novo em outras ocasiões. Em Mebêngôkre não é diferente. Sentenças na língua com o verbo *mari* ‘saber’, como em (112), foram testadas por Mendonça Junior (2021) com o advérbio de tempo *amuja ã* ‘ontem’, tornando-a agramatical na língua (113):

- (112) Tàkàkkudjô ne kute djudjê nh-ipêx mari
 Tàkàkkudjô Nfut 3Ref arco 3-M-v.fazer v. saber
 ‘Tàkàkkudjô sabe fazer arco’

- (113) *Amuja’ã ne Tàkàkkudjô kute djudjê Ø-nh-ipêx mari
 Ontem Nfut Tàkàkkudjô 3Ref arco 3-M-v.fazer v. saber
 ‘*Ontem, Tàkàkkudjô sabia fazer arco’

Mendonça Junior (2021, p. 46 e 68)

Em (112), temos um verbo que indica um estado contínuo de conhecimento ou habilidade, sem sugerir um término ou conclusão da ação de ‘fazer arco’. A situação retrata um estado de saber fazer algo, algo que é duradouro e não pontual. O tempo de tópico é concomitante com o tempo de fala (presente) e está inserido no tempo da situação, instante em que o falante pronuncia a sentença. Dizer que Tàkàkkudjô ‘sabe fazer arco’ (TSit) é uma fotografia, uma fatia de um tempo indefinido, delimitado pelo momento da conversa. Temos então um aspecto imperfectivo, um evento descrito como o tempo tópico compreendido dentro do tempo do evento ($TT \subseteq TSit$). Essa mesma duração é um dos traços da classe acional de estado proposta por Vendler (1957).

O verbo *mari* ‘saber’ em (113) é agramatical porque um estado permanente não pode ser delimitado dentro de um intervalo de tempo como ‘amuja’ã ‘ontem’, mas pode ser expresso no passado em (114).

- (114) Arỳm ne ba ku-ma o wakno
 Já Nfut 1Sg 3Ref. v. saber Ins v. esquecer nf.
 ‘Eu sabia.’

Em português, ‘eu sabia’, indica um sentido de estado de conhecimento que estava em andamento no passado, sem indicar que tenha terminado, o que é típico do aspecto imperfectivo. No entanto, para expressar esse mesmo sentido, o Mebêngôkre não utiliza uma morfologia verbal, mas o uso de duas orações. A primeira *Arỳm ne ba kuma* ‘eu já sei’ ou ‘eu já entendi’ e depois *o wakno* ‘esqueci’. Na interpretação de que ‘houve o saber seguido pelo esquecimento’.

Quanto às **atividades** em Mebêngôkre, podemos descrever sua relação com a (im)perfectividade de diversas formas. No contexto de uma conversa, alguém pode perguntar:

- (113) Mỳj ne ga o nhỹ
 Que Nfut 2Sg agora Pos. sentado
 ‘O que você está fazendo (sentado)?’

E alguém responde,

- (114) Tep ne ba krẽn o nhỹ
 peixe Nfut 1Sg v. comer nf. Ins Pos. sentado
 ‘Eu estou comendo peixe (sentado).’

Em (114) temos uma ação no presente que denota uma atividade em andamento. Em resposta à pergunta, o objeto é lançado para a primeira posição na sentença, o verbo passa para a forma nominal e o verbo posicional auxiliar é antecedido pela partícula *o*. A ação está em progresso, contínua e não tem um ponto de culminância expresso. O tempo de tópico é simultâneo ao tempo de fala, o evento é o ato de comer. Temos então um aspecto imperfectivo, um evento descrito como o tempo tópico compreendido dentro do tempo do evento ($TT \subseteq TSit$). Em (115) e (116) temos duas sentenças no presente, a primeira está no perfectivo e expressa o sentido de que o falante come um tipo de peixe, no contexto em que o ouvinte alega não comer nenhum tipo. A segunda é uma afirmativa, mas no imperfectivo progressivo, assim como (114). A ação está em progresso e não há duração definida ou ponto de culminância.

- (115) Ba ne ba tep krẽ
 1Sg Nfut 1Sg peixe v. comer f.
 ‘Eu (mesmo) como um peixe.’

- (116) Ba ne ba tep krẽn o nhỹ
 1Sg Nfut 1Sg Peixe v. comer nf. Ins Pos. sentado

‘Eu estou comendo peixe.’

Podemos descrever essas mesmas atividades no passado, também de forma perfectiva. Em (117) o intervalo de tempo é delimitado pelo advérbio *amujã* ‘ã’ ‘ontem’, que configura um tempo de tópico no passado. A sentença (118) se diferencia pelo fato de a ação ter ocorrido a pouco tempo, ou seja, é recente e expresso por *arým* ‘já’.

(117) Amujã ‘ã ne ba tep krẽ
 Ontem Nfut 1Sg peixe v. comer f.
 ‘Eu comi peixe ontem.’

(118) Arým ne ba tep krẽ
 Já Nfut 1Sg peixe v. comer f.
 ‘Eu já comi o peixe.’

Apesar das diferenças em relação ao intervalo de tempo, em ambas as sentenças temos aspecto perfectivo, um evento descrito como o tempo do evento compreendido, interno ao tempo tópico ($TSit \subseteq TT$). Em (117), não há um ponto de culminância expresso, no entanto, em (118), em uma situação em que não há mais nada no prato ou o peixe (ao qual se refere) disponível no contexto, há um ponto de culminância.

Dessa forma, se a ação de comer ocorre dentro de um intervalo de tempo e o ponto de culminância é o instante em que o falante come o peixe suficientemente para se saciar ou não deixar nenhuma sobra, temos um *accomplishment*, que se difere da classe acional de atividade por expressar um ponto télico na linha do tempo.

(119) Akati kunĩ kôt³⁷ ne ba tep krẽ
 Dia todo Freq Nfut 1Sg peixe v. comer f.
 ‘Eu como peixe todos os dias.’

Em (119), temos um evento que se repete na linha do tempo, a ação de comer peixe ($TSit$). Não é possível determinar quando ela começa ou quando termina. O tempo de tópico (TT) é o presente, mas ele não se refere a um único instante. A sentença descreve um hábito ou ação habitual, o que significa que a ação ocorre repetidamente ao longo do tempo, englobando o presente de forma indefinida. O presente aqui não é pontual (o tempo de fala (TU) sim), porém a ação indica uma situação recorrente que se estende ao longo do tempo, abrangendo o momento

³⁷ O auxiliar *Kôt* nessa situação indica uma ação frequentativa, mas pode ser usado com o sentido de continuativo/durativo, como em *ngô kôt* ‘ao longo do rio’.

atual e períodos anteriores e futuros. Temos um evento télico (cada vez que ele come um peixe) que expressa um TT inserido no TSit, ou seja, um aspecto imperfectivo habitual. O TT é o instante delimitado pela fala e está dentro da ação expressa, que é regular e atemporal enquanto o hábito se mantém.

Durante a pesquisa, uma das dificuldades de tradução do português para o Mebêngôkre são as sentenças que indicam hábito. Em português, em resposta a uma pergunta como *O que você come para ter essa saúde?* podemos ter algumas respostas como *Eu como peixe* ou *Eu durmo muito* ou *Faço atividade física*, todas no tempo presente e com o sentido de habitualidade. Já o Mebêngôkre é uma língua de não-futuro e, todas as vezes que uma sentença como essas são apresentadas, o falante pode interpretar como tempo presente ou passado, ou seja, algo que possa ser repetitivo ao longo de um período, como *Eu comi peixe* ou *Eu durmi muito* ou *Fiz atividade física*. Uma das formas para resolver o problema foi o uso de expressões como ‘sempre’, ‘todo dia’ ou ‘quando’, na eliciação das sentenças. Por exemplo:

- (120) Ba ne ba akati kunĩ kôt tep krẽ
 1Sg Nfut 1Sg dia todo Cont peixe v. comer f.
 ‘Eu (mesmo) como peixe todo dia.’

Em (120), temos a mesma expressão de (119), mas com um sujeito enfático, seguido por *akati kunĩ kôt* ‘todo dia’ que expressa uma ação repetida ao longo de um período (comer peixe), sem necessariamente indicar um número específico de ocorrências. A habitualidade da ação caracteriza o aspecto imperfectivo, que também pode ser expresso no passado em Mebêngôkre (121).

- (121) Amrẽ bê::: ne ba prĩ::: re kam bola japĩn o dja
 PassRem Pros Nfut 1Sg Criança Pros Dim Loc bola jogar Pos ‘em pé’
 ‘eu jogava bola quando era criança’

Em (121), temos um imperfectivo habitual³⁸ expresso no passado remoto, marcado pela expressão *amrẽ bê*, que na fala, foi alongado pela prosódia do falante para demonstrar um longo tempo atrás, assim como *prĩre* ‘criança’, com o sentido de enfatizar a duração dessa fase em sua vida. A ação de jogar bola (TSit) era recorrente ou prolongada e está inserida no período mencionado, no caso, quando o falante era criança (TT). O que caracteriza o aspecto

³⁸ O habitual pode ser marcado na forma verbal também, por exemplo, para o verbo ‘comer’ a forma é *krẽ*, para o ‘hábito de comer’ a forma é *kuru*.

imperfectivo ($TT \subseteq TSit$), que foca no processo ou na continuidade da ação, em vez de seu término. Em Mebêngôkre, o uso de verbos posicionais como verbos auxiliares é uma forma para marcar o aspecto progressivo na língua. Os verbos que utilizam os posicionais são, geralmente, verbos de atividade.

Silva (2001, p. 44) indica que “o uso de verbos posicionais, bem como o uso de posposições e expressões locativas, é um mecanismo bastante utilizado para expressar noções de aspecto”. Para Jefferson (1980), formas pronominais podem ser usadas para expressar ações em processo de desenvolvimento, junto a verbos (in)transitivos, finitos e não-finitos. Costa da Silva (2015, p. 303) afirma que na variedade Xikrin do a expressão aspectual é realizada “por um conjunto de palavras que, em geral, ocupam ou a posição inicial na sentença, ou a posição final, ou ainda pelo morfema zero”. Arregui e colegas (2012, p. 1) descrevem que os verbos na língua não se flexionam para marcar tempo, modo e aspecto. Em vez disso,

as noções do sistema TAM são expressas na periferia esquerda da sentença por meio de partículas, com uma semântica de difícil definição. Outras distinções são expressas por meio de elementos pós-verbais (ARREGUI et al, 2012, p. 1) (tradução própria).

Miranda (2019) destaca que a expressão morfossintática do aspecto nas línguas Jê pode ser realizada através do uso de verbos auxiliares. Essas construções “denotam primeiramente eventos e estados, e abrangem conceitos básicos, como atividades, processos, localização, movimento, volição, posição/postura, relação e posse (cf. HARRIS E RAMAT, 1987; apud MIRANDA, 2019: 75). Já Costa (2015), afirma que os sintagmas cujo núcleo é formado pela posposição *o* são equivalentes às construções gerundivas do português. Veja o seguinte exemplo:

- (122) Nã bãm mry mrõ o dja nhym kuwỳ atyk
 Quando 1Pt carne v.cozinhar Cont Pos. em pé Conj. fogo v. apagar
 ‘O fogo apagou quando eu estava cozinhando a carne’

(MENDONÇA JUNIOR, 2023: no prelo)

Aqui temos um período composto (122), em que o primeiro evento (na tradução em português, em Mebêngôkre está em espelhado) é pontual, está no passado e é perfectivo; o segundo é atético, durativo. Na sequência, o segundo foi interrompido pelo primeiro. O evento de cozimento da carne, denotado pelo verbo *mrõ* seguido da posposição *o* e do auxiliar posicional *dja*, está no imperfectivo. Enquanto o apagar do fogo está no perfectivo. A partícula

Nã insere um evento no outro e o sujeito da ação é uma forma pronominal para um sujeito que participa da ação *bãm*, responsável pelo evento.

No português, a compreensão de um evento dentro de outro pode ser realizada através do uso de diferentes aspectos verbais, como o gerúndio e o aspecto imperfectivo. O gerúndio, que é a forma verbal que expressa uma ação em andamento, permite que um evento seja apresentado como uma fase preparatória ou como parte de um processo maior. Por exemplo, na sentença *Estou saindo de casa*, o gerúndio "saindo" (sair + _ndo) indica que a ação está em progresso e pode ser vista como parte de um evento mais amplo, que é a chegada ao destino.

Por outro lado, o aspecto imperfectivo refere-se a ações que estão em andamento ou que se repetem ao longo do tempo, sem um foco na conclusão. Ele é caracterizado por uma interpretação que pode se estender além da referência temporal, permitindo que o evento seja percebido como contínuo ou habitual. Por exemplo, em *Eu corria todos os dias*, expressa uma ação que ocorria de forma regular, sem indicar um ponto final específico na linha do tempo.

Assim, enquanto o gerúndio enfatiza a continuidade e a fase de um evento em andamento, o aspecto imperfectivo abrange uma visão mais ampla de ações que podem ser habituais ou que se estendem no tempo, permitindo que um evento seja compreendido dentro de outro de maneira mais flexível e dinâmica.

No caso do Mebêngôkre, essa expressão composta é realizada através de uma sentença imperfectiva em primeira posição, na qual, o verbo principal se junta a um auxiliar posicional, seguido por uma conjunção que marca a alternância do sujeito ou foco da ação, em (122) marcado por *nhym*. A segunda sentença é perfectiva que denota um evento pontual que ocorre dentro de um evento maior, com período indefinido.

Salanova, Arregui e Rivero (2012) explicam que no Mëbengôkre, o aspecto é utilizado para indicar principalmente dois tipos de eventos:

Eventos em andamento: São eventos que estão ocorrendo no momento da fala ou em um tempo específico. Estes eventos são expressos por auxiliares que especificam que a ação está em progresso. Por exemplo, o auxiliar "o=dja" é usado para indicar que a ação de comer carne está em andamento, como em "Ba mry krên o=dja", que significa "Eu estou/estava comendo carne (de pé).
Eventos planejados ou prospectivos: São eventos que ainda não começaram, mas que são planejados para o futuro. Estes eventos são expressos por auxiliares que indicam a intenção ou o plano de realizar uma ação. Por exemplo, o auxiliar "mã" é utilizado para indicar o plano de comer carne, como em "Ije mry krên mã", que significa "Eu estou/estava indo comer carne. (Salanova, Arregui e Rivero, 2012, p. 20, tradução livre, grifo nosso).

Ele descreve que a diferença entre as duas formas é realizada através de auxiliares aspectuais especializados, "que lexicalizam diferentes bases modais e permitem uma distinção

clara entre eventos que já começaram e eventos que estão em preparação ou são planejados para o futuro” (Idem, p. 22). Ele também propõe uma análise do aspecto com base na noção de inércia, que se refere a uma situação em que todos os eventos que começaram em um estado ou situação (s) continuam em um estado ou situação posterior (s') da mesma forma que continuariam se não houvesse interrupções.

Já vimos alguns exemplos de aspecto imperfectivo na língua, através do uso de verbos posicionais, mas ainda não exploramos aqueles em fase de planejamento ou prospectivos. O aspecto prospectivo também foi descrito por Klein (1994), que o descreve como uma ação ou evento que está prestes a se realizar. Em Mebêngôkre essa noção é codificada por posposições que ocorrem na posição pós-verbal, no final da sentença (123).

- (123) Nã bãm bit ije tep krẽn mã
 1Pt único 1Erg peixe v. comer nf. Dir
 Eu ia comer um peixe (desisti por vontade própria).'

O aspecto prospectivo, segundo Klein (1994), é caracterizado por um tempo de tópico (TT) que é excluído da situação de tempo (TSit) na posição anterior. Isso significa que, ao usar o aspecto prospectivo, a ação ou evento não precisa ser realizado completamente ou ser visto após sua realização para que a afirmação seja considerada verdadeira. Por exemplo, na sentença *Eu estava indo dormir*, não é necessário que haja um TT posterior ao tempo de enunciação (TU) ao qual o conteúdo lexical pode ser ligado. Esse aspecto reflete um caráter modal (124, 125), indicando uma fase preparatória de uma situação, ao contrário do aspecto perfeito, que requer um estado anterior em que a situação foi realizada. Em Mebêngôkre, essa noção é codificada pelo uso da partícula *dja* nas sentenças.

- (124) Jãkãm dja ba tep krẽ
 Hoje Fut 1Sg peixe v. comer f.
 Eu vou comer um peixe hoje.'

- (125) Ba dja ba tep krẽ
 1Sg Fut 1Sg peixe v. comer f.
 Eu vou comer um peixe.'

Em relação oposta ao prospectivo, Klein descreve o aspecto perfeito, caracterizado pelo fato de que o tempo de tópico (TT) está excluído do tempo de situação (TSit) na posição posterior. Isso significa que, ao usar o aspecto perfeito, a ação ou evento é visto como já concluído em relação ao momento da fala, mas o TT ocorre após a situação descrita. Em outras

palavras, o aspecto perfeito reflete uma relação temporal em que a situação já foi completada antes do tempo de tópico, permitindo que o falante se refira a um evento que já ocorreu. Veja os seguintes exemplos:

- (126) i-katoro djwýnh ràp ne ba tep krẽ
 1P-v. sair nf. antes Nfut 1Sg peixe v. comer f.
 ‘Eu tinha comido um peixe antes de sair.’

- (127) i-tēm djwýnh ràp gê dja ba tep krẽ
 1Sg-v. ir nf. antes Part Fut 1Sg peixe v. comer f.
 ‘Eu terei comido um peixe antes de ir.’

Em (126) temos o contexto em que um falante sai da cidade a caminho da aldeia e, ao chegar no destino, depois de horas de viagem, alguém pergunta se comeu alguma coisa antes de sair. A resposta é um período composto, formado por uma nominalização em primeira posição, seguida por uma sentença matriz. A forma é espelhada no português. A palavra *djwýnh ràp* codifica o sentido de ‘antes’ e a partícula *ne* relaciona as duas sentenças com o mesmo sujeito. Já em (127), temos um evento no futuro, no contexto de que a pessoa irá viajar da aldeia para a cidade. A sentença, segue a mesma ordem sintática de (126) e utiliza (em forma de espelho) uma nominalização antes da sentença matriz. Esses exemplos demonstram que há distinções aspectuais importantes entre sentenças subordinadas e não subordinadas na língua. Essas diferenças são cruciais para entender como o aspecto é expresso e interpretado dependendo da estrutura sintática da sentença. Essa é uma área que a sintaxe gerativa pode contribuir nos estudos sobre a língua.

Voltando ao perfectivo, podemos analisá-lo em um tempo futuro também. Veja (128):

- (128) Akatibê dja ba tep krẽ
 Amanhã Fut 1Sg peixe v. comer f.
 ‘Eu comerei um peixe amanhã.’

Na sentença acima, a ação de comer o peixe é vista como um evento que será completado em um momento futuro específico, que é ‘amanhã’ *akatibê*. O uso da partícula *dja* indica que a ação está planejada para ocorrer e será finalizada nesse tempo. O evento ‘comer um peixe’ é pontual, ou seja, temos um TSit inserido no TT ‘amanhã’, o que caracteriza um aspecto perfectivo no futuro.

Podemos utilizar a partícula *dja* junto com a expressão *akati kunĩ kôt* para formar um imperfeito no futuro. Por exemplo:

- (129) Ba dja ba akati kunĩ kôt tep krẽ
 1Sg Fut 1Sg dia todo Freq peixe v. comer f.
 ‘Eu comerei um peixe todos os dias.’

Em (129), temos um aspecto imperfeito habitual. Isso se deve ao fato de que a expressão *akati kunĩ kôt* ‘todos os dias’ indica uma ação que ocorre de forma repetida e regular ao longo do tempo, caracterizando a habitualidade da ação de comer o peixe. Além disso, o uso da partícula *dja*, sugere que essa ação está planejada para ocorrer de maneira contínua no futuro.

Uma das características da língua Mebêngôkre é enfatizar se o evento foi concluído ou não através de orações compostas, por exemplo, em português podemos dizer *O junior foi na festa* em resposta a alguém que o procura, ou seja, o falante sabe para onde ele foi, mas não enfatiza se ele voltará ou quando voltará, apenas sabe que ele saiu em direção à festa. Ou quando ele acaba de chegar e a pessoa quer especificar onde ele estava anteriormente. Em Mebêngôkre, isso ocorre de maneira diferente, é preciso marcar através de uma segunda oração se o evento foi concluído ou não (130).

- (130) Arỳm ne Ø Metor kam tẽ arỳm bôx
 Já Nfut 3 festa Loc ir já chegar
 ‘Ele já foi na festa (e já chegou)’

Na primeira sentença em (130), temos o uso do verbo *tẽ* ‘ir’ no passado, marcado pelo uso de *arỳm* ‘já’, indica que a ação de ir à festa (TSit) foi completada em um momento anterior ao momento da fala (TU). Em seguida, uma segunda sentença com o verbo *bôx* ‘chegar’ também é utilizada com *arỳm* ‘já’, que reforça a ideia de que a ação foi realizada antes do presente, implicando que a pessoa não apenas foi à festa, mas também chegou ao local, completando assim a ação. Temos aqui dois *achievements*, que marcam os eventos (TSit) inseridos dentro dos tempos de tópico (TT) no passado, codificado por *arỳm* ‘já’, o que caracteriza um aspecto perfectivo. Nos *achievements*, não há uma duração interna, o que conta para o falante é o momento em que ele saiu e voltou. São instantes na linha do tempo, culminados pelo momento da partida e pelo momento da chegada do sujeito.

Para a expressão do perfectivo em Mebêngôkre, além do uso de elementos como *arỳm*, em posição inicial na sentença, o uso de advérbios de tempo no passado (131) e no futuro (132), marcam um evento pontual anterior ou posterior ao tempo de fala.

- (131) Amujã ã ne ba bola jap̃in o dja
 Ontem Nfut 1Sg bola jogar Pos ‘em pé’
 ‘Eu joguei bola ontem’

- (132) Akati bê dja ba bola tē jap̃i
 Ontem Nfut 1Sg bola ir jogar
 ‘Vou jogar bola amanhã’

No presente, o imperfectivo progressivo pode ser expresso através do uso do verbo posicional, da partícula de não-futuro *ne* e da forma não-finita do verbo principal.

- (133) Ba ne bola jap̃in o dja
 1Sg Nfut bola jogar Pos ‘em pé’
 ‘Eu estou jogando bola’

Apesar de diversos dados coletados, o que não está claro, em Mebêngôkre, é o que condiciona o uso de elementos como *nã* em posição inicial na sentença. O verbo *obikēn* ‘acabar’, junto com o posicional de movimento *mõ*, indica uma ação em andamento, um imperfectivo progressivo. Uma hipótese é a de que o elemento *nã* marca um evento não concluído em que o falante tem uma visão interna da situação (134).

- (134) Nã Me ibê bà obikēn o mõ
 Asp PL essivo floresta acabar Pos ‘em movimento’
 ‘A nossa floresta está se acabando’

Outra forma identificada em orações compostas de aspecto imperfectivo são as iniciadas pela partícula *’ã*, que indica uma duração de tempo. Ela parece ocorrer em sentenças formadas por verbos de estado (135).

- (135) ’Ã i-bê Me prire kam ne ba i-mã i-djỳrỳ prām
 Asp 1Sg-essivo criança Loc Nfut 1Sg 1Sg-Dat 1Sg-banhar gostar
 ‘Eu gostava de ir para o rio me banhar quando era criança’

Nas sentenças contendo verbos de movimento como *tē* ‘ir’, nos quais o falante participa da ação e tem uma visão interna da situação, a forma pronominal *nām bām* (Jefersson, 1989) é utilizada bem no início.

- (136) Nām bām ngô mã tē ije amī kubēkà oj-mã
 1Pt rio Dir ir lErg Rec roupa lavar-Dir
 ‘Eu estou indo para o rio para lavar a minha roupa’

Durante a pesquisa, muitos dados foram elicitados através da apresentação de contextos em linguagem verbal. Entretanto, o uso de fotografias do cotidiano Mebêngôkre foi produtivo, porque permitiu ao falante descrever as situações observando os eventos nas imagens. Por exemplo, em (137), temos a situação em que uma mulher pinta o rosto dos jovens durante os preparativos para um *Me tor* ‘festa’. Na imagem ela está em pé e passando urucum (pigmento vermelho) no rosto do rapaz que também está em pé.

- (137) Kôkôngri ne Ngopre no’ôk o dja
 Kôkôngri Nfut Ngopre pintar Ins Pos. em pé
 ‘Kôkôngri está pintando o rosto do Ngopre.’

Na sentença acima, temos um aspecto imperfectivo porque a ação está em andamento, o posicional *dja* marca um progressivo, junto com a partícula *o*. Já em (138), foi apresentado a fotografia de um Mebêngôkre, com foco em seu rosto pintado de urucum. A imagem não demonstra movimento, o falante deduz que o evento já foi concluído, é um instante na linha do tempo e anterior ao momento da fala. A situação ‘pintar o rosto’ está inserida em um momento passado, visto como um todo, sem intervalos internos de duração, diferente de (137).

- (138) Bàri’y ne amī no-kre ‘ôk ne
 Bàri’y Nfut Rec rosto v. pintar Ev.
 ‘Bàri’y pintou o rosto.’

A mesma estratégia foi utilizada em (139) e (140). A primeira é imperfectiva enquanto a segunda é perfectiva. Já (141) difere de (140) por enfatizar o término da ação com o modificador *ojnore* ‘terminar’, o que desencadeia a forma não-finita do verbo *kaba* ‘tirar’, ou seja *kadjjèry*.

- (139) Djwỳxêt ne angrô kà kadjjèry o dja

Djwỳxêt Nfut porção couro v. tirar nf Ins Pos. em pé
 ‘Djwỳxêt está tirando o couro do porção.’

(140) Arỳm ne Djwỳxêt angrô kà kaba
 Já Nfut Djwỳxêt porção couro v. tirar
 ‘Djwỳxêt já tirou o couro do porção.’

(141) Arỳm ne Djwỳxêt angrô kà kadjỳrỳ ojnore
 Já Nfut Djwỳxêt porção couro v. tirar nf terminar
 ‘Djwỳxêt já terminou de tirar o couro do porção.’

Nessa pesquisa foram elicitados mais orações simples do que compostas, primeiro porque períodos compostos são mais complexos e não caberia a sua análise neste momento, o que demanda estudos futuros. No entanto, em (142) podemos ver um exemplo dessa construção em Mebêngôkre.

(142) Irerwỳk ne ò kwỳ krẽn o nhỹ
 Irerwỳk Nfut In parte v.comer Ins Pos. sentado
 ‘Quando o pai do Junior chegou...
 nhym Junior Ø-bãm bôx
 Conj Junior 3-Poss-pai v. chegar
 ... o Irerwỳk estava comendo (a sua parte).’

Em (142), temos um período composto (na tradução em português, em Mebêngôkre está em espelhado), semelhante ao (122), em que o primeiro evento é pontual, está no passado e é perfectivo, enquanto o segundo é atético, durativo e imperfectivo. Na linha do tempo, o primeiro evento ocorre dentro do segundo evento, ou seja, a ação de chegar acontece no período que a ação de comer está em progresso. Um evento é inserido no outro através de uma ordem sintática e pelo uso da conjunção *nhym*, que marca sujeitos ou focos diferentes entre duas orações. Para a sentença imperfectiva, uma das traduções possíveis para o uso do verbo na forma nominal *krẽn* ‘comer’ e, da partícula *o* junto com o posicional (neste caso *nhỹ* ‘sentado’) é *Irerwỳk está em pé com parte do comer* ou *Irerwỳk está em pé com a comida*. Isso captura o sentido nominal do verbo e dá sentido para o uso de *o*, na sentença.

Outro exemplo de imperfectivo é a sentença (143), na qual o falante observa uma foto sua conduzindo uma canoa (voadeira no Pará) em movimento ao longo do rio Xingu. Ele enfatiza o sujeito (ele mesmo) duplicando o pronome de primeira pessoa do singular *ba* ‘eu’.

- (143) Ba ne ba kà o tẽ
 1Sg Nfut 1Sg canoa Ins v. ir
 ‘Eu (mesmo) estou levando (pilotando) a canoa.’

Além das sentenças elicitadas através de contextos apresentados de forma verbal e não-verbal, outros exemplos foram capturados durante observações do pesquisador. Parte dos sujeitos ou objetos estavam presentes no contexto da conversa e não apresentam uma morfologia expressa [Ø] na sentença. Nessas situações, o pesquisador capturava a sentença pronunciada e perguntava se o falante poderia participar da pesquisa, explicando o sentido expresso naquele instante. Por exemplo, em (144), o falante olha para um ‘pé de açaí’, planta da amazônia semelhante a uma palmeira, carregada com cachos da fruta, e diz:

- (144) Dja ba ‘ỹr o ruwa
 Fut 1Sg Dir Ins v. descer
 ‘Eu vou colher (açaí)’

O objeto não está expresso na sentença, mas está subentendido no contexto da conversa. A partícula *dja* expressa a probabilidade, uma condição, enquanto ‘ỹr, o sentido de que ele está na iminência de ir. Já a partícula *o* especifica um instrumento, ou seja, que ele irá ‘descer com’ (o açaí), na situação.

Outro contexto foi o momento em que um Mebêngôkre procura por uma pessoa na porta da casa dela. Ele pergunta à mãe do rapaz:

- (145) Nhàrà a-kra
 Cadê 2P-filho
 ‘Cadê seu filho?’

A mãe prontamente responde:

- (146) Ø-õt o nã
 3-v.dormir nf. Ins Pos. deitado
 ‘Ele está dormindo.’

Em (146) temos a resposta à pergunta em (145). O verbo está na forma não-finita *õt* ‘dormir’ (forma finita *ngõr*), seguido pela partícula *o* e do posicional *nã* ‘deitado’. O aspecto é imperfeito progressivo. A ação de dormir está em andamento, ou seja, é uma ação que ocorre no momento da fala e não há um ponto de culminância. O tempo de tópico (TT) refere-

se ao momento em que a afirmação é feita, enquanto o tempo de situação (TSit) é o intervalo temporal em que a ação de dormir ocorre. Na sentença, o TT é o momento presente em que a afirmação é feita, e o TSit é o período durante o qual ele está efetivamente dormindo, que também se sobrepõe ao TT, caracterizando a ação como em progresso.

Outro contexto está em (147), o falante sai de um estabelecimento comercial e diz para o ouvinte:

- (147) Ba i-te kôt tẽ
 1Sg 1P-perna Junto/cont. v. ir f.
 ‘Eu vou a pé.’

Na sentença acima, a ação está em andamento ou se refere a um plano ou intenção de realizar a ação ‘de ir a pé’, sem especificar um ponto de culminância. A expressão "a pé" sugere um modo de realizar a ação, mas não implica um ponto télico, reforçando a ideia de que a ação é vista como um processo em desenvolvimento. A relação entre o tempo de tópico (TT) e o tempo de situação (TSit) é caracterizada pelo fato de que o TT está totalmente incluído no TSit. O evento de "ir a pé" está ocorrendo no momento da fala, e o TT (o momento em que a afirmação é feita) coincide com o TSit (o momento em que a ação de ‘ir a pé’ está acontecendo). Portanto, a situação descrita é vista como em pleno desenvolvimento, refletindo um aspecto imperfectivo.

Em Jefferson (1989) há um quadro de pronomes em Mebêngôkre. Uma das formas que ela descreve é o *Nãm bãm*, ou pronome de primeira pessoa singular quando o sujeito participa da ação. Essa forma é difícil de ser capturada porque requer que o falante desenvolva a ação e, muitas vezes, o evento é imaginado, apresentado de forma verbal durante a entrevista. O falante não se vê dentro do evento, mas tentando descrevê-lo. O *nãm bãm* denota uma visão interna dos acontecimentos. Em (148), ele especifica o seu estado, que é duradouro e determinado por sua vontade.

- (148) Nãm bãm arek nũ
 1Pt permanecer Pos. deitado
 ‘Estou deitado (por vontade própria).’

A sentença caracteriza um imperfectivo progressivo. A ação de ‘estar deitado’ está em andamento no momento da fala, ou seja, é uma situação que está em desenvolvimento. O tempo de tópico (TT) está totalmente incluído no TSit. O momento em que a afirmação é feita (TT) coincide com o período em que a ação de estar deitado está ocorrendo (o TSit). A situação

descrita é vista como em andamento, refletindo a sua continuidade. Em (149) temos o mesmo pronome.

(149) Nãm bãm ngô mã tẽ
 1Pt rio Dir v. ir
 ‘Eu estou indo para o rio.’

ije amĩ kubẽkà ku òj-mã
 1Erg Rec roupa 3Ref Ins-Dir
 ‘Eu vou lavar a minha roupa.’

Em (149), temos duas orações, a principal com o pronome de sujeito participativo e a subordinada ou encaixada com um sujeito ergativo. Na primeira, o aspecto é imperfeito progressivo. A ação de ‘ir para o rio’ está em andamento no momento da fala. O tempo de tópico (TT) está inserido no TSit. O instante em que a afirmação é feita (TT) é concomitante com o período em que a ação está ocorrendo (o TSit). Na segunda, o aspecto é imperfeito, mas não progressivo. A ação indica um evento que está planejado para ocorrer, mas que ainda não foi realizado, caracterizando uma intenção ou um futuro próximo. Na relação, o tempo de tópico (TT) está excluído do TSit. Isso significa que o momento em que a afirmação é feita (TT) não coincide com o momento em que a ação de ‘lavar a roupa ocorrerá (TSit), já que a ação está prevista para um momento futuro. Portanto, a situação é vista como uma intenção, não como uma ação em andamento no momento da fala.

Outra forma de coletar os dados foi através do uso de imagens que caracterizavam sequencias de acontecimentos, de forma que o falante, ao observar, descrevia o que cada quadro apresentava. Em (150) e (151), temos contextos semelhantes, mas com ações diferentes.

(150) Me ò my ja pidjô ngô o dja
 Hum In masc. Def fruta água Ins Pos. em pé
 ‘Um homem está molhando a fruteira.’

(151) Me ò my ja pidjô u’êj o dja
 Hum In masc. Def fruta v. colher Ins Pos. em pé
 ‘Um homem está colhendo a fruta.’

Em (150), a ação de ‘molhar a fruteira’ está em andamento no momento da fala, ou seja, a situação é vista em seu desenvolvimento. O tempo de tópico (TT) está inserido no TSit. O momento em que a afirmação é feita (TT) coincide com o período em que a ação de ‘molhar a fruteira’ está ocorrendo (TSit). O que caracteriza um aspecto imperfeito progressivo. Da

mesma forma a sentença em (151). A semelhança entre as duas é o uso o auxiliar *o* junto com o verbo posicional *dja*³⁹.

Os *achievements* também foram investigados, por se tratarem uma classe lexical que não apresenta duração interna, contrapondo os eventos duradouros ou em desenvolvimento apresentados anteriormente. Veja (152):

- (152) Amujã ã ne i-kra ruwa
 Ontem NFut 1P-filho v. nascer f.
 ‘Meu filho nasceu ontem’

(Mendonça Junior, 2021, p. 71)

Em (152), temos uma *achievement*, ou seja, não há duração interna e o ponto de culminância é mesmo que o ponto inceptivo, que o instante em que a criança deixa o ventre da mãe. O tempo é passado, denotado pela presença da partícula *ne* e do modificador *Amujã ã* ‘ontem’. O aspecto é perfectivo porque o tempo da situação (TSit) está inserido no tempo de tópico (TT) ‘ontem’.

Além da investigação referente as classes acionais e o aspecto gramatical, outra forma de coleta de dados foi a apresentação de vídeos curtos do cotidiano da aldeia, de forma a permitir que o falante descrevesse o evento que estava ocorrendo. No contexto do vídeo, há vários homens sentados e agachados no chão, produzindo arcos e flechas para uma cerimônia, enquanto um senhor mais velho, canta para eles durante o processo. O falante observou as imagens e descreveu da seguinte forma:

- (153) Tepkunuti ne me mã
 Tepkunuti Nfut eles Dat
 ‘Tepkunuti...

metũm kam Me-ngrere jarẽnh o dja
 antigo Loc canto v.dizer Ins Pos. em pé
 ...canta um canto antigo para eles...

nhym kam me abatãnh pari-bê amĩ
 Conj Loc Hum grande sentados (no chão) Rec
 ...enquanto eles fazem...

³⁹ O que não está claro é o uso de um definido *ja* antes do nome *pidjô* ‘fruta’. O morfema parece especificar o nome, mas a sua interpretação e distribuição precisa ser investigada.

kruwa mẽ dudjê nh-ipêx o kumex
 flecha Conj arco 3-v. fazer Ins muito
 ...muitas flechas e arcos para eles...

Em (153), temos um imperfectivo. As ações de ‘cantar’ e ‘fazer’ estão em andamento, indicando que ambas ocorrem simultaneamente e não há um ponto de culminância expresso. O tempo de tópico (TT) está totalmente incluído no TSit. Isso significa que o momento em que a afirmação é feita (TT) ocorre no mesmo período em que as ações de ‘cantar’ e ‘fazer flechas e arcos’ estão acontecendo (TSit). Essa junção entre os períodos é realizado pela conjunção *nhym* (sujeito ou foco diferente) seguido pelo locativo *kam*, que insere uma ação na outra.

Nesta seção vimos como a língua Mebêngôkre faz a distinção entre perfectivo e imperfectivo nas sentenças. Através do uso de auxiliares, de ordem sintática, de formas verbais e nominais dos verbos, do uso de verbos posicionais auxiliares e do tempo marcado em orações principais, a língua distingue a relação entre tempo de tópico e tempo de situação.

Na questão aspecto-temporal, observamos que o não-futuro (passado e presente) e a (im)perfectividade podem ser especificados por meio de adverbiais, auxiliares ou contextos. Em termos de morfologia, os verbos não sofrem flexão para marcar o tempo e aspecto. Em português, por exemplo, a morfologia de "compramos" pode indicar presente ou passado: *Nós compramos pão ontem / Nós compramos pão diariamente*. Essa não é uma distinção morfossintática no verbo, ou seja, o aspecto não está nesse nível da sentença, mas na construção que engloba o uso de adverbiais. Essa falta de distinção entre presente e passado (morfológica) é generalizada em Mebêngôkre. O ponto aqui é saber como o passado e o presente se associam ao aspecto imperfectivo / perfectivo em Mebêngôkre. A pesquisa apontou alguns caminhos, mas de longe não é exaustiva, a conclusão que podemos chegar até o momento se resume no quadro a seguir:

Quadro 7: Sistema TAM na língua Mebêngôkre (Kayapó)

ASPECTO GRAMATICAL	PARTÍCULA DE TEMPO	AUXILIARES ASPECTUAIS	FORMA VERBAL
IMPERFECTIVO PROGRESSIVO	ne / dja	o + posicionais	não-finita
IMPERFECTIVO HABITUAL	ne / dja	akati kunĩ kôt	finita
PERFECTIVO	ne / dja	adverbiais / arỳm / ojnore	finita / não-finita
PERFEITO	ne / dja	djwỳnh rãp	finita / não-finita
PROSPECTIVO	Ø / ne	‘ỳr / mã	não-finita

Inspirado em Ferreira e Müller (2020).

No quadro (7), temos um pareamento entre forma e função, é uma síntese dos resultados alcançados até o momento. Há lacunas a serem preenchidas como a distribuição dos auxiliares e o que estão modificando nas sentenças.

Nos exemplos com o verbo comprar, em português, *Nós compramos pão ontem* é perfectivo, mas *Nós compramos pão diariamente* é imperfectivo, habitual. Se retirarmos os advérbios, a sentença *Nós compramos pão* passa a ser ambígua entre passado e presente, só o contexto discursivo vai resolver qual é o tempo. Isso não é um problema. Também em *Cortei a manga* só o contexto vai dizer se *cortei* uma fruta ou uma parte de uma roupa. Nesse sentido, qual é a relação entre tempo e aspecto em Mebêngôkre? É preciso o sentido passado para criar o perfectivo?

A conclusão que chegamos é que ainda não está clara a distinção entre perfectivo e imperfectivo em Mebêngôkre, mas alguns apontamentos foram realizados. Para eventos concluídos, nos quais não haverá mais desenvolvimento da ação e o falante tem uma visão externa do evento, *arym* é um dos elementos mais utilizados. As classes acionais, por exemplo, se confundem com a marcação de (im)perfectividade em Mêbengôkre. O tempo verbal é dependente da (im)perfectividade, a distribuição e a semântica das partículas na língua ainda precisam ser plenamente descritas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, foi apresentada uma descrição e análise da semântica aspectual da língua Mebêngôkre, com foco na distinção entre os aspectos perfectivo e imperfectivo. Observou-se que, embora a literatura existente aborde majoritariamente aspectos morfossintáticos da língua, a dimensão semântica permanece pouco explorada. Com base na teoria da Semântica Formal e na proposta de Klein (1994), o estudo buscou descrever como os falantes de Mebêngôkre realizam essa distinção aspectual. A metodologia adotada foi a elicitación controlada, inspirada em estudos anteriores sobre outras línguas indígenas.

A pesquisa constatou que o sistema aspecto-temporal do Mebêngôkre apresenta características particulares e desafios que foram analisados ao longo do estudo. Enquanto manifestações aspectuais típicas de línguas como o inglês e o português não ocorrem da mesma maneira, Mebêngôkre emprega estratégias próprias, que diferem em vários níveis. Isso gerou dificuldades para uma caracterização precisa das manifestações de aspecto. Primeiramente, o sistema aspecto-temporal da língua envolve uma interação complexa entre auxiliares, casos gramaticais e contexto discursivo. Apesar da quantidade de dados elicitados, ainda existem lacunas que precisam ser preenchidas para uma compreensão mais ampla. Uma análise sintática dentro do paradigma gerativo pode explorar questões em aberto, como a relação entre os auxiliares e outros elementos na sentença. Testes adicionais com modificadores e a elicitación de dados negativos foram indicados como próximos passos.

Com relação ao sistema temporal, observou-se que a língua distingue futuro e não-futuro, utilizando auxiliares como *ne* e *dja* para marcar essas categorias. No entanto, o uso de *ne* como cópula e dos diretivos ‘*yry*’ e *mã* como prospectivos ainda requer uma descrição mais detalhada. Além disso, a pesquisa investigou a conexão entre sentenças, destacando operadores como *ne* e *nhym*, que estabelecem sequências temporais. A análise enfatizou a importância de uma abordagem formal para o aspecto gramatical, distanciando-se de modelos descritivos mais tradicionais.

A pesquisa também destacou a importância de uma metodologia rigorosa e adaptável, sensível às especificidades da língua e ao conhecimento dos consultores nativos. A coleta de dados envolveu atividades como tradução de sentenças, julgamentos de verdade e felicidade, além de testes de gramaticalidade e produção, permitindo uma compreensão mais detalhada do sistema aspectual da língua. O Mebêngôkre marca o aspecto gramatical e apresenta os quatro tipos de aspecto propostos por Klein (1994): perfectivo, imperfectivo, perfeito e prospectivo,

porém, de forma específica e complexa, que não envolve flexão verbal, mas o uso de morfemas independentes, típicos de línguas isolantes. Os resultados demonstram que a (im)perfectividade em Mebêngôkre é expressa por meio de auxiliares na sentença, que interagem com as formas verbais (finita e não finita), com a negação, e com o uso de auxiliares no início das sentenças e após os verbos. A literatura sobre a língua denomina esses auxiliares como partículas. Esse é um conceito vago que essa pesquisa buscou esclarecer. Elementos como *arým* parecem indicar a culminância da sentença, enquanto outros, como *kôt*, podem ter um significado frequentativo ou continuativo/durativo quando associados à nomes ou verbos. Outro ponto que não ficou claro é o futuro e o não-futuro. Será marca de tempo? Factual e não-Factual? Indicativo e Subjuntivo? Essas são algumas hipóteses levantadas pela pesquisa. Há um núcleo finitude que interage com o aspecto na língua? Uma forma sugerida de testar é associar as formas verbais com aspectos distintos e casos distintos, mas essas são etapas para um momento futuro.

Dessa forma, os achados desta pesquisa contribuem significativamente para a documentação da língua Mebêngôkre, ampliando a compreensão do sistema aspectual e servindo como referência para outros pesquisadores e linguistas. A pesquisa também destacou o papel da elicitación controlada como uma ferramenta essencial para investigações em línguas indígenas, especialmente considerando que o pesquisador não é falante nativo da língua em questão.

Ademais, o estudo abordou a situação atual da língua e do povo Mebêngôkre, enfatizando a importância de dados atualizados, muitas vezes ausentes na literatura. A cooficialização da língua no município de São Félix do Xingu, no Pará, reforça a necessidade de desenvolvimento de materiais didáticos e de consulta que poderão ser elaborados a partir dos resultados apresentados.

Por fim, o estudo ofereceu uma análise aprofundada da semântica aspectual em Mebêngôkre, contribuindo para os avanços na linguística formal, além de apoiar a preservação cultural e linguística do povo Mebêngôkre.

REFERÊNCIAS

- A HISTÓRIA QUE CONTA O LÉXICO MÊBÊNGÔKRE. *Revista de Letras Norte@mentos*, [S. l.], v. 13, n. 33, 2020. DOI: [10.30681/rln.v13i33.7621](https://doi.org/10.30681/rln.v13i33.7621). Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/norteamentos/article/view/7621>.. Acesso em: 29 jul. 2024.
- ARREGUI, ANA ; RIVERO, M. L. ; SALANOVA, A. P. . **Imperfectivity: capturing variation across languages**. In: Proceedings of MOSS, 2011, Moscow. Disponível em : <https://kaitire.rdc.uottawa.ca/kaitire_aix1/Docs/imperfectivity.pdf>. Acesso em : 03 nov. 2022.
- BERTUCCI, R. A. Questões semânticas sobre tempo e aspecto em português brasileiro. *Cadernos do IL*, [S. l.], n. 52, p. 065–089, 2017. DOI: 10.22456/2236-6385.67140. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/cadernosdoil/article/view/67140>. Acesso em: 01 set. 2024.
- BORGES, Marília. Aspectos morfossintáticos das relações genitivas na língua Kayapó. In: **Moara, Rev. dos Cursos de Pós-Graduação em Letras**, no 4:77-82. Belém, Universidade Federal do Pará, 1996.
- CAMARGO, Nayara da Silva. **Tapayuna (Jê): Aspectos morfossintáticos, históricos e sociolinguísticos**. 2015. 210 f. Dissertação (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.
- COHEN, David. **El aspecto verbal**. Madrid, Gráfica Muriel. 1989. 293pp.
- COMRIE, Bernard. **Aspect**. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.
- COSTA DA SILVA, Lucivaldo. **Uma descrição gramatical da língua Xikrín do Cateté** (família Jê, tronco Macro-Jê) Tese (Doutorado em Linguística). UnB: Brasília, 2015. 358 p.
- GOMES, Edson de Freitas. **Aspectos morfossintáticos em Mebêngôkre : transitividade e marcação de argumentos** / Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, Belém, 2021.
- FERREIRA, Marcelo. **Semântica: uma introdução ao estudo formal do significado**. São Paulo: Contexto, 2022. 320p.
- FOLTRAN, Maria José; WACHOWICZ, Teresa Cristina. **Sobre a noção de aspecto**. *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 48(2) – Jul./Dez. Campinas, 48(2):211-232, 2006.
- FRANCHETTO, Bruna; VIEIRA, Márcia D.; LEITE, Yonne. **A Ergatividade Nas Línguas Indígenas Brasileiras: Um Estudo Morfossintático**. Curso Línguas ameríndias: conhecer, documentar, descrever (Pós Doc PPGAS - MNA 863 - Estrutura das Línguas Indígenas Brasileiras). Rio de Janeiro: UFRJ, 2015.
- GOMES, A. Q. (2015). Línguas Indígenas Brasileiras: **O novo campo de provas dos universais linguísticos**. *LIAMES: Línguas Indígenas Americanas*, 15(1), 149–165. <https://doi.org/10.20396/liames.v15i1.8641500>

GOMES, Ana Quadros; SANCHEZ-MENDES, Luciana. **Para conhecer semântica**. São Paulo: Contexto, 2018. 208p. : il. (Para conhecer)

JEFFERSON, Kathleen. **Gramática Pedagógica Kayapó** (3 Vols.). Brasília, Summer Institute of Linguistics, 1989.

KLEIN, Wolfgang. **Time in language**. London, New York: Routledge, 1994.

MATTHEWSON, Lisa. **On the methodology of semantic fieldwork**. International Journal of American Linguistics 70(4): 369-415, 2004

MENDONÇA JUNIOR, Clédson. Aspecto Lexical na Língua Mebêngôkre (Kayapó): **estudo com indígenas em trânsito pela cidade de São Félix do Xingu - PA**. 2021. 97 f. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Linguística e Línguas Indígenas) - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MENDONÇA JUNIOR, C.; GOMES, A. P. Q.; KAYAPÓ, B.; MENEZES, D. da S. Me Kunĩ Umari: Networked for the Linguistic Rights of Mebêngôkre (Kayapó) in São Félix do Xingu – PA. **Cadernos de Linguística**, [S. l.], v. 4, n. 2, p. e687, 2023. DOI: 10.25189/2675-4916.2023.v4.n2.id687. Disponível em: <<https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/687>>. Acesso em: 1 maio. 2024.

MENDONÇA JUNIOR, Clédson. **O aspecto gramatical na língua Mebêngôkre (Kayapó): uma investigação no quadro da Semântica Formal**. Seminário de Pesquisas Linguísticas em Andamento (SEPLA), 2021.

MENEZES, Dilcilene da Silva. **As Classes Lexicais em Mebêngôkre**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 2018.

MÜLLER, Ana; FERREIRA, Luiz Fernando. O sistema aspecto-temporal da língua karitiana. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 62, n. 00, p. e020012, 2020. DOI: 10.20396/cel.v62i0.8658731. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8658731>. Acesso em: 10 maio. 2024.

MÜLLER, Ana; BERTUCCI, R. 2018. O aspecto e a interpretação de presente em línguas: passado/não-passado versus futuro/não futuro. In: **Estudos Formalistas das Línguas Naturais**.1 Campinas: Pontes ed., p. 11-48.2.

NASCIMENTO, Márcia. **Tempo, Modo, Aspecto e Evidencialidade em Kaingang**. 2013. 140 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna . **Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: Loyola. 1986

RODRIGUES, Carlos Eduardo Serrina de Lima. **Um estudo exploratório do processamento de informação das interfaces na aquisição da linguagem**: o aspecto verbal no português. Rio de Janeiro, 2007. Dissertação (Mestrado em Letras). PUC-Rio, 2007. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=10731@1>> Acesso em: 13 fev. 2021.

SALA, Antônio Maria. Ensaio de Grammatica Kaiapó, *In: Revista do Museu Paulista* XII, primeira parte, pp. 393-429. São Paulo, 1920.

SALANOVA, Andrés Pablo. **Nominalizations and aspect**. [Cambridge, MA]: MIT. (Doctoral dissertation, Cambridge: Massachusetts Institute of Technology; 151pp.), 2007.

SALANOVA, Andrés Pablo. Uma análise unificada das construções ergativas em Mëbengokre. **Ameríndia**. 2009. Disponível em: <<http://www.etnolinguistica.org/artigo:salanova-2009/comments/show/p/1>>. Acesso em: 10 set. 2017.1678-8931 [www.revel.inf.br].

SALANOVA, Andrés Pablo ; RIVERO, M. L. ; ARREGUI, ANA . Imperfectives in Mbengokre. In: Seventh Conference on the Semantics of Under-represented Languages in the Americas, 2012. SULA 7: Proceedings of the Seventh Conference on the Semantics of Under-represented Languages in the Americas. Amherst: GLSA. p. 193-206.

SANCHEZ-MENDES, Luciana. **Trabalho de campo para análise linguística em Semântica Formal**. Revista Letras, Curitiba, n. 90, p. 277-293, jul./dez. 2014. Editora UFPR.

SILVA, M.A.R. (2001). **Pronomes, ordem e ergatividade em Mebengokre (Kayapó)**. Campinas, 2001. Dissertação (Mestrado). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2001.

SILVA, Elicia das Mercês Batista da. **Diferença da fala feminina e fala masculina na língua Mebêngôkre**. 2018. 135 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Línguas Indígenas) - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

SILVA MENEZES, Claudiane da. **Puru Mex Kumrex: o campo semântico da agrobiodiversidade na língua Mëbêngôkre**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 2018.

SOUZA, Érica Azevedo de Souza. **Semântica do aspecto em português brasileiro: uma proposta para o ensino da (im)perfectividade**. (Dissertação de mestrado). Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021.

SMITH, Carlota S. Viewpoint Aspect. Chapter 4. In : **The Parameter of Aspect**. Dordrecht Kluwer Academic Publishers, 1991.

STOUT, Mickey ; THOMSON, Ruth. Elementos proposicionais em orações Kayapó. *In: Série Lingüística*, no 3, pp. 35-68. Brasília, Summer Institute of Linguistics, 1974a.

STOUT, Mickey ; THOMSON, Ruth. Modalidade em Kayapó. *In: Série Lingüística*, no 3, pp. 69-98. Brasília, Summer Institute of Linguistics, 1974b.

TRAPP, E. R. **A gramática da língua Kayapó**. Missão Cristã Evangelica do Brasil. 1984. 124pp.

VAN VALIN, Robert D. Semantic macroroles and language processing. **Trends in linguistics studies and monographs**, v. 165, p. 263, 2006.

VON FINTEL, Kai; MATTHEWSON, Lisa (2008). **Universals in semantics**. The Linguistic Review 25: 139-201. doi: 10.1515/TLIR.2008.004

OBRAS CONSULTADAS

ARCHE, Maria J. **About the Primitives of Aspect across Languages**. Natural Language & Linguistic Theory, 2014.

BACH, Emmon; CHAO, Wynn. On semantic universals and typology. **Language universals**, p. 152-173, 2009.

CABRAL, A. S. A., A. D. Rodrigues e L. S. Costa. Notas sobre ergatividade em Xikrín, **LIAMES**, n. 4, pp. 21-28, 2004.

CASTRO ALVES, Flavia. **Tempo, aspecto e modalidade em Canela**. *ReVEL*. Edição especial n. 3, 2009.

GONÇALVES, Solange Aparecida. **Aspecto no Kaingang**. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

GVOZDANOVIĆ, Jadranka, ' Perfective and Imperfective Aspect', in Robert I. Binnick (ed.), *The Oxford Handbook of Tense and Aspect*, Oxford Handbooks (2012; online edn, Oxford Academic, 18 Sept. 2012), <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780195381979.013.0027>, accessed 01 May 2024.

MENEZES, Claudiane da Silva. **Censo das aldeias localizadas no município de São Félix do Xingu**. São Félix do Xingu: Secretaria Municipal de Cultura, 2020.

SALANOVA. Andrés Pablo. **The building blocks of aspectual interpretation**. University Ottawa. Published in Proceedings of SULA 4. Amherst, MA, USA : GLSA, 2007.

SALANOVA, Andrés Pablo. The sense of Mëbengokre nominalizations. Pôester. In FUJIMORI, A., SILVA, M.A. Reis (eds.), **Proceedings of the 11th Workshop on Structure and Constituency of the Languages of the Americas (WSCLA)**, Vancouver : University of British Columbia Working Papers in Linguistics. 2006.pp. 144-150. Disponível em : <https://kaitire.rdc.uottawa.ca/kaitire_aix1/Docs/wscla-poster.pdf>. Acesso em: 10 set. 2017

SALANOVA, Andrés Pablo; ARREGUI, Ana; RIVERO, María Luisa. Uma análise modal dos imperfectivos de Mebengokre. **Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro**. Volume 9, número 1, junho de 2013. ISSN 1808-835X 1.

SANCHEZ-MENDES, L. Semantics and indigenous languages. **Cadernos de Linguística**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. e324, 2021. DOI: 10.25189/2675-4916.2021.v2.n1.id324. Disponível em: <https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/324>. Acesso em: 10 may. 2024.

SÃO FÉLIX DO XINGU. **Lei nº. 571/2019, de 13 de novembro de 2019**. Dispõe sobre a cooficialização da língua Mebêngôkre (Kayapó) no Município de São Félix do Xingu–PA e o incentivo da disciplina de estudo da língua no currículo escolar, nas escolas da rede municipal de ensino localizadas nas regiões em que predominam a população descendente no município. São Félix do Xingu: Câmara Municipal, 2019.

VENDLER, Zeno. Verbs and times. **The Philosophical Review** 66(2): 143-160. 1957